



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Ciências Sociais

Natânia Pinheiro de Oliveira Lopes

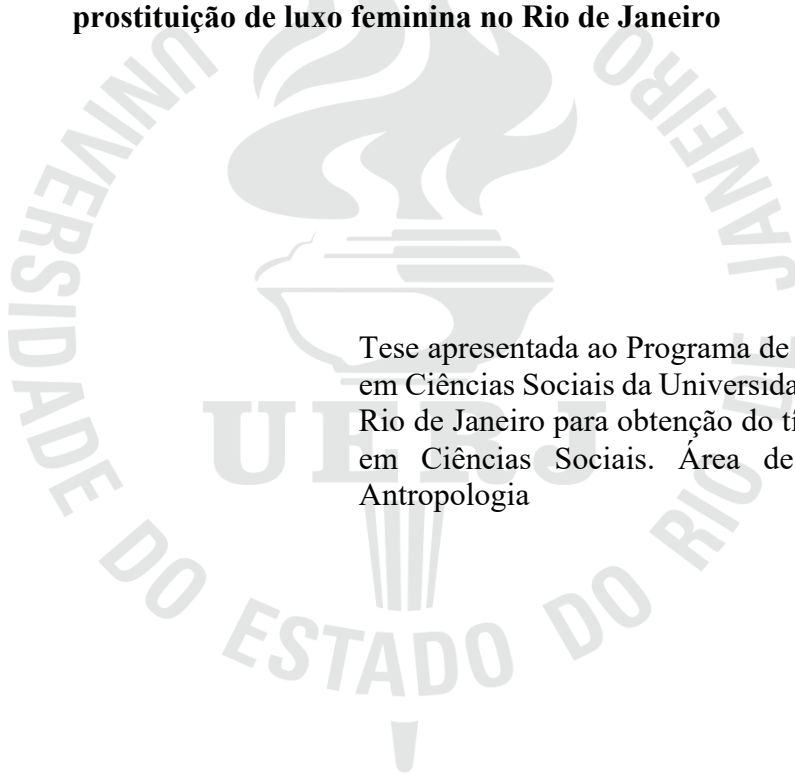
**Experimento em etnografia ou sobre o que nos diz Giovana:
um estudo sobre a prostituição “de luxo” feminina no Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro

2016

Natânia Pinheiro de Oliveira Lopes

**Experimento em etnografia ou sobre o que nos diz Giovana: um estudo sobre a
prostituição de luxo feminina no Rio de Janeiro**



Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação
em Ciências Sociais da Universidade do Estado do
Rio de Janeiro para obtenção do título de Doutora
em Ciências Sociais. Área de Concentração:
Antropologia

Orientadora: Prof. Dra. Patrícia Birman

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

L864 Lopes, Natânia Pinheiro de Oliveira.
 Experimento em etnografia ou sobre o que nos diz Giovana: um estudo sobre
 a prostituição de luxo feminina no Rio de Janeiro / Natânia Pinheiro de Oliveira
 Lopes. – 2016.
 150 f.

 Orientadora: Patrícia Birman.
 Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de
 Ciências Sociais.

 1. Ciências Sociais – Teses. 2. Prostituição – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 3.
 Etnologia – Teses. I. Birman, Patrícia. II. Universidade do Estado do Rio de
 Janeiro. Instituto de Ciências Sociais. III. Título.

CDU 3(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Natânia Pinheiro de Oliveira Lopes

**Experimento em etnografia ou sobre o que nos diz Giovana: um estudo sobre a
prostituição de luxo feminina no Rio de Janeiro**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Ciências Sociais da Universidade do Estado do
Rio de Janeiro para obtenção do título de Doutora
em Ciências Sociais

Aprovada em 24 de outubro de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Patrícia Birman (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Prof. Dra. María Elvira Benítez
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Prof. Dr. Sérgio Carrara
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Prof. Dra. Adriana Piscitelli
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Prof. Dra. Ana Paula da Silva
Universidade Federal Fluminense – UFF

Rio de Janeiro
2016

DEDICATÓRIA

Para Geraldo e Aleluia Lopes

AGRADECIMENTOS

Esta é uma parte delicada do trabalho, pois, pela quantidade de pessoas que me ajudou em todas as suas etapas, fica sempre um receio de deixar alguém de fora.

Agradeço, primeiramente, às garotas de programa com as quais convivi, que fizeram germinar em mim as primeiras curiosidades sobre o universo estudado. Devo a elas alguns dos *insights* mais fundamentais que pude ter para escrever a tese e agradeço imensamente pela paciência com que me trataram e me conduziram por suas ricas experiências. Milena, Débora, Serena, Íris, Mila, Michele, Larissa, Raquel, Josi, Marcela, Maya, Bruna, Gabriela, Nilce, Lourdes, Giovana, Amanda, Anita e tantas outras cujos nomes sempre cambiantes já não me recordo, ou mesmo nunca cheguei a saber, o que não impediu que trocássemos informações sobre detalhes muito pessoais de nossas vidas. Também aos clientes, agenciadores, funcionários das Casas; minha mais sincera gratidão pela sua caríssima colaboração.

Agradeço à agência de fomento CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa concedida através da qual a pesquisa fora financiada ao longo destes quatro anos.

Também é imprescindível agradecer a Wagner de Souza e Sônia Costa, da secretaria do PPCIS, pelo trabalho sempre bem feito, atento e cuidadoso. Vocês se tornaram amigos queridos, com quais pude contar para resolver as questões burocráticas do mestrado e doutorado, orientando-me sempre com gentileza e cortesia sobre bolsas, auxílios, inscrições em disciplinas e tudo o mais que eu precisasse. Penso que cada trabalho concluído no Programa represente uma vitória que é também sua.

Agradeço a minha orientadora, Patrícia Birman, pela supervisão e apoio para realização da tese, chamando sempre minha atenção para a necessidade de dar “carne” ao texto. Com Patrícia aprendi a fazer trabalho de campo. Desde a graduação, com a pesquisa sobre pentecostalismo na Ilha Grande, Patrícia me orienta sobre o que pode ser etnograficamente relevante no tecido inteiriço da experiência, e, sobre como me relacionar com as pessoas na situação de campo. Mas é preciso tirar de seus ombros a responsabilidade pela forma toda própria como eu aprendi a fazer etnografia, já que o trabalho de campo é realizado a partir de nossa própria bagagem, sempre de forma pessoal.

À minha família, pelo inestimável apoio dado nestes quatro anos de pesquisa e escrita, e pelas escutas frescas de diversos trechos do meu texto. Meu querido pai ouviu meus primeiros capítulos enquanto dirigia, nas viagens de ida e volta, para visitar nossa família em Minas Gerais. E minha mãe ouviu diversas versões das mesmas partes da tese, do início ao fim do

trabalho, enquanto eu caminhava atrás dela com o computador pela casa, lendo o que havia escrito. Minha irmã Clarissa esteve interessada em minhas discussões epistemológicas e me sugeriu algumas relações interessantes com a física e a química quântica, além de me sugerir a reformulação do primeiro formato dado à conclusão do trabalho. Patrícia, minha “irmã-mãe”, ouviu também algumas passagens com atenção, tecendo comentários e me deu valioso suporte emocional. Aleluia Lopes, Geraldo Lopes, Clarissa da Silva e Patrícia Paiva. Obrigada, de todo o meu coração.

Também agradeço a Carlos Meirelles e Natan Carvalho por me ouvirem ler o texto quando eu estava insegura sobre qualquer ponto de minha argumentação, ou quando queria dividir com alguém algumas curiosidades. Eles ofereceram um ponto vista leigo, útil para oxigenar as ideias formuladas a partir do debate acadêmico. E a Carlos Meirelles (pai), pela impressão deste material que eu não teria condições de pagar.

A Lucas Fontes agradeço pela parceria e companheirismo, pelo amor e pelo carinho, e, por toda a intimidade construída. Penso que foram estas coisas que te fizeram aguentar toda a montanha russa emocional por que passei na fase final da escrita, bem como fizeram com que eu me sentisse a vontade para dividir tudo isso contigo. Contar com o seu precioso apoio foi fundamental para a conclusão deste trabalho.

À Silvia Naidin, todos os agradecimentos do mundo não fariam jus a sua colaboração. Agradeço imensamente pela troca amistosa de opiniões sobre nossos trabalhos, por todas as horas ao telefone discutindo o texto, pelos conselhos, pelo carinho, pela sua amizade. Suas opiniões inteligentes foram imprescindíveis para a minha escrita e elaboração das ideias todas. Doutoranda na mesma instituição e de uma turma antes da minha, orientada pela mesma professora, Silvia seguiu, estes anos, alguns passos a minha frente como que clareando o caminho e ajudando-me a entender todo o processo. Obrigada, amiga.

Aos amigos Dennis Novaes, Everton Rangel, Oswaldo Zampiroli e Marcio Zamboni agradeço pelas trocas primorosas. Dennis foi meu colega de curso no Museu, na saborosa disciplina oferecida pela Professora Marta Cioccarri e por Priscilla Coutinho. Desde então um entusiasmo mútuo e uma troca “fina”, como ele diria, tem marcado uma das relações mais importantes que cultivei nos últimos anos, na academia. Obrigada pelas suas contribuições para a minha pesquisa e para a minha vida. Você bem sabe como eu sou incapaz de distinguir as duas.

Marcio, assim como Dennis, leu a primeira versão da metodologia e recomendou bibliografia. Everton leu meu primeiro rascunho da tese, tendo feito comentários perspicazes. Oswaldo, apesar de tê-lo conhecido com o trabalho já andado, contribuiu enormemente com

sugestões bibliográficas e interpretações dos dados do campo. É dele a ideia de observar as dinâmicas dos fluidos corporais em campo. Obrigada.

Agradeço à Paola Lins, que acompanhou a evolução do trabalho desde a apresentação dos primeiros dados do campo na reunião do grupo DISTURBIO (Dispositivos, Tramas Urbanas, Ordens e Resistências) da UERJ e UFRRJ. Paola foi, nas aulas do Seminário de Tese do PPCIS, uma comentadora gentil, coerente e encorajadora. Sua opinião é importante para mim por sua competência, que admiro desde a primeira disciplina do mestrado, que fizemos juntas no Museu Nacional.

A todos os colegas do NUSEX (Núcleo de Pesquisas em Sexualidade) do Museu Nacional, agradeço também pela gentil acolhida e pelas conversas informais que iluminaram, com seu domínio teórico, muitas das minhas perspectivas. Nathalia Gonçalves, Lucas Freire e Carol Maia, além de Everton e Oswaldo foram fundamentais para reelaboração da parte metodológica do trabalho desde a sabatina generosamente oferecida pela Professora María Elvira Benítez para discutir questões a respeito das quais eu estava mais insegura.

Aos colegas do Observatório da Prostituição, grupo de extensão da UFRJ, coordenado pela querida Professora Soraya Simões. Agradeço e parabeno pela militância inteligente, necessária para construir uma posição política dentro da academia a respeito dos assuntos ligados à prostituição. Agradeço especialmente aos elogios encorajadores de Guilherme Aleff e por sua amizade e a de Guto Franco. Assim como a Julie Ruvollo e José Gonçalo.

Camila Pierobon e Adriana Fernandes foram amigas valorosas neste percurso, tendo ficado ao meu lado quando eu mais precisei. Obrigada. Vocês foram maravilhosas! Defenderam e acreditaram no meu trabalho como duas irmãs protetoras. Adriana esteve em minha banca de qualificação, dividiu quarto comigo no congresso da RAM e, como Camila, foi uma mediadora zelosa de algumas que relações que eram importantes para mim.

À Camila Fernandes, guerreira militante de um feminismo cotidiano. Agradeço pela tomada de partido, pelo apoio afetivo e pelas palavras de incentivo antes da apresentação do meu trabalho na Jornada do NUSEX, em 2015. Ali, além dos respeitáveis comentários de Fátima Lima, encontrei uma plateia de novos amigos que me deram confiança para seguir com a abordagem da pesquisa. À Camila também devo a boa sorte de ter sido apresentada a Thaddeus Blanchette.

Agradeço a Janine Targino, que tem sido uma grande aliada pela partilha de muitas experiências que, felizmente, temos em comum, como estudar na mesma instituição, ter amigos em comum fora da academia, morar no mesmo bairro e frequentar o mesmo bar. Querida, te agradeço pelo companheirismo em situações as mais diversas, que vão desde a visita à

exposição da Frida Kahlo às madrugadas no Xixi no Balde, muitas das quais terminaram em ébrias leituras da tese, ainda em processo.

À Priscila Loretto agradeço pela companhia que teria sido em Paris, já que viajaríamos juntas. Eu sei o quanto você queria que eu tivesse ido contigo e lamento que tenha tido que enfrentar todo o estranhamento desta experiência nova sozinha. Agradeço pelas horas discutindo o trabalho por Skype, pela troca de informações e de experiências, desde que nos conhecemos na sala de espera da entrevista para o processo seletivo do doutorado na UERJ.

À Laura Murray agradeço pela conversa que me fez tomar o fôlego final, para concluir o trabalho. Foi Laura quem me disse que enquanto se está consumida pela preocupação de fazer a melhor tese do mundo não se pode terminar. É preciso admitir as limitações do trabalho e perceber que a tese pode ser apenas o primeiro rascunho das pesquisas de uma carreira acadêmica.

Agradeço à Amara Moira, Lourdes Barreto, Bethania Santos, Indianara Siqueira, Gabriela Leite e todas aquelas que romperam e rompem com o pacto do silêncio sobre a atividade prostitucional. Sua coragem e doação são inspiradoras e sua luta deve ser reconhecida e respeitada por representar muitas mulheres que, cotidianamente ultrajadas em seu “trabalho sujo”, esgueiram-se pelas sombras do segredo de serem “putas”.

A Michel Carvalho agradeço pela companhia divertida e sofisticada. A Flávio Lenz pelo incentivo e cortesia. À Thomas Melo pela troca de ideias de madrugada por Skype. A Vinícius Jackes pela leitura da biografia de Giovana. A Michel Alcoforado pela discussão da metodologia na disciplina do Seminário de Tese, ministrada pela Professora Clara Araújo, na UERJ. A ela agradeço pelo espaço aberto para esta discussão, que foi preciosa para mim.

Agradeço a José Miguel Olivar e à Professora Adriana Piscitelli pelo interesse no trabalho e pela receptividade, ainda que tenha tido contato com eles apenas na fase final da escrita. É motivador poder contar com a interlocução dos autores que admiramos.

À Professora Laura Lowenkron agradeço pela conversar em Montevidéu sobre a minha trajetória no doutorado e sobre minha tese. Laura, com uma notável habilidade para se mover entre as relações acadêmicas, me deu muitos bons conselhos, que me acalmaram em relação às duras críticas que meu trabalho recebeu, ainda em sua fase embrionária. Obrigada, Laura.

À Professora Soraya Simões agradeço pelo espírito fraterno que contagiou meus pais, pela minha inclusão no Observatório da Prostituição e pelo convite para mediar o debate no belo evento “Uma Revolução Particular – Movimento Brasileiro de Prostitutas”.

Aos Professores Ana Paula da Silva e Thaddeus Blanchette, não tenho palavras para agradecer. Foram talvez meus principais aliados políticos e companhias intelectuais importantíssimas na minha trajetória. Vocês têm sido também grandes amigos, que ajudaram a

construir uma rede de relações a partir da qual eu pude ver que não estava sozinha. Muito obrigada.

À Professora Carly Machado, que foi quem primeiro e melhor caracterizou a questão epistemológica que me interessa desde o mestrado. Obrigada. Se consegui dar conta desta questão na tese com mais clareza do que na dissertação, foi muito graças a algumas conversas com Carly. Agradeço também pelos conselhos a respeito de como reagir aos questionamentos que todo trabalho acadêmico naturalmente enfrenta, ao longo de seu desenvolvimento e pelas estratégias narrativas que me sugeriu.

Agradeço também à Professora Paula Lacerda pelas diretrizes que seus comentários me deram. Foi da conversa com Paula que surgiu o primeiro rascunho da metodologia. Sua solidariedade diante dos problemas que enfrentei ao longo do doutorado me sensibilizaram. Obrigada, Paula.

Ao Professor Ronaldo Castro, que foi sempre presença intelectual importante na minha trajetória acadêmica, iluminando meu trabalho com sua erudição. Assim também o Professor Amir Geiger, com seus longos e encantados e-mails que colaboraram para a evolução da escrita desde uma perspectiva de dentro dos argumentos.

Professor Jorge Leite, querido Cabelo, agradeço pela leitura estratégica da metodologia e pelas críticas que me ajudaram a avançar, ressaltando a importância da interlocução com a bibliografia e os caminhos que eu deveria tomar para me proteger de críticas mais superficiais e pouco construtivas.

À Professora María Elvira Benítez tenho muito a agradecer. Você tem sido uma amiga querida cuja influência ultrapassa muito as finalidades acadêmicas e a relação professora-aluna. Agradeço pelo afeto e pela recepção, bem como por incluir minha pesquisa nas discussões com seus orientandos. Agradeço também pela leitura cuidadosa do meu texto de qualificação. Elvira, assim como Sergio Carrara, acompanhou o nascimento do trabalho, desde a qualificação. Ambos deram as primeiras diretrizes para um melhor desenvolvimento da escrita. A Sérgio agradeço pelo interesse sincero e pelos comentários e sugestões todos. Foram de grande valia.

À Professora Adriana Viana eu agradeço pela conversa na festa de aniversário na casa de Maria Elvira sobre a composição de minha banca de avaliação deste trabalho. Adriana me chamou atenção para que as críticas ao trabalho são parte importante do processo, se elas se propõem a discutir o trabalho “por dentro” em vez de se apegarem aos conflitos morais que ele pode provocar.

Por fim, agradeço aos críticos do trabalho, cujo desafio colocado serviu imensamente para impulsionar-me, ajudando a construir e fortalecer muitas alianças. Meu mais sincero obrigada.

RESUMO

LOPES, O. P. N. *Experimento em etnografia ou sobre o que nos diz Giovana: um estudo sobre a prostituição de luxo feminina no Rio de Janeiro*. 2016. 150 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

O presente trabalho pretende realizar um experimento em etnografia a partir de um questionamento das consequências que resultam da utilização da categoria epistemológica de “outro” no trabalho de campo e no fazer etnográfico em geral (entendido aqui como trabalho de campo mais produção de texto a partir da observação). Neste sentido, são abordados alguns circuitos da prostituição feminina dita de “de luxo” no Rio de Janeiro, focando nos segredos que permeiam o fazer prostitucional e nas diversas técnicas que atravessam a “prostituição de luxo” em bordéis e sites de anúncios de *call girls*.

Palavras-chave: “Prostituição de luxo”. Técnicas. Segredo. Garota de programa. “Outro”.

ABSTRACT

LOPES, O. P. N. *An ethnographic experiment or what says Giovana: a study about luxury female prostitution in Rio de Janeiro*. 2016. 150 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

This doctoral dissertation intends to carry out an experiment in ethnography, questioning the consequences that result from the use of the epistemological category “other” during field work and in the ethnography making in general (understood here as field work and the production of the monographic text). In this sense, some circuits of female prostitution called “luxury” prostitution in Rio de Janeiro are addressed, focusing on the secrets that permeate prostitution and the various techniques that cross “luxury prostitution” in brothels and call girls advert sites.

Keywords: “Luxury prostitution”. Techniques. Secret. Call girl. “Other”.

SUMÁRIO

	PRÓLOGO	12
	INTRODUÇÃO	15
1	METODOLOGIA	21
1.1	Um retrato de Giovana	27
1.2	Perdas e Ganhos de um Retrato, ou sobre uma Giovana surrealista	29
1.3	O ritual da pesquisa; uma questão de entrada? – considerações acerca da posição do pesquisador em campo e o questionamento da noção antropológica de “outro”	32
2	SOBRE A CATEGORIA DO “LUXO” NA PROSTITUIÇÃO	45
3	SEGREDO DA PROSTITUIÇÃO “DE LUXO”, TÉCNICAS DAS GAROTAS E <i>ARS ERÓTICA</i>	55
3.1	Goffman, Simmel e o mecanismo do segredo para as garotas	65
4	TÉCNICAS DAS GAROTAS E SEUS AGENCIAMENTOS	75
5	DIMENSÕES DO SEGREDO PARA OS CLIENTES E SOBRE A INICIAÇÃO SEXUAL MASCULINA COM A PROSTITUTA	86
5.1	<i>Putanheiros</i> – consumo da prostituição como vício e o gozo das garotas de programa	93
6	SOBRE OS SITES E BORDEIS “DE LUXO”	104
6.1	Sites	107
6.2	O ambiente enlouquecedor do “bordel de luxo” – Regulações e disputas	113
6.3	O vestiário feminino e a vigilância da intimidade	119
6.4	O taxi e a bolsa	121
6.5	Pelo telefone ou no salão	124
6.6	No quarto ou etnografia dos programas	126
6.7	O que é o Programa?	127
6.8	Programa 1 – Para-raios dos desejos masculinos	129
6.8.1	<u>Programa 2 – A cura</u>	131
6.8.2	<u>Programa 3 – Tirando onda</u>	133
6.8.3	<u>Programa 4 – A arte de observação de detalhes</u>	134
6.8.4	<u>Programa 5 – Para preservar o casamento</u>	135
	CONCLUSÃO	136
	REFERÊNCIAS	141
	ANEXO A – Cartas a Theo	145

PRÓLOGO

A mulher gritava pelos bombeiros: “*Socorro! Fogo! Fogo!*”. Quando arrombaram a porta: “*Onde é o fogo?*” Zelda bateu no próprio peito: “*Aqui!*”.

Zelda Fitzgerald, esposa de Scott Fitzgerald escreveu um único romance, enquanto esteve internada numa clínica psiquiátrica com o diagnóstico de esquizofrenia. Tem um nome sugestivo: “Esta valsa é minha”.

Giovana lia o livro absorta, deitada na cama de bruços. As pernas dobradas para trás, os pés para o alto. Imagem clássica; mordida uma maçã. O vestido curtíssimo mal pousado nas coxas. Os longos cabelos postiços escorriam pelas costas, caíam pela cama. Eram loiras as pontas, mas no alto da cabeça, seus cabelos eram pretos fazendo um contraste bruto.

Levantou-se num pinote. Começou a se arrumar: os pés descalços calçaram chinelos, e um par de saltos foi posto numa bolsa grande. Ela escovou os dentes e a escova e a pasta foram para uma *necessaire* dentro da mesma bolsa, assim como um estojo de maquiagem. Ela se perfumou e meteu o perfume na bolsa. preservativos, gel lubrificante, uma substância anestésica chamada lidocaína... : bolsa.

Saiu do quarto procurando uma escova de cabelos.

Eu peguei o livro sobre a cama. A primeira frase era: “*Essas garotas -dizem as pessoas- pensam que podem fazer qualquer coisa e ficar impunes*”. Gostei. Combinava com ela, que assumia muitos riscos.

Fomos pegar o taxi. Mal entramos no carro, os chinelos foram postos na bolsa e o salto alto veio para os pés. Ela sorria para mim enquanto se calçava: “*É pra não chamar atenção na minha rua e com meus pais*”. “*Ah sim*”. Começou a se maquiar. Perfumou-se de novo. Colou unhas postiças. Depois, transformada, passou a falar longamente no telefone. Era toda boca e cabelos e decote. Inclina o colo para trás e ria com majestade.

Chegamos ao motel: “*Suíte Presidencial!*”. Entramos. O homem franzino, de toalha, nos cumprimentou educadamente. Deu a mim uma rosa vermelha artificial com um bombom dentro, a ela deu duas. Começamos a conversar.

- *Então você está fazendo uma pesquisa?* – ele perguntou.

- *Sim*, disse eu sucinta, olhos baixos.

- *Safadinha essa pesquisadora heim!*

Giovana interrompeu:

- *Educação com a visita, seu grosso!*

Ele se desculpou.

Giovana completou:

- *Não repara não, Natânia. Ele é grosso em todos os sentidos...*

O rapazinho riu muito e tirou da mochila um perfume barato. Deu-o a Giovana, que abriu um largo sorriso e agradeceu.

O perfume me remeteu imediatamente a uma das crônicas das irmãs Fokkens, escrita em 1966, chamada “A Procissão do Silêncio ou a Marcha dos Cacetes em Chamas”.

[...] Peter já ficara completamente nu e mantinha as mãos atrás das costas. Pediu:

-Escolha uma mão, Marie.

-Quero as duas.

-Não pode –respondeu ele com um tom rabugento.

Eu me resignei.

-Bom, tá certo, então hoje eu vou querer a mão direita.

-Tome, Marie.

O pacote tinha uma embalagem bonita. Abri o presente: era um frasco da deliciosa água-de-colônia 4711 de Boldoot.

-Peter, adorei, de verdade.

Retirei a tampa e borrifei água de colônia por toda a minha volta.

Peter disse:

-Ai, Marie, você está tão cheirosa hoje. O meu nome é Peter e eu tô vindo pra festinha. Mas Marie, você assim me deixa louco.

-Que bom, então aproveite. Marie também adora fazer festa.

Peter se esforçava muito, e eu falei:

-Preciso confessar, você tem o dom e sabe fazer como ninguém.

-Sim, sim! Exclamou Peter. É a última vez que gozo e essa impregnação de 4711 não tem preço.

E Peter desabou, extenuado. Eu lhe estendi um copo d’água. Ele voltou a se vestir depressa e recobrou sua dignidade.

-Bom, já vou. Obrigada e até a próxima.

-Até, Peter 4711.

Arrumei o quarto. Era incrível como estava fedendo. Abri a porta de fora para fazer o cheiro de 4711 sair [...]

Giovana, como Louise, também detestou o perfume que ganhara. E como Louise, disse para seu cliente que tinha adorado. Giovana, às vezes, agia como se fosse eu... essa identificação me permitiu entrar no mundo da prostituição pela estreita porta da intimidade.

O fato de eu ser lida pelas pessoas do campo como alguém que faz programas, ou poderia fazer, me faz pensar sobre o esforço antropológico de criar conhecimento sobre o “outro” através do distanciamento. Continuo achando que a distância esconde coisas (bem como revela outras tantas), mas é justamente no que ela esconde que eu estou interessada. É necessário considerar que “o outro” antropológico é uma categoria que possui forte carga colonial. E que independente da comunidade estudada, esse “outro”, enquanto grupo fechado, não existe. O que existe é um recurso analítico que agrupa uma infinidade de arranjos, de histórias de vida, lhe aplainando e atribuindo características em comum, enxergando em trajetórias únicas e diferentes entre si, uma identidade.

No meu caso específico ainda, o limite entre “eu” e “o outro” sempre foi nebuloso. Pessoalmente sinto que funciono e estabeleço relações muito pautada em processos de

identificação. E é curioso pensar que esse desvio da experiência subjetiva do eu estruturado é requisito médico para o estabelecimento do diagnóstico diferencial dos transtornos do espectro esquizofrênico. Talvez este seja um dos ganchos que me prenderam ao livro de Zelda, bem como à franqueza e as manipulações de Giovana. Essas garotas que, como eu, não ficaram impunes.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é essencialmente etnográfico. Possui dois pilares que o estruturam. O primeiro se constitui de uma discussão metodológica, o segundo se refere à sondagem do universo da prostituição dita de luxo feminina no Rio de Janeiro e dos eventos que me pareceram relevantes para sua caracterização, durante o trabalho de campo. Estes dois pilares estão inextricavelmente relacionados, e determinam-se mutuamente. Ou seja; tanto o conteúdo da etnografia feita aqui não poderia prescindir da metodologia muito específica que a embasa, quanto esta metodologia precisa do enredo e das características próprias do campo para justificar-se, tal qual fora elaborada. Isso deve ficar mais claro a partir da leitura do texto. Por ora, é importante que se tenha em mente que o foco deste trabalho repousa igualmente em ambos os elementos: metodologia e etnografia.

A originalidade da metodologia está na criação de uma ficção etnográfica: Giovana, uma personagem protagonista que é, ao mesmo tempo, as mulheres de meu campo e eu mesma, sendo, sua biografia, uma bricolagem de diversas histórias de vida com as quais tive contato.

Giovana foi um recurso criado para dar conta do problema do envolvimento do pesquisador em campo, e, do (não) lugar de fala a partir do qual a voz que conduz a etnografia faz-se ouvir pelos leitores do trabalho. Estive consumida, durante boa parte da escrita e da pesquisa, por uma dúvida sobre como tecer a voz de um narrador que pudesse dar conta, ao mesmo tempo, da minha posição em campo, da minha inclinação política em relação a certas questões fundamentais presentes neste campo, que protegesse a todos os “nativos” e que mantivesse, ainda, o pacto que o escritor deve ter com seus leitores, orientado por certos princípios éticos em relação aos dados apresentados a eles através do texto.

A solução mais óbvia e imediata parecia ser escrever todo o texto em primeira pessoa. Assim os leitores saberiam meu exato lugar em campo, conheceriam a orientação política do trabalho (que necessariamente envia os resultados numa determinada direção) e eu poderia, com muita segurança, delimitar zonas de penumbra sobre as quais optaria por não lançar luz para proteger as identidades das pessoas, principalmente das protagonistas da experiência prostitucional.

Eu já tinha em conta que escrever em primeira pessoa, em função do desvio dos cânones científicos que representa, poderia colocar o pesquisador num desconfortável lugar, onde sua produção passa a ser alvo de desconfiança. Isso não me assustava. Mas ignorei, na fase inicial da escrita, o quanto esta narração em primeira pessoa poderia ser maldita se ela revelasse uma posição “próxima demais” do objeto. Além de poluir, segundo a visão canônica,

a produção de verdade almejada pelo trabalho, esta escrita poderia causar ainda mais repulsa por tratar de um tema não trivial moralmente distante de um *ethos* acadêmico, como é o caso da prostituição de luxo feminina.

Por outro lado, escrever em terceira pessoa, apartando minha experiência do campo da escrita da etnografia, também não me parecia uma forma adequada de tratar os dados coletados. Eu não acreditava nela. E como produzir um trabalho que demanda tamanho compromisso mental e emocional como uma tese de doutorado, sem acreditar no que se está fazendo? Estive então, na elaboração da voz que narraria a etnografia (e que não poderia abdicar das questões já apontadas) suspensa entre a primeira e a terceira pessoas, sem encontrar conforto em nenhuma.

Giovana foi a solução que me permitiu conciliar a controvérsia. Não digo conciliar no sentido de dissolver, mas no sentido permitir a convivência simultânea dos seus termos. Ao substituir a primeira e a terceira pessoas por um “nós” composto de pesquisador e nativos, e sendo este “nós” um lugar que acomoda vozes dissonantes e que não precisam estar, ou não estão, em consenso a respeito das questões das quais nos ocupamos na etnografia, ela parecia ser a voz narrativa que eu tanto buscava; oferecendo, ao mesmo tempo segurança para uns e sinceridade para outros.

Como recurso, Giovana tem então a função de resolver questões específicas. Mas o interesse maior que ela pode suscitar está, penso eu, na discussão sobre a própria necessidade de criação desta ficção. Primeiramente, abre-se um espaço, através desta discussão, para o questionamento do realismo etnográfico e da cientifização dogmática da etnografia. Fazendo perceber que, se a realidade social se constitui de elementos discrepantes e logicamente incoerentes entre si, a etnografia deveria buscar munir-se também de uma maleabilidade lógica, um certo desmonte da racionalidade iluminista e do sujeito moderno, que pudesse acolher tal característica.

Mas mais do que isso, a discussão sobre a necessidade da criação de uma personagem fictícia pretende desenhar uma crítica que mostra que é possível operar com uma aceitação, ou uma hospitalidade do ponto de vista desse “outro” - nativo como um devir do antropólogo, como possibilidade de vir a ser no horizonte de vida e de expectativas do próprio pesquisador. Deve-se para isso primeiramente evitar trabalhar com categorias totalizantes, como seria o caso de ser pensar “as prostitutas” no geral. Não digo que é preciso se tornar prostituta para estudar entre prostitutas e sobre prostitutas. Mas é preciso, isso sim, permitir-se enxergar algumas afinidades importantes, a partir das quais possamos estabelecer uma troca sincera. É esta troca,

penso eu, que fará com que possamos nos meter nas relações de que os “nativos” participam e analisá-las verdadeiramente sem usurpá-los em nada.

Quero propor que se reconheça uma forma de fazer antropologia nestes termos; operando por identificação e não por afirmação da distância, por uma diferenciação ou distinção organizada segundo uma hierarquia de poder-saber. Eu trabalho assim. E suspeito que o conhecimento antropológico se constitua mesmo, muitas vezes, desta maneira, naturalmente, do que fazemos segredo e apagamos cuidadosamente dos textos e falas públicos. Também não acredito numa dialética entre identificação e distanciamento enquanto regra necessária do fazer antropológico. Analisar, insisto, não é se distanciar, enquanto a experiência figuraria dentro de uma margem de identificações possíveis e proximidade estratégica, cientificamente controlada. Creio que analisar seja, antes, colocar os afetos em pauta sem tantas defesas, escrutinando, através deles, as relações que se consegue estabelecer em campo. Sabemos que relações são constituídas de trocas afetivas. Mas, em nome de uma prática científica, tentamos ignorar que analisar continua a mobilizar a longa cadeia dos afetos despertados desde o contato e passamos de traidores dos nossos informantes desenhados como “outros distantes”.

Ditas estas palavras iniciais sobre a metodologia e sua política, passamos a estrutura da tese: o primeiro capítulo pretende elucidar a categoria prostituição “de luxo”, que é um termo chave, recorrente ao longo de todo o trabalho e cuja compreensão é fundamental para que se possa perceber a delimitação dos contornos do campo investigado. Trata-se de uma categoria nativa cuja precisão conceitual é impossível. Mas que mobiliza os interesses de profissionais e consumidores do sexo pago enquanto categoria de diferenciação.

O segundo capítulo desenvolve uma discussão sobre um elemento que centralizou a observação de campo: o segredo. O segredo aparece como uma das bases da prostituição “de luxo”. Além de traduzir-se num dos pactos mais fundamentais sobre os quais se assentam as relações entre garotas de programa, agenciadores e clientes, é o segredo que costura a prática da prostituição à sociedade englobante, permitindo a sua problemática existência, em seus conflitos e acordos tácitos com a moralidade sexual hegemônica. Falo aqui no “segredo” que constitui este universo da prostituição, mas o trabalho deve levar a pensar que se trata, na verdade, de “segredos”, no plural.

Entendo que o segredo que se faz da profissão de prostituta seja um artifício para estas mulheres se preservarem das implicações do estigma, já que a prostituição possui um caráter contaminador dos demais aspectos da identidade da mulher prostituta. Este será o argumento fundamental deste capítulo. Utilizo Goffman e Simmel para dar conta da questão do estigma

que é objeto de segredo e das formas de manipulação da identidade moralmente deteriorada, quando de sua revelação.

Argumento também que este elemento do segredo (e sua iminente revelação) seja importante porque representa um ponto de tensão fundamental no campo. E, ao lado da proliferação de técnicas para o exercício da profissão de prostituta, nos faz pensar no conceito de *arte erótica* de Foucault. É que, por um lado, estas técnicas são também entendidas como segredos, no sentido de práticas peritas. E, por outro, o segredo que se faz da profissão, pode ser também pensado como técnica de proteção da identidade da garota de programa. A fim de iluminar estas relações, recorri ao conceito foucaultiano de *ars erótica*, utilizado para nomear o sistema no qual as práticas sexuais são constituídas de segredos e técnicas que são, ao final das contas, uma mesma coisa, ou que pode ser pensada como um terceiro elemento feito da intercessão dos dois; técnica e segredo. Intercessão está que se traduz numa forma específica gerir e articular saber e sexo. O segredo como técnica e a técnica secreta da prostituição e das prostitutas é um tipo de dispositivo de sexualidade, aplicável especialmente no exercício de práticas sexuais marginais.

No capítulo 3 discuto os agenciamentos das técnicas que as garotas utilizam para exercer o ofício; para se proteger e proteger seus corpos, para driblar adversidades, para maximizar ganhos e reduzir perdas. Utilizo, como base teórica, o conceito de Mauss de *técnica corporal* para refletir sobre as diversas técnicas utilizadas pelas garotas de programa, caracterizando-as. Defendo que as técnicas empregadas pelas garotas confluem no sentido de aumentar os seus ganhos e reduzir as contraprestações, sendo, pois, o emprego destas técnicas, fundamental para a construção das personagens que protagonizam as performances dos programas, baseadas na imagem da mulher “esperta”, “malandra”, como se uma filosofia do “roubo” embasasse eticamente as trocas de que participam envolvendo os homens clientes.

O quarto capítulo trata dos clientes, apreciação fundamental desde que se tenha em conta que a prostituição é um sistema relacional. Procuo dar conta aqui da administração que os homens fazem do estigma que lhes cabe, como consumidores de prostituição. Consumo este que, se recorrente, assume para eles mesmos um contorno de “vício”, tipo de escravidão da vontade que torna a culpa um sentimento fundamental que alicerça sua prática sexual com prostitutas.

E mais uma vez o segredo aparece como recurso para encobrir a prostituição, revestindo seu universo e mediando as relações ali. Certamente este segredo que os clientes fazem do sexo pago que consomem não se realiza das mesmas formas que para as prostitutas, e, estabelece uma dinâmica diversa de ocultação/ revelação. Tal dinâmica parece ser atravessada por um

imaginário comum da prostituta como “mulher misteriosa”, cujo prazer é sempre incógnito. É pensada como guardiã de segredos que os homens desejam sorver como conhecimentos que aumentarão sua perícia sexual e concorrerão para a construção da sua masculinidade. Ainda como guardiã de segredos, estas mulheres são vistas também como depositárias da inabilidade e/ou da perversão sexual, bem como da infidelidade masculinas.

O capítulo 5 pretende ser o mais etnográfico da tese. Nele tento estabelecer uma comparação entre sites de acompanhantes e bordeis “de luxo”, as duas modalidades de prostituição privilegiadas pela observação de campo. Concentrei-me nos espaços de interação que julguei mais significativos para a compreensão das questões levantadas por este trabalho: os vestiários dos bordeis utilizados pelas garotas; os salões ou boates das Casas, onde elas conversam com os clientes; os taxis utilizados para levar as *call girls* aos motéis onde fazem seus programas e os quartos. E também espaços virtuais como as ligações telefônicas e os ensaios fotográficos expostos nas páginas de anúncios de acompanhantes.

Se nos salões as garotas desempenham muitas das técnicas que constituem suas performances, os vestiários femininos nos bordeis, assim como os taxis onde as *call girls* muitas vezes se produzem para os seus atendimentos pelos motéis da cidade, são lugares que fazem às vezes de bastidores. Figuram como ambientes de discussão de técnicas e revelação dos segredos.

Com uma parte inicial discutindo o que são os chamados programas, a etnografia dos programas se pretende uma espécie de clímax das discussões todas, tecidas ao longo do trabalho. São cinco programas, com foco nas situações de quarto, onde outras tantas técnicas são desempenhadas pelas garotas. Todos os programas etnografados tratam de sexo grupal e a partir deles se pode observar a prática da prostituição de luxo desde dentro, em algumas de suas diversas matizes.

Em anexo o leitor poderá observar, de forma mais continuada e menos pontual que na etnografia dos programas, a relação que Giovana estabelece com um de seus clientes. São e-mails trocados durante mais ou menos três meses, desde um primeiro contato, até o estabelecimento de uma relação duradoura. A publicação das correspondências teve a autorização de ambos. O nome do anexo é inspirado no título da coletânea de cartas trocadas entre Vincent Van Gogh e seu irmão, Théo, ao longo de vinte anos. Obra essa que inclui discussões e perspectivas sobre a vida e a arte, através das quais se pode entrever a biografia do artista no âmago da intimidade fraterna. A analogia com a relação estabelecida entre Giovana e Pedro pretende questionar uma visão mais conservadora que imagina que entre clientes e

prostitutas se estabelecem apenas relações superficiais e que se esgotam nas práticas sexuais das quais o desejo das “putas” é alienado.

1 METODOLOGIA

Por menor que fosse, esse pensamento tinha, apesar de tudo, o mistério próprio de sua espécie –de volta a mente, tornou-se imediatamente muito empolgante e digno de atenção; e, conforme zunia, afundava e zanzava para lá e para cá, despertava um tumulto e um aluvião de ideias, tal que me era impossível ficar parada.

Virgínia Woolf – Um Teto Todo Seu

No espaço da academia de musculação todos se olham. Os corpos estão sendo ali esculpidos. Na academia que eu frequentava havia uma mulher que chamava especialmente a atenção de todos. Homens e mulheres comentavam quando ela se deslocava entre os aparelhos, malhando com seus fones de ouvido, compenetrada. Era musculosa e bem-produzida. Usava roupas fluorescentes e decotadas, os cabelos impecáveis. Certo dia eu estava malhando com umas amigas que brincavam de adivinhar em que partes do corpo essa mulher teria próteses de silicone. Os glúteos enormes, na calça justa, não deixavam o observador indiferente. Minhas amigas, muito magras, estavam em polvorosa.

Fui molhar a garganta no bebedouro. Quando levantei rápido o rosto e movi o corpo, na pressa de voltar aos exercícios, esbarrei na notável mulher, que chagava para encher sua garrafinha com água. Desculpei-me. Nós rimos do esbarrão. E eu, num rompante de indiscrição, perguntei-lhe “como ela tinha conseguido ficar com a bunda daquele tamanho”. Minhas amigas riam, próximas e se cutucavam. Esta mulher se tornaria minha grande amiga e principal informante nesta pesquisa, abrindo-me as portas para o universo da prostituição “de luxo”.

Fiz esta pesquisa, baseada em observação participante, durante um ano: em dois bairros “de luxo” na cidade do Rio de Janeiro, como funcionária das Casas, em dois sites de acompanhantes “de luxo”, fotografada como garota de programa, e trabalhei brevemente com duas grandes cafetinas que agenciam mulheres da mídia em seus programas. Tive com essas cafetinas breves contatos telefônicos, por e-mail e mensagens de celular, contato com alguns de seus clientes e algumas de suas garotas. Além de ver seus catálogos e conhecer um fotógrafo que trabalha para uma delas.

Os caminhos que segui para realizar o trabalho de campo me pareceram os mais adequados; o da intimidade e experiência de perto e de dentro. O primeiro motivo e não mais

importante para minha opção metodológica é que eu lidei com nichos anônimos o tempo todo, o que tornava a entrada em campo por demais estreita.

Donos de bordeis, gerentes, agenciadores de garotas e administradores de sites fecharam algumas vezes as portas para a interlocução, quando eu dizia estar pesquisando o tema da prostituição. As garotas também, com exceção de minha principal informante e de umas poucas amigas, não queriam falar a uma pesquisadora desconhecida. O dono de uma das Casas de luxo, a primeira em que consegui entrar para fazer o trabalho de campo, apenas aceitou minha presença no estabelecimento com a condição de que eu fosse empregada da Casa, o que me fez procurar depois um emprego do mesmo perfil, na segunda Casa em que consegui entrar e manter a observação durante algum tempo.

Fazer entrevistas, ainda mais gravadas, me pareceu inviável para a sutileza do objeto que me interessava, qual seja; o imperativo do segredo sobre a profissão de garota de programa. Maria Dulce Gaspar (1985) nos conta sobre a inadequação da técnica de entrevistas para lidar com suas informantes e sobre como tinha dificuldade de encontrar uma garota, se chegasse perguntando na boate se alguém a conhecia. Era preciso demonstrar “desinteressadamente” que conhecia bem a pessoa de quem falava, participando de seus circuitos na noite. A proximidade é requisito numa pesquisa onde o segredo é fundamental. E por causa dessa proximidade, sem a qual seria impossível realizar a investigação, muitas vezes pairou sobre mim a dúvida sobre se eu havia ou não feito programas.

Em comunicação oral na UFRJ, Wacquant disse uma vez que para conhecer verdadeiramente o campo há que vivenciar as experiências nativas. Thaddeus Blanchette então lhe perguntou se, no seu caso, que estuda prostituição, ele deveria pagar por sexo em sua pesquisa e se suas alunas, que estudam o mesmo tema, deveriam se prostituir para experimentar o estigma de prostituta. Wacquant então respondeu que elas não precisariam se prostituir, mas que ele acreditava que não deveriam marcar uma posição de que não o fizeram, e assim produziram a experiência do estigma da mesma forma.

Seguindo o conselho de Wacquant, eu deixo meu lugar e minha entrada em campo ambíguos. Pois o problema que enfrento, delineado pelo segredo, o estigma e ética de pesquisadora é este: se afirmo que fiz programas o estigma recai sobre mim, se nego, o empurro para minhas interlocutoras prostitutas. Mantendo a ambiguidade protejo a todos os envolvidos e mantenho o fio do experimento do estigma que tento analisar como um dos principais pilares da experiência prostitucional. Estigma este que, diga-se de passagem e em coro com diversas militantes prostitutas; vem muito mais de fora dos ambientes onde a prostituição acontece do que dos atores diretamente envolvidos nas relações prostitucionais.

A ambiguidade é um recurso que pretende entregar as narrativas sobre a experiência de pesquisa da forma mais honesta dentro do que me pareceu ser possível considerando o problema do estigma e sua circulação dentro e fora da academia. Certo é que havia em minhas mãos um vasto material a ser trabalhado. A quantidade e a qualidade dos dados me traziam uma grande responsabilidade. Vozes, fragmentos de falas, diálogos, cenas... como organizá-los?

É preciso admitir a dificuldade que tive de trabalhar tal material. Pesava a necessidade de preservar as identidades das pessoas, que eu temia, ainda que alterando os nomes, pudessem ser reconhecidas. Muito por conta das figuras que consomem esses programas (em sua maioria homens brancos de classe alta), a prostituição dita “de luxo” é extremamente velada e não é fácil participar de seus circuitos. Foi preciso uma convivência íntima com o campo para que eu pudesse obter informações em profundidade e um requisito exigido pelas pessoas todas que me falavam era o sigilo e o anonimato.

Inspirada na “brasileirinha”; a “viajante pós-moderna” de Silva (1998), optei então por criar uma ficção etnográfica, uma personagem, chamada Giovana, que mistura experiências minhas com relatos colhidos em campo, para dar conta principalmente da etnografia dos programas, esse lugar do quarto, coração do bordel onde o segredo mais punge. Seria, pois, uma ficção ou uma autoficção? Seria este trabalho, autoetnográfico? -eu me perguntava. Penso que este trabalho acaba levando a questionar a clareza da fronteira entre etnografia e autoetnografia, com aliás, por diferentes caminhos, alguns autores que usam os dois gêneros narrativos, ou as duas metodologias, têm feito. A primeira pessoa não é muito presente nas cenas do campo, mas isso é assim, dentro outros motivos, muito porque estou diluída em todas as personagens através do contato, através da empatia e da afetação mútuas, como se um organismo de fronteira pudesse ser forjado a partir da experiência e da reflexão e de relações estabelecidas em campo, cuja finalidade deve, eticamente falando, ultrapassar largamente as finalidades de uma pesquisa.

É justo explorar um pouco mais o aspecto da criação da personagem que tem a ver com a minha autoproteção em relação ao estigma de prostituta. Eu o vivenciei na pele em diversas situações, ao longo da pesquisa. Penso em Mary Douglas quando fala sobre a poluição da sujeira e em Erving Goffman, sobre o poder de contaminação do estigma -há, inclusive, o que ele chama de “estigma de cortesia”, que é a extensão do estigma sofrida por aqueles que cercam de maneira próxima o estigmatizado.

Sobre esta contaminação, no caso das prostitutas, Gaspar coloca que:

A partir da leitura dos trabalhos de Goffman e Becker, apreende-se que o comportamento desviante tem um grande peso e um caráter totalizador, que se

sobrepõe aos demais papéis, contaminando as outras esferas da vida pessoal de seus praticantes. Vários estudos sobre prostituição refletem a preocupação com esse aspecto totalizador da atividade, que de fato tem ampla repercussão na definição da identidade dos seus agentes. Em contraste com outras ocupações, que, ao estipular um papel para o indivíduo, deixam margem para outras definições de sua identidade, a prostituição, devido às suas implicações morais, contamina os demais papéis (1985, p. 86).

O estigma da prostituição tem mesmo essa qualidade de contaminação daquilo que se aproxima de seu domínio. Maria Dulce Gaspar, que se tornou conhecida por sua pesquisa de mestrado com garotas de programa de Copacabana, passou a ser acusada de ter se tornado garota de programa quando mudou de área no seu doutorado, passando a pesquisar sobre temas da arqueologia. Como eu, Maria Dulce Gaspar possuía determinados atributos físicos que a permitiam metamorfosear-se entre as garotas, o que, neste contexto, se torna uma ferramenta útil para fazer a pesquisa.

Mesmo as recepcionistas das Casas de luxo obedecem a um determinado padrão estético corporal, a ser explorado neste trabalho no capítulo 1. Um corpo próximo deste padrão me tornava mais aceita por todos, ao passo que um corpo distante, certamente teria prejudicado o contato. Lembro-me de chegar à porta de um bordel e, antes que dissesse qualquer coisa, o porteiro me perguntar se eu tinha ido para uma entrevista. Assim também, para fazer as fotos para os sites, tive antes que enviar fotos do meu corpo para os administradores aceitarem que eu figurasse no seu quadro de “meninas” e então pudesse ter acesso ao ensaio fotográfico em seus estúdios, a todo o processo de contratação do serviço e finalmente aos clientes que ligavam interessados.

Sobre este emprego que fiz da observação participante, é preciso reconhecer que participei intensamente do campo. Um campo complicado e difícil -como, é verdade, todos os campos nos parecem, quando principiamos o nosso processo de imersão. Um campo moralmente distante do lugar que ocupamos como pesquisadores e antropólogos, até mesmo pelo “luxo” que desabona o argumento da “prostituição por necessidade”.

Meu próprio corpo, como pesquisadora, lido e interpretado pelos interlocutores de forma próxima, foi um elemento favorável ao emprego da observação participante. E este lugar próximo e dentro me forneceu um ponto de vista privilegiado para observar as relações que me interessavam, as íntimas, as secretas, algumas das quais não poderiam ser sequer descritas num trabalho tornado público. Não fazer programas era uma possibilidade tanto quanto fazer. Tive que equacionar vantagens e desvantagens de cada uma das opções, jogar com a virtualidade, negociando a cada interação o meu lugar, dentro e fora do campo, também em diálogo com a academia.

Suponhamos então que eu admitisse que tivesse feito programas durante a pesquisa e para sua realização. Pensemos em que pontos isso diferenciaria esta metodologia de Wacquant, que se tornou boxeador para fazer a sua célebre pesquisa de campo. Primeiramente, há a mistura poluidora sexo-dinheiro. Simmel coloca que na sociedade moderna ocidental, o dinheiro é o equivalente universal (2009), iguala e nivela coisas diferentes, ao atribuir-lhes valor monetário. Como então misturar este elemento profano ao sexo, sagrado, originador da vida e da família? Microcosmos do Estado? Seria um atentado ético na prática da pesquisa? Ou este código de ética também precisa ser relativizado à luz de outras perspectivas?

E se esta entrada, para o que se quer observar, fosse a mais promissora? Sabemos que, neste caso, valeria o envolvimento, para alguns. E se a experiência de campo pudesse ser considerada, como pesquisa, em sua dimensão existencial? Alguns diriam assim: “isso aí é coisa pra tratar na sua terapia”. “A pesquisa acadêmica não é lugar pra isso”. “Umbiguismo!”. “Narcisismo!”. “Fragilidade teórica”.

Em segundo lugar, haveria a prática declarada do sexo em campo. De todo jeito, parecem ser sobretudo morais os ganchos que prendem a tradição etnográfica à figura do “outro” ontologizado como categoria epistemológica fundamental. Um “outro” universo e universal, o não-eu... Um “outro” com quem não se faz sexo, um “outro” com quem se deve evitar manter trocas comerciais (especialmente se elas envolverem sexo), um “outro” que não pode ser íntimo.

É interessante notar como a prática da prostituição vai se resignificando a cada contexto, ao longo da história. Sendo mesmo questionável se todas as práticas que se reúnem historicamente sob a rubrica de prostituição sejam um e o mesmo fenômeno: cultuada, perseguida, discriminada... a figura da “puta” vai acumulando papéis históricos discrepantes. Contrastemos por exemplo a instituição arcaica da “prostituição sagrada” (ROBERTS, 1992; BATAILLE, 2013) no Oriente Médio com o lugar tabuizado que a prostituição ocupou no século XVII no Reino Unido (DABHOIWALA, 2013).

A prostituição parece suspensa, historicamente falando, entre o divino e o demoníaco. Segundo Mary Douglas (1991), os tabus podem advir de uma relação de ambiguidade inerente à coisa interdita. Será por isso que, nos dias de hoje, ainda que mais laicizada, persiste o tabu em torno da figura da “puta”? Teria isso que ver com essa ambiguidade histórica que acumulara camadas paradoxais na composição de um fenômeno que, nos dias hoje, entendemos como único?

O tabu, segundo Wundt, citado por Freud em *Totem e Tabu* (2012), está associado a uma origem demoníaca. “Não sendo, originalmente, senão o temor objetivado do poder

demoníaco que se supõe oculto no objeto ‘tabuizado’, o tabu proíbe irritar esse poder, e ordena que, onde este tenha sido provocado, deliberadamente ou não, a vingança do demônio seja afastada” (2012, p. 307).

E Freud complementa:

Pouco a pouco, então, o tabu torna-se um poder fundamental em si mesmo, independente do demonismo. Torna-se a coerção do costume e da tradição e, enfim, da lei. ‘Mas o mandamento implícito por trás das proibições do tabu, que tanto variam conforme o tempo e o lugar, é originalmente um só: *Guarda-te da ira dos demônios*’. (2012, p. 50).

São tabu as relações sexuais dos antropólogos em campo. Mas que ambiguidade seria esta implicada no sexo com o nativo? Ambiguidade de uma ontologia do sujeito-pesquisador, agora sujeito-objeto, dissolvido entre “eu” e “outro”, uma vez que o sexo estabelece um tipo de fusão entre seus participantes (BATAILLE, 2013)?

Em Taboo, coletânea organizada por Don Kulick, trata-se do tema das relações sexuais entre os membros das comunidades pesquisadas e os pesquisadores. Eventos que geralmente ficam restritos a diários e conversas de corredor. E de como o campo foi se constituindo como um lugar em que as relações sexuais não deveriam ser possíveis ou desejáveis.

Em “Lovers in the Field” - Sex, dominance, and the female anthropologist, Jill Dubisch coloca que:

[...] apesar da falta de instruções explícitas ou conselhos sobre o assunto, creio que seja seguro afirmar que eu e a maioria dos meus colegas graduandos absorvemos a ideia de que relações sexuais com membros da comunidade na qual estávamos trabalhando não seriam apropriadas nem sábias. (Embora histórias às ocultas de escapadas sexuais de certos antropólogos famosos circulassem entre nós, havia um sabor de escândalo nelas.) É difícil saber a extensão a qual todos nós seguimos essa diretriz implícita em nossos próprios trabalhos. Entretanto, o celibato parece ser provavelmente a norma durante trabalhos de campo, ao menos na locação do trabalho de campo em si. Relatos sobre exceções a isso já apareceram ocasionalmente em impressos, e conversas informais com amigos podem revelar outras instâncias da mesma forma, mas o celibato, como parecia, é mais comum que o contrário (1995, p. 30)¹.

Mas também absorvemos na graduação um certo mecanismo de “desvelamento” que constitui também as bases das ciências sociais, um certo aprendizado deste mecanismo, uma forma de observar que preza por “desvelar”, desdobrar, reconhecer dinâmicas sociais, narrá-las, interpretá-las. Este mecanismo de “desvelamento” (que é também um mecanismo de criação) acaba por atingir nossas próprias formas de fazer pesquisa, que então passam a ser questionadas, reconhecidas e discutidas. Creio que falar sobre sexo em campo seja parte deste movimento de desvelamento dos processos sociais a que nos habituamos.

¹ Tradução livre.

Adriana Piscitelli (2013) fala sobre uma evolução da ética a este respeito, desde Malinovski, quando o dilema ético incluía apenas as questões relativas à relação com os pares e o leitor (através da ideia de “sinceridade metodológica”), passando por quando a prática do sexo em campo (com os “nativos”) era considerada antiética (pelos códigos de ética da década de sessenta), até os códigos atuais, em que o sexo condenado é apenas entre professores e alunos.

Karla Poewe, antropóloga alemã, teve um papel importante, já na década de 80, neste processo de desvelamento do sexo praticado em situação de trabalho de campo, adotando o recurso do pseudônimo: Manda Cesara. Em *Reflections of a Woman Anthropologist* falará sobre seus envoltimentos amorosos com homens na região onde fazia pesquisa, no continente africano. Segundo Piscitelli, no Brasil, essas reflexões estão começando a ser feitas por jovens antropólogos (2013, p. 61).

Luiz Fernando Rojo (2005), por exemplo, fez uma tese sobre praias de nudismo em que ele discute o sexo com “nativos”, quando, logo na primeira ida a campo, se vê interessado e correspondido por uma de suas informantes. Mais recentemente, em 2008, o trabalho de Paulo Rogers Ferreira ganhou o prêmio Anpocs ao tratar dos “afetos malditos” realizados no âmbito de sua pesquisa, junto a uma comunidade do Cariri cearense, quando o autor problematizava seus próprios intercursos sexuais com os camponeses.

Estas relações sexuais que passam a ser discutidas e analisadas pelos pesquisadores possuem uma notável semelhança com epistemologias feministas (e suas transformações). Trata-se de trazer o privado como objeto de debate público, já que o privado também é público, na medida em que é objeto de política.

1.1 Um retrato de Giovana

Era uma jovem brasileira, estudante de psicologia, que fazia bicos como “prostituta de luxo”. Durante o tempo da pesquisa trabalhou em sites, bordeis, boates e com cafetinas, além de ter certo número de clientes fixos com quem saía regularmente. Ao final da pesquisa, Giovana se formou, casou-se e hoje em dia, até onde sei, não faz mais programas. Tinha por volta de 25 anos. Morava num bairro do subúrbio da cidade e tinha sido musa de um clube de futebol. Esta personagem não podia deixar de ser alvo da curiosidade deste trabalho, uma vez que conjuga papéis discrepantes em sua biografia: uma psicóloga prostituta e musa de clube de futebol.

Os pais de Giovana tinham se divorciado quando ela era pequena. Segundo a garota, o pai tinha trocado a mãe por uma mulher, que ela dizia ser prostituta e “macumbeira”. Esta mulher teria feito um feitiço que a tornara também garota de programa, como uma maldição.

Ela contava como sofreu quando o pai abandonou a casa. Disse que a mãe ficou deprimida e que ela ficou muito doente por meses.

Tinha duas irmãs mais velhas: uma professora de química e uma atriz. Começou a fazer programas junto com uma das irmãs, com seus clientes conhecidos. Foi a irmã de Giovana que a iniciou na prostituição. Que por sua vez foi iniciada por uma grande amiga. É interessante notar que as “meninas” quase sempre contam com uma amiga iniciadora, que já faz programas e passa orientações sobre como a “menina” deve se comportar, quanto deve cobrar, onde deve trabalhar e compartilha clientes com a iniciada.

Para muitas garotas, antes que tomem a iniciativa de profissionalizar-se através de algum meio próprio para este fim, é comum acionar as redes pessoais de relações para realização do primeiro programa.

Depois, nossa protagonista passou a anunciar suas fotos num site de acompanhantes de luxo. À noite fazia programas nas boates, nos fins de semana. Seu horário de trabalho era altamente irregular. Às vezes simplesmente não queria trabalhar como prostituta e ocupava-se de passar os dias estudando, indo em peças de teatro e gastando grandes somas de dinheiro em procedimentos estéticos e roupas de grife. Quando o dinheiro para os “luxos” acabava, ela voltava a trabalhar na prostituição. Seria esta a verdadeira acepção da prostituição “de luxo”? Ganhar dinheiro para pagar certos “luxos”?

Giovana também trabalhou em Casas de prostituição, quando passou a ter medo de trabalhar em sites ao ouvir relatos de experiências de outras garotas com violência. Durante o tempo de minha pesquisa, ela fez pesquisa sobre prostituição numa dessas Casas para sua faculdade, o que a tornou uma interlocutora privilegiada. Descreveu para mim a estrutura e a rotina da Casa mais cara da cidade. Na entrevista de admissão a essa Casa, a gerente que a recebeu lhe disse que “sua melhor amiga era sua boceta”, como ela gosta de contar.

Foi empregada na hora. A gerente tirou suas medidas para mandar fazer seu uniforme, pegou seus dados, fez uma cópia de sua identidade e mandou que ela escolhesse um nome de guerra em uma lista de nomes anotados num caderno. Alguns nomes riscados à caneta indicavam que aqueles não estavam mais disponíveis. Essa maneira de “batizar” as garotas me chamou atenção no relato de Giovana, que lá se chamaria Suelen. Assim, ainda que houvesse uma rotatividade alta de garotas na Casa, como é comum nos bordeis, um cliente sempre podia ir, por recomendação de um amigo, ao encontro de “Suelen” da Casa tal.

O cliente poderia sair com a garota da Casa para fazer um “programa fora”, caso ela concordasse. Pagava-se por isso cinco vezes o valor do cachê normal à garota, mais uma quantia para a Casa.

Mas o que Giovana mais gostava era de fazer programa através dos sites. “Ia como uma madame de táxi de um motel para o outro até três ou quatro vezes ao dia, durante alguns dias. Depois parava. Depois retomava os programas”. Não havia qualquer previsibilidade em seus roteiros. Funcionava ao sabor das marés, conforme a vida ia acontecendo e suas flutuações de humor, orientando que fizesse. Isso se tornava um empecilho para nossos encontros, de forma que ela parecia um peixe ensaboadado: fugidia... uma vez marcou um encontro comigo, e aparentemente desistiu de me ver no meio do caminho. Nos falávamos no celular enquanto ela dirigia para me encontrar, depois ela demorou a chegar e desligou o telefone. Não nos vimos mais.

1.2 Perdas e Ganhos de um Retrato, ou sobre uma Giovana surrealista

A começar pelas perdas, uma tese centrada em uma única personagem fictícia, de biografia determinada, perderia principalmente o foco etnográfico na pluralidade de modos ou estilos de vida, na variedade de atualizações de regras ou de hábitos (e suas transgressões) que cada pessoa encarna de modo tão particular, e cuja apreciação é indispensável para qualquer ensaio de generalização. Criar-se-ia um tipo ideal weberiano estranho à apreciação antropológica que se gostaria de fazer aqui, uma vez que as diferenças nos interessam muito mais que as coincidências. Este esqueleto de “puta” tenderia a reforçar estereótipos. Perde-se ainda porque uma identidade fixa estrangula todo um universo de devires. E isola a pessoa do meio intersubjetivo e circunstancial no qual ela se constitui e sem o qual a personagem se torna uma abstração estéril.

Por outro lado, se ganha, com Giovana, na originalidade do método utilizado para resolver questões éticas da pesquisa. Se ganha na linguagem. E, principalmente, na ilustração da proposta epistemológica do trabalho, a ser apresentada no tópico seguinte. Mas para que já se tenha a dimensão da vantagem dessa solução metodológica, adianto que este trabalho proporá, no tópico seguinte, um questionamento da categoria epistemológica do “outro” como sendo uma categoria fundamental para todo e qualquer trabalho etnográfico. Como já indiquei, Giovana não é meu “outro”, no sentido do conceito político de “outro”. Ela existe na intersubjetividade e realiza-se num “eu” dialogicamente constituído e polifônico.

Creio que os ganhos podem ser contundentes, mas as perdas seriam fatais. Tornou-se então irrevogável a minimização dos efeitos negativos destas perdas. Por isso, a personagem deveria ser mais complexa do que um retrato poderia mostrar.

James Clifford em seu artigo *Sobre o Surrealismo Etnográfico*, aponta diversas convergências entre o surrealismo e a etnografia, identificando pontos de contato e origens comuns.

O autor observa, contudo, que o termo etnografia era utilizado pelos surrealistas em sentido expandido, como conduta etnográfica. Conduta esta que poderia veicular um sentido de crítica cultural subversiva (2014, p. 135). Do mesmo modo, o surrealismo precisa ter seu sentido alargado para coincidir com a etnografia; surrealismo como atitude surrealista.

André Breton, no *Primeiro Manifesto do Surrealismo*, publicado em 1924, define o surrealismo como “pensamento ditado na ausência de qualquer controle manifestado pela razão, e fora de quaisquer preocupações estéticas ou morais” (KLINGSÖHR-LEROY, 2007, p. 6). Entendido desta forma alargada, o movimento poderia abarcar tanto a literatura quanto as belas artes e alcançar até mesmo as gerações de artistas anteriores ao próprio Movimento.

Surpreendentemente, Breton enumera não apenas contemporâneos como também gerações anteriores, representadas por Uccello, Seurat e Moreau –e Dante, Hugo e Chateaubriand no campo da literatura- como se o Surrealismo fosse uma posição intelectual fundamental com vários séculos de existência (2007, p. 6).

Foi este entendimento do surrealismo como atitude que permitiu que Breton incluísse Picasso no seu livro *Surrealismo e Pintura*, publicado em 1925. A irrealidade não aparecia na obra deste pintor, entretanto, seus muitos trabalhos surgiram em “*La Révolution Surréaliste*”, jornal surrealista que começou a ser publicado em 1924. Havia muitos sentidos em que o surrealismo podia se manifestar.

A apropriação de Freud orientou uma crítica cultural no sentido de um fazer artístico que transpusesse as imposições da civilização à criatividade, libertando as manifestações do inconsciente e as pulsões humanas. Assim, havia a escrita automática, as colagens de contextos diversos, o predecessor dadaísmo, o primitivismo.

Muito da convergência entre surrealismo e etnografia apontada por Clifford dá-se através do interesse pelo exótico: “o principal tribunal de apelação contra o racional, o belo, o normal do ocidente” (2014, p. 132). Através também da semelhança de jogos de estranhamento e familiarização, na criação de um produto inusitado, mas que “fala uma verdade” sobre algo, surrealismo e etnografia dialogam.

A ruptura cubista com os cânones havia aberto um terreno para o assalto geral ao normal. A etnografia, que compartilha com o surrealismo o abandono da distinção entre a “alta” e a “baixa” culturas, fornecia tanto uma fonte de alternativas não ocidentais quanto uma predominante atitude irônica de observação participante entre as hierarquias e os significados da vida coletiva (2014, p. 135)

Mas principalmente, a etnografia, assim como o surrealismo, não ficaria refém da linearidade, da razão, e permitiria a expressão dos paradoxos que compõem a existência (social). Os paradoxos existem por causa da pluralidade de experiências e da dualidade de certos modelos de entendimento. Não cabe, então, a experiência na forma. O surrealismo revela essas formas, ironizando-as. A etnografia também revela, busca desvelá-las.

Esta ferramenta analítica (a da convergência entre surrealismo e etnografia) é útil para a prospecção da personagem que nos propusemos a construir pelo motivo que passo a explicar. Ao pintar uma Giovana realista, cria-se um esqueleto e alguma coisa fica, fatalmente, de fora. Se crio uma personagem, pinçando de uma história de vida com a qual tive contato em campo, algum detalhe etnográfico que julgo significativo, é preciso abrir mão de outros detalhes que não convivem logicamente com o detalhe eleito. Desta maneira, se Giovana tem pais divorciados, como dar conta das histórias de garotas nas quais os pais são casados, e que casados trazem todo um repertório interessantíssimo de tensões, virações, revelações e segredos?

Por isso o surrealismo etnográfico é aqui aplicado enquanto criação de uma etnografia surreal, uma vez que é baseada numa personagem que é várias.

Uma abordagem da representação através da justaposição ou colagem era um recurso surrealista usual (Mattheus, 1997). Seu propósito era romper os “corpos” convencionais –objetos, identidades- que se combinavam para produzir o que Barthes chamaria depois de “*léffet du réel*” (p. 139).

A consciência cotidiana não da conta de Giovana. Passa a ser necessário que a personagem seja superada em seu retrato, utilizado meramente como suporte; como testemunho-rascunho intersubjetivo das relações observadas e vividas em campo.

Seus pais separados poderão aparecer casados em alguns momentos, sua família, profissão, formação... poderão flutuar conforme a necessidade de explorar outros elementos significativos para a etnografia.

Giovana deve ainda ser “surrealizada” por mais um motivo: ela é, em diversos aspectos, a união do saber sagrado da academia com o saber profano da rua, das técnicas que conduzem ao conhecimento do senso comum. É um dispositivo de deshierarquização. Assim também a revista *Documents*, organizada por Battaile, ironizava o dilema das montagens de um museu etnográfico (“o que vai junto com o que?”).

A atitude etnográfica deve continuamente propor este tipo de questões, compondo e decompondo as hierarquias e relações “naturais” da cultura. Uma vez que tudo numa cultura é, em princípio, considerado valioso para coleção e exibição, questões fundamentais de classificação e valor se apresentam (p. 138).

Numa etnografia não deve existir valor nas coisas em si. A atenção é para o processo de atribuição de valor.

Contudo, ainda que surrealizemos a personagem, um problema persiste. O surrealismo desconstrói a noção de “eu”, mas não a de “outro”. Assim mergulha no inconsciente como forma de escapar às castrações de uma sociedade industrial e, através do delírio, dismantela o ego. Mas a noção de “outro” continua sendo utilizada (ainda que glamourizada, romantizada, enaltecida) e com ela pode-se pressentir a persistência do problema da distância de naturezas, uma vez que o “outro”, enquanto categoria epistemológica que atravessa tanto a antropologia quanto outras áreas do saber, é concebido como o par e o oposto do “eu”; são conceitos que se determinam mutuamente, no geral, ou mais imediatamente, por exclusão. Assim se termina, nessa atitude surrealista ou etnográfica, por cultivar e isolar o “eu” num insistente pedestal, ainda que se finja não o considerar e não se fala dele.

O “outro”, como muitas vezes é entendido e subentendido: como objeto distanciado pela sobrecarga do conceito (um conceito que traz em sua constelação ideias como exotismo e distância, que é um objeto passivo de saber e não é um sujeito, um conceito de “outro” que nega a intersubjetividade, portanto) precisar ser discutido e desconstruído, o que será feito no tópico seguinte.

1.3 O ritual da pesquisa; uma questão de entrada? – considerações acerca da posição do pesquisador em campo e um questionamento da noção antropológica de “outro”

É hora então de discutir a entrada em campo, a fim de explicitar minha posição (ROSALDO, 2000) e esclarecer como os dados aqui apresentados foram construídos. Muito questionada neste sentido, esta pesquisa permite, sobre a entrada do pesquisador em campo (e sua subsequente posição ali), algumas considerações. Uma delas é a de que nem sempre se tem um momento preciso de entrada em campo, que conte com um deslocamento físico para um lugar distante, que garanta a alteridade radical entre pesquisador e nativo. É claro que a clássica imagem da chegada do pesquisador em terra nativa há muito não se configura apenas nestes termos, como evento que dá início ao ritual da pesquisa. No entanto esta mesma imagem pode frequentemente ser entrevista na visão ontologizada de “outro” que parece ainda povoar o imaginário dos cientistas sociais, como modelo de sua relação inaugural com o campo e com os habitantes do campo.

O que afasta a presente pesquisa desta perspectiva é que a investigação esteve de tal forma emaranhada na minha própria vida que não se sabe onde começa uma e termina a outra.

Assim como em muitos outros casos de pesquisas antropológicas recentes. Talvez até na maioria deles, uma vez que temos sido alimentados das leituras pós virada ontológica, da crítica ao sujeito estruturado, da antropologia pós-moderna americana que reaviva as relações da etnografia com a ficção, bem como das epistemologias pós-coloniais e decoloniais. Ainda assim persiste um compromisso com o velho pacto, que nos leva a obscurecer certas relações que situam a experiência etnográfica como experiência pessoal e íntima e nos empurram para repetir como uma reza o protocolo da aproximação em relação ao “outro” imaginado como distante, como “não eu”.

A antropologia pós-moderna, de forma geral, trouxe como uma de suas contribuições o resgate da ficcionalização da escrita como possibilidade discursiva, que tinha sido alijada, desde o século XVII como forma menor de narração (CLIFFORD, 2014). A polissemia, própria do discurso literário, passava a ser vista negativamente, como ambiguidade, e desqualificada como não verdadeira, no seio do processo de cientificação do Ocidente. (TADDEI, 2012) A antropologia pós-moderna, assim chamada, segundo George Marcus (1993), por falta de nome melhor, percebe que o ganho desta forma narrativa, a ficção, é que ela abarca de maneira mais eficiente e honesta a subjetividade do narrador, reconhecendo, com as contribuições então recentes da linguística, que toda linguagem é representação.

Explicitar a construção dessas representações tem sido pensado quase que exclusivamente como uma responsabilidade de esclarecer a posição do pesquisador em campo, para que se possa saber assim com que vieses o trabalho foi produzido. O recurso metodológico adotado neste trabalho pretende cumprir esta justa demanda, embora eu entenda que ela, sozinha, jamais seja suficiente para responder a um problema ético que tem a ver com que tipo de espírito nos aproximamos das pessoas do campo ou, o que é parte do mesmo problema e serve para pensarmos os casos de pesquisas em que o campo já é familiar ao pesquisador, através de que posturas que envolvem o jogo da distância nos constituímos como pesquisadores entre outros pesquisadores.

A tarefa maior será aqui a de acomodar da melhor forma possível a carga (inter)subjetiva presente na pesquisa. Pretendo através deste recurso dar mais verdade ao texto produzido. Neste caso, é nas dobras, no entorse daquilo que se chama “a realidade”, “o factual” que reside a verdade mais perfeita, a que é mais eticamente coerente, o método mais adequado para interpretar o objeto. Assim como a pintura impressionista capta melhor a verdade do movimento do que a representação realista, por exemplo. Quero com isso enfatizar que a pretensão de acesso a uma realidade que subjaz à interpretação antropológica e à escrita etnográfica é que produziria um discurso obscuramente enviesado, segundo entendemos, nos

afiliando a vasta tradição da antropologia americana e francesa pós anos 1970 (CLIFFORD, 2014).

Assim, se admitimos de saída que todo fato é construído será preciso então, para cumprir com a sinceridade metodológica, fazer certas observações a respeito de singularidades que, à época da pesquisa, eram características minhas e ajudaram a produzir ou determinar posições específicas no campo. Enxergo duas, como as mais prementes neste sentido, que compunham meu corpo e comportamento através de seu entrecruzamento. São elas: marcas que indicam um pertencimento de classe e os marcadores corporais e performance de gênero, como veremos mais adiante.

Por hora, volto à questão da continuidade entre a pesquisa e minha própria vida. Esta continuidade se insinua desde a chegada no campo, através da amiga da academia de ginástica que era garota de programa. Não cheguei ao universo da prostituição apenas para pesquisar. Mas seria incorreto dizer que não fui pesquisar: informada pelas questões da antropologia, minha curiosidade diante de práticas até então estranhas para mim era eminentemente antropológica. Foi movida por esse espírito que cheguei aos bordeis e sites, mas também movida por interesses mais comuns ao campo, que punham minhas motivações também em continuidade com as das outras mulheres ali: a experiência existencial, a fantasia, o dinheiro.

O campo não é então precedido por minha experiência pessoal, tampouco se tratou de entrar em campo com o objetivo privilegiado de realizar uma pesquisa. As motivações foram múltiplas e é impossível dizer o que veio primeiro, se foi a experiência no universo da prostituição ou o interesse de pesquisa por este universo. Como antropóloga, minha relação com meus objetos de interesse sempre é alimentada por questões da antropologia e as formas como vejo o mundo estão, desta maneira, situadas. Logo, não sei quando a pesquisa começa. Não sei se minha atividade entre as garotas de programa começa como pesquisa, mas é certo que termina sendo pesquisa e que, como pesquisa, termina.

Passo a observar os eventos todos em relação a um rol de questões. Toda experiência é iluminada por um conjunto mais ou menos preciso de perguntas. E não há um momento em que estou em campo, trabalhando, fazendo pesquisa, momento distinto e encapsulado do restante da minha vida. Minhas questões me perseguem em eventos ordinários do cotidiano. Penso de que maneira eles podem estar conectados com os problemas de que me ocupo quando estou no “campo propriamente dito”.

Estou trabalhando aqui então com um alargamento do conceito de campo, já proposto por Andrew P. Killick, em seu “The Penetrating Intellect”, na coletânea *Taboo*: “[...] um grau de unidade desmedido é conferido ao “campo” – ele diz – resultando no desprezo de diferenças

cruciais em condições locais e individuais” (1995, p. 78). Para o autor, existe uma orientação de gênero fundante da prática etnográfica; relações de poder e dominação que criam a imagem sugerida pelo título do seu trabalho. O antropólogo que protagoniza a tal “entrada em campo”, esta que nos é legada por um imaginário clássico e europeu do que seja a pesquisa etnográfica, penetra falicamente no espaço do “outro” distante e exótico. É como se a sua consciência, o seu saber científico iluminado, racional, masculino invadissem, com o artifício das técnicas de extração de conhecimento, os métodos e as firulas conceituais, e com a petulância de quem sonsamente ignora a violência contida na própria empreitada, a “mata virgem” que esconde comunidades sempre imaginadas como tribais.

Feitas estas considerações sobre a entrada (ou penetração) em campo neste trabalho, chego agora ao que aponte antes: como se dá, a partir da entrada, a elaboração do meu lugar específico de pesquisadora? Que lugares me couberam neste universo, a partir dos quais pude fazer as observações e estabelecer relações com os interlocutores do campo?

A opacidade entre minha vida pessoal (marcada pela entrada em campo através de minha rede pessoal de relações) e a pesquisa foi fundamental para a produção dos meus dados e orientação do meu olhar. Como já aponte, um elemento que deve ser trazido à baila para tal apreciação, é minha própria origem de classe, bem como minha identidade de gênero, esta atravessada por certa atribuição de significados a marcadores corporais que eu carrego. É claro que ser mulher em campo coloca uma série de “saias justas” que nos obrigam a fazer certos “jogos de cintura” (FLEISCHER e BONETTI, 2007).

No caso específico deste campo, a questão não era apenas ser mulher, mas como ser mulher, que “tipo” de mulher. Como se executa e administra uma sexualidade pensada como feminina dentro de um sistema moral patriarcal que atribui lugares de exercício das práticas sexuais enviesados por classe? Quem são “as mulheres para casar” e quem são “as mulheres para transar” é uma classificação em franca operação nos mais diversos ambientes e mentalidades e parece descrever para nós um arco de possibilidades muito restrito, como se às mulheres todas coubessem apenas e inteiras em um dos dois. E aqui é que classe (assim como raça, nacionalidade, entre outros) entra como crivo.

A questão neste campo é, pois, ser “puta”, papel que recorrentemente foi suposto por meus interlocutores que eu desempenhava, muitas vezes sem que eu dissesse uma só palavra. Esse lugar passou a determinar minha posição em campo logo de saída, sempre presente como

virtualidade da minha identidade, em função de determinados indicadores presentes no meu corpo e comportamento.

As próteses de silicone nos seios, o porte físico moldado por um padrão estético em que se valorizam os músculos na mulher, hipertrofiados pelos exercícios praticados em academias de ginástica, as roupas justas, curtas e decotadas cujo uso é orientado por uma estética de classe... tudo isso me ajudou a construir um lugar próximo das garotas de programa. E me permitiu experimentar com intensidade a afetação, nos termos de Favret-Saada (2005).

Meu pertencimento de classe, forjado pela experiência de morar e viver em regiões econômica e simbolicamente subalternas na sensual cidade do Rio de Janeiro me aproximava das minhas interlocutoras. Isso colocava a questão do status social produzido por uma apresentação pessoal determinada por certos indicadores que se leem também no corpo.

Ao mesmo tempo, minha origem de classe me permitiu problematizar a prática de “estudar para baixo” (SCHWARTZMAN, 1993), segundo a qual tradicionalmente se tomam como objeto certos grupos considerados inferiores pela sociedade de que participa o antropólogo, seja em termos morais, político-econômicos ou de status. Assim como ocorreu com a antropologia brasileira e o florescimento da antropologia urbana, em seu seio, podemos considerar que quando o “outro” é próximo, é familiar, a hierarquia que tradicionalmente existe entre “eu-pesquisador” e “outro-nativo” pode mais facilmente se diluir. E apenas com a diluição dessa hierarquia é possível abrir espaço para se pensar a diluição da própria fronteira entre estas categorias epistemológicas fundamentais do conhecimento antropológico.

Com isso, frequentemente, mulheres prostitutas me pareceram mais próximas do que antropólogos pesquisadores. E assim a categoria do “outro” entendido enquanto objeto de conhecimento que goza de um estatuto diferenciado em relação ao sujeito de conhecimento, foi flagrada, na prática mesmo da experiência de uma política relacional orientada pela afetação durante minha pesquisa, como uma categoria colonial que exigia ser transposta. O “outro” antropológico é uma ilusão, pressupõe frequentemente certa homogeneização do grupo estudado (“as prostitutas”), ao mesmo tempo em que postula uma barreira ou distância, fonte de uma assimetria de poder, de autoridade, entre esses “outros” e o pesquisador.

A noção de “reflexividade” ameniza o problema da distância entre “eu” e o “outro”, mas não o elimina, posto que para que haja troca reflexiva esta distância é, a priori, reconhecida e aceita. A reflexão, na física, é pensada como uma imagem invertida. E é formada numa dupla distância entre o objeto observado e seu observador.

Dependendo da pesquisa, esta abordagem distante pode parecer incompleta, rendendo resultados insuficientes se comprados àqueles que poderíamos obter se utilizássemos certas

alternativas. É certamente o caso de uma pesquisa como essa, feita com nichos anônimos. O anonimato traz em si a experiência da unicidade. A utilização da noção de reflexividade pode tornar-se então insuficiente. Sem uma problematização do conceito de “outro”, se trabalharia com ela apenas na superfície do tema.

A autoridade etnográfica de que nos fala Clifford (2014) em seu artigo, é delineada no final do século XIX com Malinowski, que reúne pela primeira vez uma pesquisa empírica, de campo, com uma análise antropológica e a criação de um sujeito literário, investido de uma autoridade. E esta autoridade está baseada em pressupostos conceituais que reforçam certas hegemonias. Este poder que o antropólogo se dá, ou acredita ter, orienta, é claro, o olhar e a produção de conhecimento.

Não se pode ignorar que houve um enorme salto de sistematização da antropologia entre os anos 1920 e 1950, por causa da delimitação da autoridade do teórico-pesquisador no campo acadêmico (CLIFFORD, 2014, p. 31). Certamente as críticas hoje possíveis, tanto do pós-estruturalismo europeu quanto do pós modernismo americano, não o seriam se não houvéssemos trilhado tal caminho. Não se trata, pois, de invalidar tudo aquilo que foi construído até aqui. Quero apenas destacar implicações políticas de bases conceituais que orientam o trabalho de campo e, por conseguinte, a produção de conhecimento da etnografia, tal qual se abateram sobre a minha própria experiência de pesquisa, indagando-a desde que ela parecia escapar destes pressupostos.

Seguindo James Clifford: “o desenvolvimento da ciência etnográfica não pode, em última análise, ser compreendido separado de um debate político-epistemológico sobre a escrita e a representação da alteridade” (2014, p. 20).

Daniela Versiani, em seu exame do artigo de Clifford coloca que:

[...] ao invés de falar *sobre* o Outro, ou *pelo* Outro, o antropólogo passa a falar *com* o Outro, através da elaboração de uma etnografia de escrita dialógica e/ou polifônica que busca ser uma “alegoria” do encontro de subjetividades entre diferentes culturas: a dos etnografados e a sua própria (2002, p. 67).

Esta é uma das maneiras pelas quais a autora conclui pelas vantagens de uma prática autoetnográfica. A autoetnografia, pensada como método de pesquisa, amplifica a dimensão subjetiva da experiência etnográfica, colocando nela o foco crítico a partir do qual se trabalham os problemas da pesquisa, com isso a relação sujeito-objeto se dilui, muito embora seja possível que este movimento nada signifique em termos de resolução da ontologização do outro

como gênero de escrita

Concordamos com a citação que o discurso antropológico pode render muitos bons frutos se entendido como “alegoria do encontro de subjetividades”. Mas gostaria de acrescentar que insistir na manutenção da categoria do “outro” acaba por preservar a sua separação essencializada em relação ao “eu”. Assim, falar “com o outro”, ainda que seja melhor do que falar “por ele”, não resolve também o problema que pretendemos apontar.

Nosso problema é que o “outro”, além de representar a alteridade, representa também uma distância intransponível em relação ao pesquisador. Isso porque o conceito de “eu” é delimitado por fora pela noção de “outro”, isto é; o “outro” tem sido entendido como aquele que não sou “eu”. Me pergunto então se a alteridade precisa se constituir por uma oposição entre “eu” e “outro”. Quer dizer: diferente é aquele que tem o que eu não tenho? (Ou que não tem o que eu tenho?) Ou é possível haver identidade na diferença? Creio que a diferença não precise ser essencializada, absolutizada e que se possa trabalhar com um conceito mais sutil de alteridade em que o “outro” pode ter o que “eu” tenho, mas ter de uma forma diversa.

Problematizar adequadamente a categoria do “outro” exigiria toda uma pesquisa para sondar como o conceito aparece especificamente nas obras deste e daquele autor, esforço que está além do alcance desta tese. Portanto, deixo apenas indicado aqui o problema, na medida em que ele se revela útil para que se possa fazer uma discussão sobre distância em relação ao campo e a posição do pesquisador em campo que advém daí.

Questionar a categoria do “outro” não significa, contudo, fortalecer a noção de “eu”, entendida como sujeito branco, europeu, heterossexual, em última análise (VERSIANI, 2002), mas radicalizar o projeto de implosão desta categoria, entendida como construção histórica, situacional e, portanto, plural. O que se pretende é jogar a noção de “outro” para o interior da noção de “eu”, desfazendo qualquer barreira ontológica entre estes termos. Trata-se de levar a sério a filosofia da afetação, permitindo um processo de identificação com aquele com quem se está em relação, admitindo suas contribuições para a própria vida do pesquisador.

Vejo o campo como uma experiência de vida em sociedade do pesquisador. E acredito que se possa fazer antropologia (e penso que seja uma antropologia muito competente, inclusive) tomando elementos das experiências de vida dos nativos, de suas práticas e crenças como um devir possível para o antropólogo. Permitir-se, com sua própria bagagem cultural, experimentar uma posição comum dentro daquele sistema de verdade.

Isso quer dizer que quero que as relações em campo sejam relações verdadeiras entre pessoas em sociedade. E não relações táticas às quais nos dedicamos com o objetivo único de fazer uma pesquisa, tratando aquelas pessoas como seres ontologicamente diversos do

pesquisador, cujas crenças são meras representações, ao passo que o saber científico acessaria a natureza sobre a qual se constituem tais representações.

Com a proximidade dos interlocutores “nativos” esse “outro” passa então a integrar o “eu” na pessoa que ele é. Chegamos assim à conclusão de que há diversos motivos para se conceber um “eu” plural num trabalho como o presente, assim como numa biografia, ou numa autoetnografia. Vejamos o que diz Clifford a respeito da noção de “subjatividade dialógica”, aplicação do dialogismo de Bakhtin,

[...] um tipo de escrita construída a partir de uma “subjatividade dialógica”, que, enfatizando a presença do Outro na escrita do Eu, acaba por incluir no discurso autobiográfico, através da memória e das condições históricas em que se deu o processo de subjetivação, as vozes de outros *selves*. A autoreferência fragmentária e dialógica permite que outras vozes culturais perpassem sua escrita [...] se o modelo de autobiografia cunhado no século XVIII serviria para construir de forma discursiva, aquele sujeito unívoco, autobiografias que adotem técnicas discursivas alternativas ao modelo tradicional constituiriam discursivamente identidades multifacetadas e subjatividades plurais (2014, p. 60-61).

Para Strathern, o problema da autoria no texto etnográfico não se resume a questão das vozes a partir das quais se produz o texto, mas se trata também de como as palavras das pessoas pertencem a elas (2014, p. 137). Sendo assim, não é o pertencimento do pesquisador a certo grupo que determina um caráter autoetnográfico do seu trabalho, pois a “casa” pode recuar infinitamente, mas sim a medida da continuidade entre o trabalho produzido as verdades nativas.

Mas porque é importante dizer se o texto é uma autoetnografia ou uma etnografia? Esta classificação diz respeito à relação do autor com seus leitores: a natureza do trabalho produzido é posta em questão para que os leitores possam enxergar melhor o processo de produção de conhecimento naquele trabalho.

Mas o que mais me interessa problematizar aqui é a origem do texto, não seu destino. O “eu” plural (ou Giovana) é uma proposta de como se relacionar em campo. Algo parecido com o que diz Janne Favert-Saada quando ela critica a empatia como forma de se relacionar com as pessoas do campo.

Segundo a primeira acepção (indicada na Encyclopedia of Psychology), sentir empatia consistiria, para uma pessoa, em “vicariously experiencing the feelings, perceptions and thoughts of another”. Por definição, esse gênero de empatia supõe, por tanto, a distância: é justamente porque não se está no lugar do outro que se tenta representar ou imaginar o que seria estar lá, e quais “sensações, percepções e pensamentos” ter-se-ia então. Ora, eu estava justamente no lugar do nativo, agitada pelas “sensações, percepções e pelos pensamentos” de quem ocupa um lugar no sistema da feitiçaria. Se afirmo que é preciso aceitar ocupá-lo, em vez de imaginar-se lá, é pela simples razão de que o que ali se passa é literalmente inimaginável, sobretudo para um etnógrafo, habituado a trabalhar com representações: quando se está em um tal lugar,

é-se bombardeado por intensidades específicas (chamemo-las de afetos), que geralmente não são significáveis. Esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los.

Uma segunda acepção de empatia –*emfühlung*, que poderia ser traduzida por comunhão afetiva– insiste, ao contrário, na instantaneidade da comunicação, na fusão com o outro que se atingiria pela identificação com ele. Essa concepção nada diz sobre o mecanismo da identificação, mas insiste em seu resultado, no fato de que ela permite conhecer os afetos de outrem. Afirmo, ao contrário, que ocupar tal lugar no sistema da feitiçaria não me informa nada sobre os afetos do outro; ocupar tal lugar afeta-me, quer dizer, mobiliza ou modifica meu próprio estoque de imagens, sem, contudo, instruir-me sobre aquele dos meus parceiros (2005, p. 158-159).

Como interpreto, a autora está destacando aí, implicitamente, que não existe um “outro” a que podemos nos converter. Trata-se de experimentar uma certa posição em campo que nos permite observar o que nos interessa. Ser afetado implica numa experiência pessoal desta posição específica e, como a autora coloca, modifica nosso próprio repertório de imagens.

Trata-se de um “eu”, pois o texto etnográfico sempre é a voz do antropólogo, como observa Strahern (2014), mas um “eu” que se modifica e enriquece na relação com as pessoas em campo (como coloca Saada, 2005): um “eu” plural.

Para conceber este processo de subjetivação é necessário abdicar de atribuir ao seu próprio sistema de conhecimento um estatuto de legitimidade ou verdade superior ao que se atribui aos sistemas que se estuda. É importante identificar-se então com alguns aspectos da vida das pessoas com quem se relaciona em campo, seja o fato de a pessoa ter filhos, gostar de esportes, ser marginal em qualquer aspecto em relação ao seu pertencimento social etc. Reconhece-las, portanto, como seres humanos, assim como o antropólogo, a partir do que, já várias identificações são possíveis.

E deve-se abrir debates com essas pessoas, penso eu, sobre suas próprias ideias e experiências (do antropólogo). E trocar com elas a partir destes ganchos. Trata-se de “relacionar-se” com uma criatura não igual, mas equivalente, ao pesquisador. É isso que permite a afetação em campo, ou seja, a experiência, pelo pesquisador, de um lugar que se atribui tipicamente ao grupo nativo.

É claro que, como observar Strathern, a atribuição de cultura a todos os grupos humanos já é uma construção do antropólogo (2014, p. 151). Desta maneira, minha proposta de metodologia para realização do trabalho de campo é culturalmente indexada, e se admite por isso, comprometida em explorar como o antropólogo percebe o nativo, e não o contrário. Este domínio é impossível sondar, posto que o “outro” é, na verdade, inacessível, irrealizável.

Concentramo-nos então, nas relações que se estabelecem em campo, vistas a partir do lugar específico do pesquisador. O que salta aos olhos nesse entendimento específico da relação em que se está metido ali, ora em exame, é a questão da distância hierárquica entre sujeito e

objeto de conhecimento. Digo hierárquica, porque não se trata de uma distância horizontal, ou seja, que reconhece, na diferença (no “outro”), uma variedade equivalente de posição possível na sociedade englobante. Trata-se, antes, de uma distância vertical, em que pesquisador e nativo ocupam posições mais e menos valorizadas numa escala de poder-saber.

Argumento que tal distância não seja necessária em nenhuma etapa do ritual da pesquisa. A distância horizontal é desejável, a vertical produz um conhecimento truncado demais pela própria fé.

As famosas etapas de que falam nossos manuais: a da aproximação do campo, vivência da proximidade com o objeto de análise e posterior distancia (física e simbólica do objeto) para que se possa conseguir um ponto de vista ótimo, fornecido por um afastamento crítico que daria acesso à “verdade”, também precisam ser problematizadas em função da pesquisa que se queira fazer.

As questões do campo da prostituição “de luxo” que me interessaram neste trabalho não exigiam tal distanciamento. Ao contrário, exigiam um conhecimento íntimo, de perto e de dentro, produzido por uma disposição do antropólogo à afetação; uma disposição à leitura horizontal da distância, que valoriza a identificação que produz a relação. A maneira de ser afetado que julgo valiosa para o antropólogo não significa experimentar necessariamente a feitiçaria, quando se lhe tem por objeto. Mas reconhecer um processo de delimitação de problemas que serão perseguidos na pesquisa, processo este viabilizado por uma experiência determinada por uma posição. Ser afetado é experimentar uma posição que permita identificações com os interlocutores do campo.

No caso deste trabalho, a proximidade podia fornecer as ferramentas para lidar com questões que exigiam a confiança destes interlocutores. Não se tratou, contudo, de uma aproximação calculista, exclusivamente interessada em extrair informações das pessoas para a produção de um trabalho científico, à maneira de relações artificiais; demasiadamente carregadas de utilitarismo.

Marylin Strathern (2014, p. 138) fala sobre a sensação de estar usurpando os nativos de Elmdon, na medida em que as relações que estabelece com eles lhe renderia frutos (prestígio acadêmico) que se processam num plano ao qual eles não têm acesso. De minha parte, creio que a troca humana, se sincera, se honesta, seja suficiente para dissolver tal impressão. Se se pensa que os nativos são pessoas com as quais o pesquisador nunca se relacionaria, que seu sistema de pensamento é precário ou incipiente, a culpa advém como resultado óbvio destas interações, para o antropólogo, que então maneja os postulados científicos sobre os quais se

assenta seu regime de verdade no sentido da dominação mais pura (ADORNO e HORKHEIMER, 1985).

É necessário ter em conta que todas as relações humanas são mesmo interessadas. Não é, a pesquisa em antropologia, se se dilui a distância em relação ao “outro”, um artifício excelente e perverso de extração de prestígio às custas de outras pessoas. Antes, representa um interesse pessoal, nada especial em relação aos interesses que os nativos têm ao se relacionar com os antropólogos.

Assim, acredito que nossa crença na necessidade desta distância vem de 1) uma analogia espacial, e 2) é informada pelo senso comum de que não se pode enxergar com clareza quando estamos próximos demais. É como se, espacialmente falando, olhar de muito perto tirasse o foco do que se observa, enquanto uma vista de pássaro permitira uma contemplação total do objeto. Mas o que nós, antropólogos, observamos não é físico. Portanto, não necessita desta tal vista de pássaro.

Dizem também que quando estamos numa briga conjugal, por exemplo, não conseguimos pensar com clareza, tanto quanto quando conseguimos nos acalmar. Ou que a opinião de um amigo que está “olhando de fora” nos fornece uma visão mais clara e precisa do que a que temos ao vivenciarmos qualquer situação delicada. Na verdade, o ponto de vista deste observador externo não é melhor nem mais claro. É diferente apenas, vê o que quem está perto não vê, mas perde o que quem está perto tem a oportunidade de contemplar. O argumento pró-distância acredita nessa oposição dura entre razão e emoção. Como se os afetos impedissem a racionalização de qualquer tipo.

James Clifford (2014, p. 39) divide a produção de conhecimento na antropologia em dois momentos que se sucedem cronologicamente: o da experiência e o da interpretação. O que se produz na experiência são discursos (localizados circunstancialmente). E o que se produz na interpretação são os textos. Os textos “podem viajar”, os discursos dependem do contexto em que acontecem, em campo. Desconfiamos dessa linearidade cronológica que encadeia experiência e interpretação. E entendemos que a interpretação acontece mesmo durante as interações.

A exigência da distância perpetua a categoria do “outro”, substantivada e politicamente orientada por um vetor colonialista. Quando estamos próximos existe a ameaça de nos tronarmos neste “outro”, por isso a proximidade é circunscrita num momento específico da pesquisa, como o momento do contato com o campo, em que a proximidade é permitida, ou mesmo desejável, contato que se mantenha esse “outro” no seu devido lugar. O risco de se tornar o “outro”, já presente aí, se agrava então se nos mantemos próximos durante todas as

fases da pesquisa ou se temos sexo com essas pessoas, por exemplo. O sexo, enquanto diluidor da individualidade (BATAILLE, 2013) torna-se assim uma forma de relação tabuízada na prática do trabalho de campo.

A pesquisa em antropologia permanece assim, no nosso imaginário, como uma expedição ao mundo exótico, em que, à maneira de Indiana Jones, de roupa caqui e chapéu coco, vamos ao encontro de tribos primitivas para capturar um tesouro. Ali falamos a sua língua (carregada do nosso sotaque), comemos sua comida e participamos de seus rituais, mas é necessário um “retorno” do antropólogo à sua terra de origem. A distância permanece sendo o elemento característico da relação com os nativos.

Se se sabe que a neutralidade é impossível, é preciso levar a sério todas as implicações disso. A exigência da distância é tributária desta fé na neutralidade. O jaleco branco do cientista vem representar essa separação entre sujeito e objeto de conhecimento. É um princípio avesso ao raciocínio mágico-religioso, em que uma mulher menstruada não pode fazer um encantamento, pois se supõe que ela contaminaria o objeto sobre o qual se debruça. Neste sentido, a ciência vem como ruptura no regime de verdade estabelecido e destaca que sujeito e objeto são diferentes, tem estatutos diferentes de saber e poder, de forma que o sujeito se relaciona com o objeto através de uma iniciativa de dominação (ADORNO e HORKHEIMER, 1985).

Por fim, a categoria do “outro” traz o problema da essencialização/ homogeneização do grupo estudado. Totaliza-se algum ou alguns aspectos da identidade das pessoas. Por isso a discussão sobre a impossibilidade de tornar-se “nativo”. Pensa-se num grupo fechado, separado do pesquisador, pela sua própria condição de pesquisado.

Como Roy Wagner observa:

É ingênuo sugerir que virar nativo é a única maneira de alguém “aprender” efetivamente outra cultura, pois isso exigiria abrir mão da própria cultura. Assim sendo, já que todo esforço para conhecer outra cultura deve no mínimo começar por um ato de invenção, o aspirante a nativo só conseguiria ingressar num mundo criado por ele mesmo, como faria um esquizofrênico ou aquele apócrifo pintor chinês que, perseguido por credores, pintou um ganso na parede, montou nele e fugiu voando (2014, p. 53-54).

É claro que é impossível abdicar da própria bagagem cultural. A experiência do antropólogo em campo será, necessariamente, uma experiência específica, assim como são específicas todas as experiências das pessoas que se considera que constituam um grupo a estudar.

O meu lugar em campo, então determinado por minhas características pessoais (como aponto em alguns momentos deste trabalho), colocou-me na posição delicada na qual a prática

sexual é vista, na academia, como impeditiva da produção de um conhecimento “neutro”. Por isso foi preciso fazer esta discussão preliminar.

2 SOBRE A CATEGORIA DO “LUXO” NA PROSTITUIÇÃO

Giovana me explicava envaidecida que era “prostituta de luxo”. Eu notava que isso a distinguia, para ela. Quando alguém dizia, ao apresentá-la para as lideranças do movimento organizado de prostitutas, que ela era “puta”, ela logo dava um jeito de completar que era “prostituta de luxo”. Uma vez me ligou se desculpando por esta conduta sua. Disse que “não queria parecer esnobe entre as outras falando sobre o valor do seu cachê”, mas que na verdade ela própria “vivia muito impressionada com o volume de dinheiro que estava entrando”, em contraste com sua vida pretérita, sem os programas, há pouco deixada para trás.

Mas o que ela tanto queria dizer com “prostituta de luxo”?

“Prostituição de luxo” é uma categoria nativa que serve para identificar programas consumidos por um público de classe média à classe alta, variando entre 300 Reais a hora e 15.000 Reais a noite. Divide-se em três principais modalidades de prostituição observadas por mim ao longo da pesquisa de campo: bordeis, sites e cafetinas. Destes, os mais baratos são os programas nos bordeis, passando pelos sites e chegando aos grandes agenciadores, que geralmente são mulheres: as cafetinas. Embora essa curva possa apresentar desvios (como a Casa mais cara da cidade, que chega a ser frequentada por um público mais abastado que determinados sites e onde paga-se igual ou mais caro que nos mesmos sites).

Thaddeus Blanchette e Ana Paula da Silva, em seu artigo “Amor um Real por Minuto-a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano”, chamam atenção para essa noção de gradação da prostituição em escalões que pode reforçar preconceitos de classe, raça e gênero.

Tradicionalmente, a prostituição feminina no Rio tem sido dividida em duas alas: o baixo meretrício e o alto meretrício. Trabalhos mais recentes vindo da história (Meade, 1991) e da antropologia (Gaspar, 1984) têm ampliado essa análise, estipulando uma classificação triparte e acrescentando o médio meretrício ao modelo (2011, p. 215).

Para os autores esta partição “mantém grandes congruências com teorias social-evolucionistas tradicionais a respeito da população carioca” (2011, p. 216). Como se houvesse uma gradação de “tipos de mulher”, em função da classe, que praticasse atividades distintas. Como se a prostituição branca, dos circuitos ditos “de luxo”, fosse uma atividade diferente da prostituição de rua, mais negra.

Concordo com eles quando dizem que essa partição não está, no entanto, de todo equivocada. Uma vez que existem diferentes lugares e cachês e públicos (clientes) diferenciados socioeconomicamente e simbolicamente, na cidade. Notemos que essa divisão

em três níveis parece refletir a divisão geral que se faz de classes, na sociedade: ricos, classe média e pobreza.

Penso então que o que diferencia a prostituição “de luxo” da do baixo meretrício é mais uma variedade econômica de clientes do que a condição social das garotas. Muitas mulheres preferem mais programas rápidos e sem tanto flerte do que poucos programas caros nestas condições. Uma militante do movimento de prostitutas disse uma vez num congresso que “gostava mesmo era de trabalhadores braçais”. É uma questão de preferência por certas especificidades de cada nicho, para a mulher. E pode-se faturar trabalhando na rua tanto quanto nas Casas mais caras do Rio.

No entanto, não é igual para uma mulher se prostituir na rua, ou numa Casa “de luxo” do Rio de Janeiro ou São Paulo. A experiência é bastante diversa por diversos motivos. Tem-se a especificidade da carga socioeconômica e simbólica do espaço em questão e de como isso implica na relação com a prostituição, em cada um dos casos. Isso determinará a experiência do estigma que cada uma vive, mas não só. Determinará a própria rotina. E isso serve também para espaços virtuais, frequentados, em função do valor do cachê das garotas, por públicos diferenciados.

Percebo por exemplo uma grande diferença a respeito da forma de se fazer propaganda destas mulheres nos sites, que varia em função do valor do cachê (ou seja, como viemos apontando, da condição socioeconômica do cliente a quem se destina). Geralmente, quanto mais baixo é o cachê, maior a exposição da mulher nas fotos. No segundo site mais conceituado de *call girls*, as fotos são nuas e com as pernas abertas e em poses mais “vulgares”. Já no site mais conceituado de garotas do Rio de Janeiro, onde os programas são ligeiramente mais caros, a garota aparece de lingerie ou nua, mas com as pernas fechadas, em poses mais recatadas. Nas “fichas rosa”, por sua vez, as garotas podem estar de biquíni ou com roupas curtas, simplesmente.

Giovana, acostumada a trabalhar em certos sites em que a exposição da mulher nas fotos era enorme, recebeu uma vez um telefonema de uma amiga sua contando que tinha um cliente que pagava 4.000 Reais pelo programa de uma hora. E que ele estava procurando uma garota para fazer um programa, naquele instante, e que ela não podia ir. A amiga então passou o programa para Giovana, que deveria mandar fotos para o cliente aprovar. Mandou então, através do aplicativo de celular WhatsApp, algumas fotos caseiras de lingerie e o cliente perguntou se ela não tinha “boas fotos e de roupa”. Ele se referia a fotos feitas por um fotógrafo profissional. Não a contratou.

São fartas as falas de homens que buscam demarcar uma divisão entre a prostituição que consomem e outros tipos de prostituição. Por exemplo; alguns clientes me referiram que tem “nojo” de bordel; “a menina sobe com um, sobe com outro... tudo ali na nossa frente. Não tem essa de ‘lavou ta novo’, não. Se eu vir uma menina subindo com outro cara eu já não quero mais fazer programa com ela”.

Giovana também contou que, para seu primeiro ensaio fotográfico de um site, levava consigo uma bisnaga de chantili para espalhar pelo corpo e fazer as fotos. Foi advertida pela fotógrafa de que, se fizesse suas fotos assim, atrairia “um público nojento”; “homens que vão dizer no telefone que querem te chupar toda... essas coisas...”

Homens que ficassem falando sobre posições sexuais que fariam com a garota ou de posições sexuais que gostavam de fazer, no telefone, num claro jogo de autoexcitação, eram tidos pelas garotas como clientes “nojentos”. O desejável era que não se demorassem na negociação do programa, sendo objetivos quanto ao que esperavam do sexo consumido, e que marcassem dia e hora para o encontro, com gentileza, educação e alguma sobriedade, apropriada para um primeiro contato com quem não se conhece ainda. Assim como também eram mal-vistos nas Casas os clientes que “alisavam” as “meninas” e se demoravam para fazer o programa. Os que não “subiam” eram chamados nos bordéis de “clientes pentelhos”, de “fariseus” nas boates, e tinham outros nomes a depender do nicho.

Giovana uma vez me disse: “Ah! Quando eu percebo que o cliente tá se masturbando do outro lado, enquanto me diz: ‘ah! vou te pegar assim... ah! você gosta assado?... Você tem uma bunda linda...’ Eu falo logo: ‘amor; isso aqui não é *disk sex*...’”. Havia regras de etiqueta na abordagem que o cliente fazia e na apresentação/ sedução por parte da garota também. A fotógrafa chamou a atenção de Giovana para que, caso ela quebrasse essas regras, sofreria a consequência da mesma quebra da parte dos clientes inoportunos, que acham que podem conseguir prazer de graça com a garota, assediando-a pelo telefone.

A questão é que diferentes meios prostitucionais possuem diferentes códigos de conduta, regulados por regras de etiqueta específicas. Passei a me perguntar então quais seriam as diferenças em termos de experiência do estigma, para as garotas, em cada um desses ambientes físicos e virtuais.

Bacelar (1982, p. 12) afirma que o estereótipo da prostituição é a prostituição da pobreza porque sobre as classes subalternas abate-se mais facilmente o estigma. A este respeito, Maria Dulce Gaspar (1985, p. 81) coloca perspicazmente que sobre a prostituta do mais alto escalão cabe especificamente o estigma que se constitui baseado na não necessidade de se fazer programa.

Em um certo sentido, as mulheres das camadas médias podem fazer uma opção ao se dedicarem à prostituição e devem arcar com o peso da “perversa escolha”. Coloca-se então como hipótese provável que, não existindo a priori a determinação econômica, elas gostem de se prostituir, e com isso ganha força a acusação de doença – ninfomania- como justificativa da conduta (1985, p. 81).

Giovana conta que as pessoas a quem revelava o segredo de sua profissão diziam que “você não parece precisar disso...” E que um namorado que a rejeitou uma vez lhe perguntara justificando o término: “quantas meninas com seu grau de instrução você conhece que fazem programas?”. Este homem viria a ser um economista respeitado, mais tarde. Haviam cursado juntos a graduação em economia. A “perversa escolha” traz estes pesos. Esta é então apontada por Gaspar como a especificidade do estigma da prostituição “de luxo” que sofrem as mulheres prostitutas.

Some-se a isso o estigma do luxo. Para Jean Castarède:

Para muitos, o luxo é questionável. Num momento em que metade do mundo está mal-nutrida e o verdadeiro combate é pela igualdade de oportunidades, a ostentação do luxo ofende e escandaliza. O luxo é geralmente estigmatizado e condenado por todos os discursos [...] (2005, p. 27).

Por esse motivo o autor salienta o caráter subversivo de um estudo sobre o luxo (2005, p. 27).

Voltando agora ao ponto da validade de se falar sobre escalões na prostituição, o que Blanchette e Silva parecem apontar, é que, no final das contas, existem infinitas maneiras de se negociar o sexo em função de uma vantagem financeira ou material. E isso não pode ficar restrito a um grande modelo de prostituição em escalões, onde atuariam mulheres diferentes. As garotas que praticam a prostituição dita “de luxo”, por exemplo, podem conjugar e frequentemente conjugam o trabalho em diferentes meios. As meninas dos bordéis de luxo muitas vezes vão a boates na Zona Sul (considerada por Gaspar como média prostituição) depois do expediente de um dia fraco na Casa. E muitas garotas de sites também estão em catálogos de cafetinas (também chamados de “ficha rosa”²). Além do que, ao longo de uma carreira, a mulher pode experimentar diversos circuitos de prostituição diferentes.

Gostaria de chamar atenção para a questão levantada de que existem então diversas maneiras de se negociar o sexo e sua contrapartida. Como Piscitelli (2013) traz a respeito do “mercado do sexo”, isso abarca mesmo as relações com “o velho que ajuda” ou, as fantasias de

² “Ficha rosa”: São catálogos de acompanhantes “de luxo” nos quais trabalham preferencialmente mulheres com algum trânsito na mídia. Os ensaios de fotos destas garotas circulam apenas em listas fechadas de e-mails de clientes de alto poder aquisitivo. Assim, o trabalho da garota é mediado pelos agenciadores, que cobram cerca de cinquenta por cento do valor do programa. É diferente dos sites, em que as mulheres tratam diretamente com os clientes, pagando uma quantia semanal à administração do site para a publicação das suas fotos na internet.

“cinderelas negras”, relações que não cabem no rótulo “prostituição”. Tudo isso é “mercado do sexo”.

E como Silvia Naidin complementa, em seu trabalho de doutorado (2016, p. 117), abarca mesmo as relações das moças de famílias ricas que se casam com homens da alta classe para manter os privilégios da família. Definir como “mercado do sexo” apenas as transações econômico-sexuais entre membros de classes distintas aproxima-se de um preconceito de classe. Na verdade, como colocam as irmãs Fokkens (2014), “só os cães transam de graça”. Sempre há interesses envolvidos nas trocas sexuais.

Sobre os comportamentos que definiriam os circuitos de prostituição “de luxo”, um primeiro olhar parece revelar a existência de uma moral que regula as práticas dentro dos distintos universos prostituicionais. Uma moral que reproduz a moral social. E que essa moral é tão mais rígida quanto maior o nível socioeconômico dos clientes que consomem aqueles programas. Pernas fechadas nas fotos para clientes do site mais caro, fotos das mulheres vestidas, nos catálogos das cafetinas, com os cachês mais exorbitantes.

Uma vez, numa Casa considerada “de luxo”, Giovana foi chamada a atenção porque levantou o soutien no salão, para seduzir um cliente. Ela contava às gargalhadas que a gerente da Casa veio lhe perguntar: “tá pensando que isso aqui é o que?” Ria muito. “Zona?” - completava irônica, comentando o ocorrido. Já em certas Casas da Vila Mimosa, as mulheres usam apenas calcinhas, sem a parte de cima da lingerie.

Quando então nossa protagonista dizia que era “prostituta de luxo”, talvez quisesse se referir a uma distinção moral em relação às mulheres de outros circuitos prostituicionais, mostrando um pertencimento moral à sociedade que a prostituição “de luxo” parecia querer preservar. Assim, quando ela diz: “sou prostituta de luxo”, esquivar-se-ia do estigma de “imoralidade” que parece tê-la atingido diversas vezes e da subsequente exclusão social que ele engendra. Esquivava-se do estigma de classe também. Quando ela diz: “de luxo”, mobiliza todo um repertório simbólico que, por mais que não se verifique etnograficamente, opera nas expectativas das pessoas em campo.

Mas dentro deste modelo em que a moral é tão mais rígida, tão mais “pudica” quanto maior o escalão da prostituição, deparei-me com uma inflexão, que se refere à Casa mais cara e prestigiosa do Rio de Janeiro, de que tanto se fala em todos os nichos da prostituição “de luxo” que frequentei. Muitas das falas que coletei sobre esta Casa a definem de forma semelhante: trata-se de uma Casa em que “a abordagem das garotas é mais agressiva”, além de sempre surgir nas falas sobre esta Casa a questão da venda e uso de drogas neste ambiente. Dizem que as garotas lá levam cocaína em um dos peitos, escondida sob o soutien, e maconha no outro. E que perguntam ao cliente que chega, empinando os peitos, se ele “quer do preto ou quer do branco”.

Passo a transcrever o trecho de uma conversa com um cliente, via WhatsApp.

- Lá é parecido com as outras casas, mas tem mais meninas e o programa é mais caro.
- Você nota alguma diferença na abordagem das mulheres?
- Sim, a abordagem lá é mais agressiva, digamos assim. Talvez por ter mais meninas, elas se sintam mais pressionadas. Mas depois de um tempo volta ao normal das outras Casas.
- Como assim?
- Se elas te virem como um cliente recorrente a abordagem muda.
- Mas o que é essa “abordagem agressiva” de que todo mundo fala?
- Tipo passarem a mão... falar coisas que você só escuta nos filmes pornôus ruins, tentar “subir” três, quatro meninas com o mesmo cara... coisas assim. O padrão das outras Casas é a menina ser mais reativa. Ver qual é a sua e seguir. Lá elas tomam um pouco a frente no início. Depois, normal.

A maior, digamos, flexibilidade moral, que se verificaria no ambiente do “salão” das Casas do baixo meretrício, parece imperar também, de uma maneira própria, na Casa mais luxuosa da cidade. É curiosa esta postura das garotas ao seduzirem os clientes nessa Casa, ampliando-se os limites daquilo que é permitido fazer nos momentos de sedução em relação às outras Casas “de luxo”. Esta interpretação de que a moralidade das Casas (ou dos sites) é regulada tão somente pelo nível socioeconômico dos clientes que os frequentam, revela então sua limitação para entender a pluralidade dos universos prostitucionais em questão. Pois os desejos não cabem nas distinções de classe. E os clientes das grandes cafetinas podem procurar as mulheres dos sites mais devassados, vez por outra.

É preciso considerar, entretanto, a existência de diversos nichos de mercado. Cada Casa ou site tem um público alvo e um perfil. Muitos desses homens circulam por diversas Casas e consomem prostituição em diversos meios. Mas todos têm seus *metiêrs* preferidos. Um dj de uma Casa uma vez disse a Giovana que “ali elas não decidiam nada. Quem decidia eram os clientes”, quando ela lhe pediu que colocasse uma certa música para tocar. O dj percebia a orientação de conduta das Casas em função de seu público.

Não se pode então utilizar a ferramenta da divisão da prostituição em escalões para se fazer, a partir dela, e somente a partir dela, generalizações de comportamentos e códigos de conduta típicos.

Mas o que elegemos aqui como problema, em última análise, é a convivência entre a noção de “luxo” e a de “prostituição”. E as formas pelas quais se processam a interpenetração destes campos. Então passamos ao exame da localização de alguns bordeis “de luxo”, encravados em alguns bairros de elite da cidade. Elegemos esta discussão para ilustrar certos problemas típicos da prostituição dita “de luxo”.

Rogério Araújo coloca, a respeito de seu campo:

A região do Dergo possui empiricamente todas as características do que Espinheira (1984) chama de “ecologia da prostituição”. Segundo o autor, a prostituição não pode localizar-se livremente como as demais atividades legitimadas, pois as pressões

sociais e o policiamento obrigam-na a restringir-se a locais que não apresentam interesses imediatos para o sistema. Assim, a prostituição é obrigada a circunscrever-se a determinadas áreas de baixo valor econômico e status, geralmente bairros pobres ou imediações de zonas comerciais populares, ou ainda áreas em que há uma excessiva mobilidade como aquelas próximas às estações ferroviárias, rodoviárias e portos (2006, p. 51).

Há pelo menos dois dos mais importantes bordeis do Rio de Janeiro localizados em áreas nobres da cidade. Interessante pensar então em como se dão as negociações, no contexto de uma grande cidade, para que os bordeis estejam localizados em respeitáveis “bairros de família”; de famílias abastadas. Uma conversa com uma gerente de uma destas Casas revelou que paga-se semanalmente às três polícias, e ainda a deputados e senadores. A ideologia do “mal necessário” talvez se aplique aqui (RAGO, 2008).

Há também pequenas virações do cotidiano que elaboram estas negociações. Um taxista que trabalha há muitos anos na porta de um bordel “de luxo”, juntamente com um gerente de uma dessas Casas, me contou que quando o estabelecimento em frente ao bordel era um bar, bem como quando era uma boate, mulheres em dupla, desacompanhadas de homens, olhando muito para o cabaré, já se sabia que eram esposas ou namoradas de algum cliente. Aí então o porteiro passava a descrição das mulheres para o gerente da Casa e este avisava aos clientes. O interessado saía pela porta dos fundos.

Maria Dulce Gaspar (1985, p. 20) apropria-se de Park, do seu conceito de “região moral”, para explicar a prostituição em boates de uma área decadente de Copacabana. É como se a prostituição, por ser moralmente degradada, ficasse situada apenas em locais físicos degradados também. Este conceito (de “região moral”) e esta sua apropriação, lança mais luz sobre a problemática das Casas “de luxo”, localizadas em “regiões morais” a princípio alheias ao seu lugar moral. Talvez este seja um diferencial da prostituição “de luxo” (muito embora algumas boates de Copacabana possam estar enquadradas também nesta modalidade de prostituição “de luxo” se tivermos em conta os preços dos programas, algumas vezes igual ou superior aos dos bordeis- a depender da especificidade das negociações entre garotas e clientes). Percebe-se então que esta é uma categoria sinuosa, a da prostituição “de luxo”. Não sendo fácil estabelecer os critérios que determinam que certa atividade seja ou não enquadrada nesta categoria.

Afinal, nos perguntamos como as garotas entendem essa prostituição “de luxo”. Em alguns casos, trata-se de uma categoria relevante para elas. Em outros não. Muitas vezes é uma categoria mais importante para os clientes consumidores do que para as mulheres que trabalham com prostituição. Giovana saiu de uma Casa “de luxo”, durante o tempo da pesquisa, para trabalhar numa Casa considerada do baixo meretrício, na baixada fluminense. Dizia que ganhava muito mais dinheiro lá, que lá ela sobressaía em relação às outras mulheres. E que, por

ser a garota mais procurada pelos clientes nesta Casa, caíra nas graças dos patrões. Daí podia chegar e sair do bordel a hora que bem entendesse.

Clientes com quem tive contato, por seu turno, deixavam transparecer a questão da reputação envolvida em trabalhar em certos circuitos considerados “de luxo”. Para eles, era como se figurar no catálogo das grandes cafetinas outorgasse às mulheres um certo capital, salientado com entusiasmo por esses consumidores de serviços sexuais. Um homem em particular, numa entrevista, me dissera que achava que Giovana “não era mulher pra site” (embora ele a tivesse conhecido através de seu anúncio num desses sites). Que ela devia estar trabalhando com a maior cafetina da cidade, de quem ele se orgulhava de ter o contato.

Quando eu vi aquela menina linda, culta... eu pensei: ela tem que trabalhar com a cafetina! Porque são programas restritos a um público seletivo, os da “ficha rosa”. E a menina não fica exposta na internet. Não precisa fazer foto nua... é só cliente vip. A menina fica segura que não vai passar por nenhum constrangimento. Até porque os clientes dessa cafetina são casados, homens de família, tem uma reputação a zelar... Aí eu liguei pra cafetina na hora. Falei pra ela: ‘estou apaixonado! (risos). To com uma coisinha aqui que você tem que conhecer... e coloquei elas em contato’.

As garotas cujos cachês nos catálogos custavam em torno de dois mil Reais, entretanto, não faturavam tanto nos catálogos das cafetinas quanto nos sites. Segundo conversas com as garotas, os sites podiam render por volta de 2.000 Reais por dia, com programas de 500 Reais por hora. Enquanto nas “fichas rosa” a parte do cachê que cabia a garota era o dobro, mas os programas, mais escassos; mais ou menos um por semana. Daí muitas mulheres mantinham fotos em sites e nos catálogos, embora as cafetinas não pudessem saber disso. É interessante pensar, contudo, na representação destes catálogos: há um status, para as garotas, fornecido pela possibilidade de acessar esta clientela privilegiada, que compõe um repertório de práticas de distinção, no campo. As garotas das cafetinas saem com os clientes mais ricos que consomem prostituição no Rio de Janeiro.

Depois de discutir um pouco da prostituição “de luxo”, discutiremos a categoria do luxo de forma mais geral, para tentar apreender seus significados e aplicá-los ao universo da prostituição, verificando o que dessas inferências pode fazer sentido etnograficamente. Partimos da ideia de que o luxo seja pautado na noção de prazer em vez de na satisfação de necessidades mais básicas. Desta maneira, fará sentido afirmar que o consumo de um produto considerado “de luxo” pode intensificar a sensação de prazer.

Estamos aqui no terreno dos desejos, que se estabelece por oposição ao campo das necessidades. E se é a satisfação das necessidades o que torna o homem um ser vivo, são os desejos que o tornam realmente intenso na busca pela manutenção dessa vida. Trata-se, contudo, de uma categoria altamente subjetiva, a do luxo, pois o que é luxo para cada um,

depende do que sejam as suas necessidades satisfeitas. O luxo é o que transcende o rol dessas necessidades satisfeitas, é o que diferencia viver de sobreviver, segundo Castarèd (2005, p. 36). Por outro lado, o consumo considerado “de luxo” pode ser uma necessidade para certas pessoas que acumulam, a partir dele, o capital simbólico para sustentarem-se nas redes em que se constituem socialmente.

As garotas de programa “de luxo”, no entanto, precisam adequar-se a certos padrões objetivos de consumo que constituem cada *métier* específico. Para trabalhar em certas Casas que não exigem uniforme, por exemplo, é preciso comprar os vestidos e lingerie vendidos na Casa. São justos, curtos, coloridos e cheios de pedrarias. Vestidos de festa comuns, que fujam a este padrão, desvalorizam a garota no “salão”. Também para fazer os programas como *call girl*, é preciso deslocar-se sempre de taxi. Segundo Giovana, num argumento que aprendeu com a amiga que a iniciou, “é preciso chegar sempre cheirosa e bem arrumada. Não dá pra ir de ônibus. Até porque, com aquela roupa... ia ficar geral olhando na rua”.

Assim também é uma fala recorrente entre as garotas que trabalham em circuitos de “de luxo” que “é preciso estar sempre bem arrumada e cheirosa”. Há certas demandas que precisam ser cumpridas; requisitos, inclusive estéticos, que precisam ser satisfeitos. Resulta que as garotas que trabalham em Casas e sites “de luxo” estão sempre a investir na sua aparência através do consumo de procedimentos médicos e outras formas de intervenções estéticas corporais, como o uso de anabolizantes, por exemplo (NAIDIN, 2016).

Giovana tratou de fazer uma lipoaspiração e comprar um par de botas cano longo com os primeiros quatro mil que recebeu, em dois programas. As garotas estavam sempre de unhas pintadas nos salões dos bordeis pesquisados. Presenciei uma conversa sobre um bom creme de cabelo, que estava em promoção na internet. Muitas garotas comentavam sobre o tal creme, no salão, a espera de seus clientes, neste dia. Também tinha mais meninas com silicone nos seios do que sem, nessas Casas. Estes elementos deixam entrever um certo padrão estético que vigora para estas mulheres.

A prostituição de luxo é branca, tanto em termos de clientes quanto de garotas. Embora uma das Casas na Zona Sul pela qual Giovana passou tivesse um perfil, segundo ela, inclinado ao turismo, com oferta de mulheres negras. Os bordeis pesquisados eram brancos, tanto em termos de garotas quanto de clientes. As funcionárias da recepção também eram brancas. Regra que não se aplicava aos demais funcionários (cozinha, garçons, limpeza, cabinárias – que são as funcionárias que controlam os horários de entrada e saída das “cabines” ou quartos). As “meninas” tinham um perfil mais estreito que o dos homens clientes, além disso. Como sinalizado, eram todas consumidoras de intervenções estéticas médico-clínicas. Privilegiar estes procedimentos determinados era um investimento na carreira. Muitas garotas então tinham um grande investimento em produtos considerados “de luxo” para elas. Que deixam de ser “luxo”,

se entendido como requisito para se manter no trabalho. Em muitos casos, o dinheiro recebido nos programas era praticamente todo empregado nesses investimentos e nos padrões que a “nova vida” exigia.

Giovana, por outro lado, com os primeiros 900 Reais que conseguiu trabalhando num site, fez compras de mês para a sua casa e ajudou sua mãe com as contas. Sentiu uma necessidade de andar sem maquiagem e aboliu as roupas mais extravagantes do seu guarda-roupas. Parecia que se tornava menos vaidosa, embora fosse arrumada como as demais, para fazer os programas.

Avalio que o comportamento de Giovana seja uma forma de camuflagem. Ela passa a não se produzir tanto justamente quando passa a ganhar muito dinheiro em função de sua aparência. Evitaria, usando roupas simples e sem adornos, as suspeitas das pessoas sobre sua profissão.

Assim como uma garota de programa me disse uma vez, a respeito de das suspeitas que levantava na sua vizinhança sobre a sua profissão: “ah, gata... todo mundo suspeita que eu seja garota de programa, mas ninguém ali tem certeza”. Quando perguntei por que as pessoas suspeitavam ela disse: “ah... porque eu tenho dinheiro, ando sempre de taxi, sempre cheirosa e bem arrumada...”

Simmel (2009) coloca que “a essência do adorno consiste em atrair os olhos de outros sobre aquele que o ostenta” (2009, p. 242). Giovana parecia então querer passar despercebida, burlando os mecanismos de reconhecimento de sua atividade já que, como coloca o autor, “o adorno é o antagonista do segredo” (2009, p. 242). Castaèd (2005) acredita que a aparência é boa quando traduz a essência, quando a estética se transforma na ética, ou corresponde à ética.

O que o desleixo de Giovana com suas roupas, quando passou a ganhar dinheiro com a prostituição, pode mais nos dizer? Passo a citar Castaèd:

Uma sociedade demonstra progresso quando se coloca ao nível não apenas das necessidades, mas também das aspirações, que ajudam o homem a transcender-se. Por conseguinte, não seria o luxo essa pequena diferença entre o viver e o sobreviver? Entra-se então numa nova esfera, que abandona o ter para voltar ao ser e aos valores desta, como a liberdade, o amor e o respeito. Nessa esfera, o luxo não se refere mais apenas à posse, ao poder ou ao valor material; torna-se um complemento do ser e se relaciona ao amor e à perfeição, da mesma maneira que o encanto à graça. Mesmo quando se crê que o luxo esteja no âmbito do parecer e não do ser, pode-se ver aí uma modalidade positiva de ostentação, como demonstrou Baltazar Gracián em *O discreto* (1646), livro em que se lê o apólogo do pavão, a ave da ostentação: haveria uma aparência negativa, que consiste em parecer sem ser, e uma aparência positiva, que é a marca, o signo do ser (2005, p. 36).

Giovana parecia querer fazer falhar a correspondência entre sua aparência e seu ser, talvez porque se sentisse insatisfeita ou culpada em relação ao que ela “era”, ao sentir o peso do estigma de “puta”. .

3 SEGREDO DA PROSTITUIÇÃO “DE LUXO”, TÉCNICAS DAS GAROTAS E *ARS ERÓTICA*

Há um segredo do erotismo que nesse momento me esforço por violar. Isso seria possível sem ir primeiro ao mais profundo? Sem ir ao coração do ser?

Bataille, O Erotismo

A prostituição dita “de luxo” é um ofício de que se deve fazer segredo. As garotas de programa protegem suas redes pessoais desta informação, na verdade, protegem a si mesmas ao manter segredo de seu ofício. Os clientes, muitos casados, fazem segredo do sexo prostituído que consomem e primam pela discrição do serviço prestado. Nos bordéis mais suntuosos do Rio de Janeiro, entra-se rápido, sem se demorar na porta. Não há janelas. Numa das Casas “de luxo” onde fiz campo, o dono da Casa comprou o grande bar em frente para dar mais privacidade ao seu estabelecimento. E numa área onde o perímetro urbano é o mais caro do país, mantém o casarão onde funcionava o bar, fechado.

Ocupo-me então neste capítulo do segredo da prostituição “de luxo” feminina. Existe no campo dessa prostituição “de luxo” um imperativo do segredo da profissão. Segredo este a que as garotas se devotam a respeito de seu ofício, a fim de escaparem das violências que o estigma de “puta” engendra. Sobre isso Gaspar comenta:

nesse segmento o segredo sobre o fato de uma mulher dedicar-se à prostituição é um elemento fundamental no charme da sedução junto aos clientes e, mais ainda, é indispensável para possibilitar sua inserção em vários grupos sociais sem o estigma de ser prostituta [...] O segredo, ou melhor, a manipulação da identidade é fundamental, pois elas muitas vezes são requisitadas para acompanhar seus clientes em locais públicos [...] Em tais situações, é necessário que a atividade da mulher não esteja explicitada para evitar situações constrangedoras (1985, p. 42).

Mais do que manter o segredo para otimizar o trabalho, as mulheres prostitutas o fazem para proteger sua reputação junto a suas redes. A prostituição é então recoberta por um delicado e complexo processo de ocultação, que se desdobra na forma de segredos sobre os quais nos debruçaremos aqui. Garotas, clientes e agenciadores concordam que se deve manter segredo sobre o sexo praticado/ consumido/ comercializado como prostituição “de luxo”. Porque a prostituição é considerada indecorosa, ela precisa ser escondida das esposas, dos maridos, dos pais, dos filhos, das famílias, da polícia, do Estado.

Embora a prostituição no Brasil não seja ilegal, todo o seu entorno é criminalizado, marcado pelos tipos penais do lenocínio e do tráfico de pessoas (PISCITELLI, 2013;

BLANCHETTE, SILVA e CAMARGO, 2014). Assim, a atividade laboral da prostituta fica de tal forma engessada que se torna difícil trabalhar, além de permanecer exposta a violências diversas por conta da não regulamentação da profissão.

Giovana conta como passou a ter medo de passar em blitz da polícia nas voltas dos programas, depois que se tornou prostituta. Ela me contava num tom de voz quase inaudível sobre os programas feitos, na academia de ginástica que frequentávamos. Havia um trauma da descoberta da sua profissão provocado pela atitude de um ex-namorado que, ao descobrir que a companheira se prostituía, foi mostrar as fotos da mulher nua no site de acompanhantes para os seus pais, por vingança.

O pai de Giovana rompeu relações com a filha e até a fase de escrita deste trabalho não haviam reatado. Sua mãe foi acometida por uma doença de surdez, depois que soube que a filha era garota de programa, o que permitiu que passássemos a conversar sobre esses assuntos na sua casa com maior comodidade.

A surdez da mãe é digna de nota. Os ouvidos são a peça orgânica fundamental do segredo. São eles que sabem a verdade e que a guardam, no silêncio de sua impossibilidade de fala. Não se trata aqui de recorrer a uma interpretação psicanalítica do porque da doença, mas de pensar nas implicações diretas que teve a sua manifestação: tornou-se um recurso de convivência, e, de certa forma, de aceitação da filha, com sua profissão, pela mãe.

Por seu turno, o segredo de Giovana, enquanto segredo, revela muito sobre sua relação com a família. É Simmel (2009) quem propõe uma investigação sobre o tipo e o grau de apreensão recíproca, necessários aos vários relacionamentos entre as pessoas. O segredo de Giovana nos fala então sobre a responsabilidade implicada no cumprimento de certas expectativas em relação à família, que tem a ver com noções como a de “honra”, “reputação” e “pessoa”. Que tem a ver com questões de gênero e identidade dentro de uma matriz religiosa cristã. Vejamos.

Aragão, em seu estudo sobre a figura da “mãe” na sociedade brasileira (1983) supõe um modelo divino do casamento. Essa suposição é interessante, mas para inquietações da ordem de gênero e identidade, a pergunta então se deslocaria para os porquês do modelo, para o entendimento das formas de ser mulher, homem, indivíduo no próprio modelo bíblico. Ainda assim, a citação pode inspirar o entendimento de nossa linha de raciocínio:

Essa referência ao modelo divino do casamento brasileiro está mais presente do que se poderia imaginar, particularmente junto aos homens. A imagem da devoção e do sacrifício da mãe surge com regular frequência. A esse respeito, poderíamos ainda dizer que, da quase totalidade de sujeitos de classe média que entrevistei longamente no Rio e em Belém do Pará, a respeito do projeto de escolha da cônjuge, poucos

deixavam de estabelecer uma relação simbólica entre sua esposa e a própria mãe (1983, p. 125).

A opção pela prostituição significaria uma “impossibilidade de ser mãe” como se deve ser. A mãe de Giovana soube ser mãe, acolhendo e protegendo a filha, mas a garota, não haveria de saber, pois “a virtude sexual da mãe torna-se o símbolo da honra familiar e da solidariedade moral” (1983, p. 125). Assim, podemos afirmar que as relações entre pais e filhos são postas em questão com a revelação de uma atividade de prostituição. Tanto a relação entre os pais da prostituta e ela, quanto as dela com seus filhos. E, por intermédio da segunda, a relação com os cônjuges. Pais, filhos e marido compõem, para identidade virtual da mulher, a santa trindade moral de uma política sexual dominante que não poderia ser, e é moralmente violada com a prática da prostituição.

A mãe de Giovana, antes de saber que ela era garota de programa me disse, na presença da filha, que “seria muito ruim ter uma filha prostituta. Que ninguém quer isso pra sua filha.” Nessa época a mulher suspeitava, apenas, que a filha se prostituía. Uma pergunta que frequentemente se faz quando alguém se coloca a favor do entendimento da prostituição como atividade profissional é: “mas e se fosse sua filha?” Há algo na relação entre pais e filhos (talvez seja o núcleo da noção de família) que entra em choque com a prática da prostituição. Talvez este seja o principal motivo pelo qual as mulheres que participaram da pesquisa, via de regra, mantivessem segredo de sua profissão ante seus familiares e redes de afeto, principalmente.

Mas podemos retomar o “Retrato de Giovana” para problematizar esta moralidade. Quais os significados presentes no imaginário comportado numa história em que o pai abandonou a mãe, uma mulher praticante de uma igreja evangélica, por uma “prostituta macumbeira”? Teria Giovana, traído, como o pai traiu a família, por causa do “feitiço” lançado por esta amante?

Percebemos que, via de regra, o conceito de família está numa relação antitética com o de prostituição. E esta antítese tem raízes históricas. Segundo Margareth Rago, a prostituição em São Paulo, na passagem do século XIX para o XX, começou a surgir como fenômeno no seio do processo de urbanização, enquanto prática associada à ideia do “público”: a “mulher pública” ou prostituta surgia ao mesmo tempo em que as mulheres começavam a ter uma vida pública, como consumidoras e trabalhadoras, na cidade. A prostituição tornou-se então um fantasma de contenção das mulheres (2008), fornecendo uma espécie de limite às possibilidades de ser que conviveriam com uma noção de família, para esta nova mulher “liberada”.

Bacelar (1982) discutirá as noções de família e prostituição em *A Família da Prostituta*, pautando sua discussão nas questões sobre a constituição familiar das prostitutas e a

ilegitimidade do ofício destas chefes de família, na sociedade. De certa forma, para ele, o problema é o que apontamos aqui: o da aparente impossibilidade de convívio dos termos “prostituição” e “família”.

O marido de Giovana não sabia que ela era prostituta. Tinha dois filhos com este homem. E enfrentava problemas financeiros à época da pesquisa. Os programas eram uma solução mágica, muito vantajosos na relação tempo-lucro. Conferiam ainda uma maleabilidade de horário consoante a seus afazeres e estudos. Ela dizia que não queria que os filhos soubessem de sua profissão.

Como muitas garotas que tinham um companheiro, marido ou namorado, Giovana justificava a prática dos programas, em parte, como desconfiança da fidelidade do marido. Os programas assumiam assim uma espécie de lugar de revanche. Apareciam como vingança contra uma série de opressões vividas e/ou imaginadas no âmbito da relação heterossexual, para a mulher. Quando pedi que me explicasse melhor essa relação, ela disse:

É um lugar muito usurpado, de diversas formas. Eu estava pensando na pílula que eu tomo. Enchendo a porra do meu corpo de um hormônio escroto que só me faz mal pra poder dar pra porra do meu marido sem camisinha. As sequelas de tomar esse remédio serão inteiramente no meu corpo. Se um dia ele me trair, a gente separar e tal, ele vai embora lindo e loiro e eu que terei acumulado isso em mim. Esse é um exemplo pequeno, que eu estava pensando no banho. Mas tem milhares de outros. Quando se tem filho no meio então... só piora.

Manter segredo da atividade de prostituta aparece como uma vingança silenciosa contra o marido e certas imposições culturais; as dominações de gênero que ela via tecerem seu casamento. O que nos faz pensar nos cruzamentos entre os dilemas da conjugalidade e a prática da prostituição, para mulheres casadas.

A quem cabe, ou como equacionar o provimento do lar, sua administração, em diversas dimensões: financeira, logística, etc... ? Que tipo de trabalho se espera de cada um no cuidado com os filhos? Como lidar com os ciúmes e a desconfiança? São dilemas que podem encontrar uma resposta satisfatória no exercício da prostituição, para algumas mulheres.

O mais comum no campo é os cônjuges não saberem que as mulheres se prostituem, mas também havia casos em que eles/ elas sabiam e eram sustentados pela mulher prostituta, casos em que o relacionamento era “aberto” e ainda casos em que ambos trabalhavam na prostituição ou já tinham prestado serviços sexuais alguma vez.

Havia uma mulher prostituta casada com uma ex-prostituta que a levava e buscava no bordel todos os dias. Quando lhe perguntei se sua mulher não tinha ciúmes dela, ela respondeu: “ela sabe como é isso aqui. Sabe que não é de verdade quando você transa com um cara desses. [...] Acho que é também porque é mulher. Mulher é muito mais compreensiva”.

Essa fala me chamou atenção para a cumplicidade de gênero que, segundo ela, num relacionamento heterossexual seria mais difícil de se ter. E também para a compreensão de que o sexo com o cliente não é de verdade. Tratar-se-ia de uma performance. Estes dois elementos, vistos um ao lado do outro, permitem inferir uma perspectiva semelhante a da mulher casada e com dois filhos, anteriormente citada. Em ambos os casos traz-se como tema a dominação de gênero masculina e a perspectiva de que o programa seria uma forma de subversão desta dominação. Significa uma recusa de obedecer ao papel prescrito socialmente, mais tradicional, de esposa e mãe.

Uma Giovana militante do movimento organizado de prostitutas não faria, jamais, segredo de sua profissão. Goffman também nos fala do estigmatizado que se profissionaliza como tal, para a representação pública de sua categoria (1983, p. 38). Para o autor, a maioria dos estigmatizados elabora intelectualmente seu estigma. Mas o profissional, na medida em que é empoderado, seria incapaz de representar sua classe, por romper com a questão fundamental da exclusão. Entendemos que este ponto de vista seja, por demais, radical. É claro que a experiência do estigmatizado profissional não é a mesma que daquele que não se organiza politicamente num grupo que procure representar publicamente sua categoria. Mas no caso específico das prostitutas, as militantes assumem publicamente um estigma que costuma ser encoberto. E isso as coloca diretamente em contato com o estigma. Além de a prostituição constituir um tipo de carreira moral em que a confissão do estigma parece intensificá-lo perante a sociedade. A prostituição é uma atividade de que a mulher prostituta deve se envergonhar, justificando-se às vezes a opção por este caminho exclusivamente por uma necessidade extrema.

Giovana era um das mais importantes figuras vivas do movimento nacional de prostitutas. Tinha 83 anos, ainda trabalhava como prostituta, e, uma recém-feita tatuagem no braço dizia: “eu sou puta”. Essa afirmação da identidade de prostituta torna-se, a nosso ver, muito importante no enfrentamento direto do estigma. E converte-se numa ferramenta política útil para o seu desmantelamento gradual. Ao fim e ao cabo, a militância entre as mulheres das redes de prostitutas revela uma das muitas maneiras de se tratar a profissão publicamente.

Mas se são múltiplas as formas de lidar com a profissão, nos contatos mistos, porque o interesse deste trabalho pelo segredo da prostituição?

Segundo Foucault, é no campo das correlações de forças que se deve tentar analisar os mecanismos do poder (2014, p. 105). O segredo é uma encruzilhada. Há nele forças em disputa. Verdade e revelação, poder e contra-poder o atravessam. Serve à ordem e à desordem da sexualidade hegemônica. O segredo protege a garota do estigma, por um lado, por outro,

dificulta a reivindicação de direitos porquanto mantém oculto este sujeito de direitos que é a prostituta. Assim,

a observadora deve evitar o caminho atraente das dicotomias precisas e focalizar exatamente nas franjas, ou seja, nas margens, nas zonas nebulosas onde as diferenças podem revelar sua origem comum e nos cruzamentos, os pontos onde caminhos opostos se encontram (ou se originam). (SILVA, 1998, p. 96)

O segredo é um elemento que liga dois mundos; os dois *selfies* da mulher prostituta moderna (FONSECA, 1996; PISCITELLI, 2013). É Goffman quem primeiro nos fala sobre a “vida dupla” e a “dupla vida dupla” (1963, p. 96). Piscitelli, tendo como referência seu campo, afirmará que as mulheres das redes que pesquisou aspiram a uma unidade do *self* (2013, p. 39-40). Suas informantes são mulheres que se casam com clientes ou que pretendem fazê-lo. O casamento representa justamente essa unidade do *self* a que elas aspiram.

O segredo representa ainda um foco de resistência frente às “formas de extorsão da verdade a propósito do sexo da mulher” (FOUCAULT, 2014, p. 106). Assim sendo, acredito que seja peça fundamental para compreensão desta forma específica de estar-no-mundo que ser/ estar “puta” representa.

É claro que existe também maneiras diversas de realizar esse ser “puta”, mas existe, e é nítida, uma espécie de sujeição moral em que a atividade laboral de prostituta cola-se à identidade da mulher e pode vir a contaminar todos os âmbitos de sua vida, fornecendo uma experiência comum, vivida de maneiras diversas pelas mulheres que se prostituem.

Esta contaminação de toda a vida da mulher prostituta por sua profissão pode ser observada através do peso atribuído à expressão “virar prostituta”, como algo a que se converte. É sobre este mecanismo de sujeição que queremos nos ater, ou sobre parte dele, mais especificamente, sobre como a mulher lida com este mecanismo de sujeição, acionando muitas vezes o segredo como forma de viração. O segredo é o recurso mais usual de que lançam mão as garotas de programa para estancar o processo de contaminação da identidade, ou de estigmatização.

Falando em termos goffmanianos, existe uma tendência do estigma em difundir-se desde o indivíduo estigmatizado até suas relações mais próximas (1983, p. 44). Segundo o autor, por isso as relações com estigmatizados tendem a ser evitadas ou a não perdurarem. Outra solução seria o encobrimento do estigma por parte do estigmatizado que, como o autor indica, deve possuir uma perícia maior para lidar com o problema da identidade desacreditável do que os “normais” (1983, p. 31).

Percebemos através da leitura de Goffman, embora o autor não o diga explicitamente, que é a precisamente a identidade virtual que causa tantos desconfortos e ansiedades ao

estigmatizado e àqueles que lidam com ele, nos contatos mistos. A identidade virtual, ou seja, aquela que é atribuída a todos os indivíduos pela sociedade, de acordo com parâmetros estabelecidos de normalidade, não acomoda a prática da prostituição: nos contatos mistos, não se supõe/ aceita seu exercício. Perguntamo-nos então sobre as formas de operação de uma política sexual que mantém a prostituição numa zona obscura em relação a sua aceitação. Pois se o seu consumo a fez ser pensada como “a profissão mais antiga do mundo”, o peso do estigma condena seus agentes.

No entanto, não basta que nos detenhamos no problema do segredo em sentido estrito. Seu sentido precisou ser alargado através de outro elemento do campo que se impôs pela evidência, cuja exploração me foi sugerida por minha banca de qualificação: o da proliferação de técnicas as mais diversas para conduzir este modo próprio de estar-no-mundo.

A começar pela difundida técnica do segredo, que protege contra a contaminação dos outros âmbitos da vida da mulher prostituta por sua profissão, há técnicas que percorrem todo o fazer prostituicional, desde a preparação para o trabalho, passando pela sedução dos clientes à prática do sexo.

Giovana se arrumava dentro do taxi, quando ia fazer programas de dia, para não chamar atenção dos vizinhos a familiares. Muitas garotas com quem tive a oportunidade de conversar também utilizavam esta prática de discrição. Havia também a prática comum de “fechar com um taxista”, andar sempre com o mesmo motorista, guardião do segredo, para não ficar “pixada” (conhecida) entre os taxistas da região. Para manter esse segredo proliferam inúmeras técnicas, como Giovana usava fazer, voltando sempre para casa depois de um dia no bordel com um uniforme de uma loja de eletrodomésticos.

Há acessórios que comumente se levam nas bolsas, para fazer programas, o que discutirei com detalhes mais tarde. Também há práticas comuns de flerte, como percebe Maria Dulce Gaspar: nos bordeis e boates, muitas moças dançam ao som da música ambiente, como parte do ritual de sedução dos clientes. A autora coloca que “a dança permite, através de movimentos sensuais, uma erotização do corpo, fundamental para a sedução” (1985, p. 24). Também aponta a importância dos olhos neste processo de sedução; “a maquiagem, também sempre presente, põe em foco os olhos – órgãos privilegiados como emissores de significados, principalmente no campo dos envolvimento eróticos.” (1985, p. 30) Fala ainda sobre a importância dos sapatos de saltos altos nas boates, também presentes em meu campo. “São os

adornos, os gestos e a postura que emitem símbolos corporais que de certa maneira antecipam os prazeres sexuais que a garota pode oferecer” (1985, p. 30).

Para a prática do sexo há muitas posições e roteiros sexuais, há formas de fazer e conduzir o ritmo do sexo. Há cuidados com o corpo. Transcrevo, de meu diário de campo, uma fala de uma prostituta ensinando uma amiga sua, que começava a fazer programas.

Amiga, não precisa ter medo dos caras. É só você ser carinhosa o tempo todo. Nada vai te acontecer. É só você ficar ligada. E na hora de fazer o sexo, você tem que ficar ligada também. Tem cara que é esperto e que tira a camisinha na hora do sexo e mete. Você nem percebe. Então fica esperta nas mãos dele. Se ele colocar a mão lá, você coloca a sua também. E vê se a camisinha tá lá. Mas tem que fazer isso de um jeito como se fosse por tesão, tá entendendo? Como se você só estivesse transando. Ele não pode perceber que você está desconfiada nem nada. Você tá só transando.

São as técnicas que inclinam nosso olhar para os agenciamentos do segredo, isto é, pensar em técnicas nos permite acessar modos consagrados ou típicos de fazer segredo. São ainda as técnicas que conduzem para a revelação do segredo, uma vez que constituem práticas que quem é do meio sabe e é capaz de identificar. São técnicas, portanto, as práticas que constituem o risco da revelação, assim como são técnicas as práticas que a evitam.

Surge então a proposta analítica de perceber como o segredo e a técnica se comportam no campo. Estas técnicas são também entendidas como “segredos” do ofício. E, por outro lado, o segredo que se faz da profissão pode ser pensado como mais uma técnica. Uma técnica para se proteger do estigma. Acredito então estar falando de coisas semelhantes, ou, da mesma natureza, quando penso em segredo e em técnicas.

Essas técnicas são orientadas por um sentido geral, uma estratégia que consiste em ganhar o máximo e perder o mínimo (FOKKENS, 2014). Com o segredo da profissão, por exemplo, reduzem-se as perdas, pois a mulher pode trabalhar numa profissão rentável, esquivando-se do peso do estigma. A prostituta ganha, assim, por todos os lados.

Pensar a prostituição “de luxo” como “mística” e “técnica” nos conduz a Foucault, a sua definição de arte erótica. O que caracteriza o regime de verdade da arte erótica, segundo o autor, é exatamente a presença de “uma mística e uma técnica” (2014, p. 70). Seria então possível compreender a política sexual que opera no interior do exercício da prostituição de luxo como uma forma de arte erótica? Melhor seria perguntar: em que medida a noção de arte erótica ajuda-nos a compreender o objeto?

Nickie Roberts (1992), em seu *As Prostitutas na História*, fala a respeito de uma origem religiosa da prostituição, ligada aos cultos pagãos à Deusa Ishtar, na Mesopotâmia. A chamada “prostituição sagrada”, de que também nos fala Battaille aproximar-se-ia dos ritos chineses,

indianos e muçulmanos, de que nos fala Foucault (1988) exemplificando seu conceito de *ars erótica*, em que há formas de iniciação e aprendizado da sexualidade como um segredo. E seriam diferentes da forma ocidental moderna de se relacionar com a sexualidade porque viveríamos uma ciência sexual, uma forma de extração da verdade do sujeito através do sexo.

Mas as confissões são mantidas em segredo pelo sacerdote, psicanalista ou psiquiatra. O segredo é o que regula, viabiliza e caracteriza os processos de confissão. Mais tarde, a complexidade e heterogeneidade do dispositivo de sexualidade vem mostrar que esta divisão/oposição cultural entre a *scientia sexualis* e a *ars erotica* não é tão rígida. Afinal, teríamos os nossos próprios ritos de iniciação e aprendizado também, moldados pelo momento histórico em que vivemos, embora isso também não invalide a percepção de que opera em nosso tempo (e foi gestada historicamente) uma ciência sexual da confissão e da extorsão da verdade do sexo.

A arte erótica, aqui apropriada em sentido alargado em relação ao empregado por Foucault; entendido aqui como todas essas práticas religiosas e sagradas que envolvem o sexo (e sua contrapartida em termos de poder), pode possuir uma relação com a prostituição, para além da relação histórica, que por si só, nada nos diria. Como nos ritos sexuais pagãos, em que o segredo era um elemento fundamental, nos dias de hoje o segredo persiste, mas como um recurso que serve de proteção contra o ataque moral. As técnicas também proliferam e há rituais de iniciação dos homens nas técnicas do sexo, como nos casos do desvirginamento masculino no bordel.

Para Maria Dulce Gaspar:

esse conhecimento [das técnicas que as garotas de programa empregam em sua profissão] constitui, na realidade, um tipo de arte erótica, um instrumentos específico de sedução, fonte de poder sobre os homens e seu mais valioso bem de troca. São práticas que se afastam do sexo voltado para a reprodução e das posturas convencionais; é o sexo com fim nele mesmo, visando o prazer (1985, p. 102).

A autora abre então a pista para nos perguntarmos sobre como se relacionam o saber sobre o sexo e o poder respectivo na profissão das prostitutas “de luxo”. Poder e saber são costurados aí por diversas técnicas, das quais se supõe que a prostituta tenha o domínio.

Vejamos então o que Foucault diz, a respeito da noção de *ars erótica*:

Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e vivido como experiência; não é por referência a uma lei absoluta do permitido e do proibido, nem a um critério de utilidade, que o prazer é levado em consideração, mas, ao contrário, em relação a si mesmo: ele deve ser conhecido como prazer, e portanto, segundo sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma (2014, p. 64).

Mas o sexo prostituído é essencialmente utilitário para as garotas de programa com as quais convivi em campo, e para elas, está longe de ser um fim em si mesmo, tampouco é uma prática sagrada, que objetiva o prazer ou a transmissão de conhecimento.

Acontece que se deve fazer uma distinção entre a experiência do “programa” e a experiência de ser garota de programa, esta última contendo todas as virações cabíveis para realizar a profissão. Aparecida Moraes, em seu *Mulheres da Vila* argumenta que “uma prostituta não é prostituta o tempo inteiro” (1995, p. 125). E Rogério Araújo coloca: “essas mulheres possuem não uma, mas várias vidas, que não se restringem somente ao universo da prostituição e à atividade de prostituir-se” (2006, p. 13). Gostaria então de ressaltar que a experiência de ser garota de programa não se reduz ao papel de prostituta.

Em certos contextos, evocada e noutros, escamoteada, a identidade de “puta” é circunstancial para as mulheres, assim como a masculinidade dos michês observada por Perlongher (2008). A mulher prostituta, em certos momentos usa o lugar de “puta” e noutros, faz dele segredo para se proteger do estigma. Daí Fonseca (1996) insistirá na dupla vida da mulher prostituta e Rogério Araújo fará uma discussão sobre as negociações de identidades na profissão (2006, p. 103).

A prostituição, para a garota, não se resume, pois, ao sexo prostituído.

Considerando então a vida da mulher prostituta, volta a ser possível falar em prazer e fruição do sexo prostituído, se considerarmos que existe um gozo deslocado do momento do sexo, para essas garotas. Passo a citar Castarède:

Nascemos inquietos, com a sensação de um ambiente hostil. Nosso primeiro ato é um berro de angústia em face da dificuldade de respirar, ainda mais porque, bem cedo, os outros se esforçarão para nos tomar este “ar”. Então, precisaremos seduzir, isto é, “proporcionar-lhes prazer”; ou “valorizar-nos” para “retomar nosso lugar ao sol”. Reencontramos assim as duas funções do luxo, com a do gozo intervindo paralelamente.

O ato da compra obedece a essa única e mesmíssima regra: proporcionar-se ou proporcionar prazer”. (2005, p. 40)

As compras que as garotas de programa fazem realizam este prazer, viabilizado pelo ato sexual vendido. É no consumo que elas gozam. Fonseca observou que as mulheres da praça de Porto Alegre onde pesquisou não mentiam a respeito da idade ou profissão, mas “mentiam para gabar-se de compras imaginárias” (1996, p. 32), donde se pode adivinhar em que expectativa repousa a relação com a profissão, neste caso. No meu campo também é assim. Não se tem um projeto de carreira, mas um ímpeto por ganhar dinheiro. É isso que prostituir-se significa, para a maioria das garotas, “prostitutas de luxo” com quem convivi. Gaspar também coloca a respeito de seu campo:

Cabe lembrar que o dinheiro, e a facilidade constantemente enfatizada de obtê-lo em grandes quantias, é tido pelas garotas como o motivo principal para o exercício da prostituição. A crença na suposta facilidade de ganhos extraordinários obscurece todas as desvantagens da atividade, colocando-as em segundo plano (1995, p. 106).

O prazer das compras para a prostituta “de luxo” é um prazer que não tem a ver com critérios de utilidade, mas um prazer, como diz Foucault a respeito da arte erótica, considerado em relação a si mesmo, vivido enquanto prazer propriamente.

Castarèd fala sobre a relação entre as compras de luxo (não necessárias) e os sentidos. Fala sobre o tato da roupa na pele. Esse contato mostra a importância do vestir-se como processo de individuação, uma vez que o “eu-pele” desempenharia uma função de individuação do id, que constituiria o sentimento de um ser único (2005, p. 45). O autor fala ainda sobre o que ele chama de “adereços de sedução” (roupas e joias) – objetos de consumo privilegiados das garotas –, como um dos objetos de luxo que se revela ao sentido da visão.

Tive a oportunidade de ir às compras com uma informante. E de passear com outras tantas garotas. E a forma de gastar dinheiro costuma passar pela ostentação e a despreocupação com os gastos.

Giovana passou de taxi para me buscar no consultório do meu psicanalista. Fica na zona sul da cidade. Ela vinha e taxi desde a sua casa, na zona norte. Notei, quando entrei no carro, que o taxímetro marcava 82 Reais. Fomos ao shopping mais caro do Rio, no bairro do Leblon para lanchar. Ela não me deixou inteirar o pagamento da corrida do taxi. “Guarda seu dinheirinho, amiga” –ela disse. A corrida custou por volta de 100 Reais. O taxista lhe cobrou apenas 80.

No shopping, ela estava extasiada. “Amo esse shopping” – dizia. Entrava em várias lojas, antes de chegarmos ao café onde estávamos indo. Parava em frente às araras de roupas e pegava várias peças. Ia entregando tudo para a vendedora que nos assistia. Entrava no provador e experimentava cada uma das roupas escolhidas nas araras, pedindo às vezes minha opinião sobre se a peça tinha lhe caído bem. Repetiu este ritual em três lojas caras. E logo estava cheia de sacolas e bolsas. “Adoro andar assim. O próximo passo é um motorista particular pra carregar minhas bolsas de compras”. Quando chegamos ao café, Giovana tinha gasto em torno de 3.000 Reais em roupas. Também não me deixou pagar a conta do lanche. Voltamos de taxi até a zona norte, pago por ela.

3.1 Goffman, Simmel e o mecanismo do segredo para as garotas

Uma *call girl* saiu para atender seu primeiro cliente do dia. Depois de marcar ao telefone, foi ter com ele num motel na Zona Sul da cidade. Tomou cuidado para que a mãe não ouvisse quando marcou o programa pelo telefone. Chegou ao local combinado. Bateu na porta

e uma voz estranhamente familiar respondeu: “entre! Está aberta”. Quando ela abriu a porta do quarto deparou-se com o próprio pai que a aguardava, sem saber que era ela, por uma terrível coincidência, para fazer o programa.

A anedota corresponde a um mito muito presente em muitos nichos da prostituição de luxo que frequentei. As garotas relatam histórias como essa, que sempre aconteceram com a amiga de uma amiga. Mesmo nos ambientes de bordel é possível ter versões desta história. Diz-se que determinada garota estava de costas na “boate” quando foi abordada, sem querer, pelo pai.

Este mito assombra clientes e garotas, manifestando-se de diferentes maneiras, num e noutro caso. Os clientes perguntam repetidamente nos encontros se os pais das garotas sabem que elas fazem programa, suas mães e namorados. Eles estão sempre desconfiando que tal ou qual garota da sua rede é ou foi garota de programa e dizem isso para as prostitutas.

Esse “pai” que assombra as “meninas”, por seu turno, pode ser qualquer homem investido de uma relação pessoal (e, portanto, de autoridade moral) com a garota. Pode ser um tio, um irmão, ou seu chefe num emprego regular, por exemplo. Ou pode ser um conhecido qualquer, que conheça amigos seus, namorados ou familiares. O mito fala sobre a importância do segredo nas redes próximas da garota, na sua família, entre seus amigos. Mas as “meninas” estão falando aí também do risco, da ameaça da descoberta do segredo de ser/ estar prostituta.

As chamadas “meninas” (que então se revelavam como tal) tinham verdadeiro pânico desta possibilidade de um dia, encontrar o “pai”, no exercício da profissão. Onde surgiam algumas virações habituais nos bordéis como se esconder no vestiário quando da presença de homens conhecidos e de espiar pela janelinha da porta do “salão” antes de entrar neste ambiente.

Num mesmo momento, diversos dramas da família burguesa seriam encenados na situação narrada pela história que as garotas insistentemente repetem. O interesse sexual do pai pelo corpo da filha, escolhido anonimamente, porém selecionado a dedo no site ou no bordel; a traição conjugal do pai diante dos olhos da filha; a pureza e castidade da donzela de família, estilhaçadas.

Depois de escrever estas linhas me deparei com o seguinte relato de uma prostituta em Goffman:

Cuando voy a una fiesta siempre echo una ojeada por la habitación —decía la muchacha—. Nunca se sabe. Una vez me tope con dos de mis primos. Estaban con dos prostitutas, y ni siquiera me saludaron. Me di por etereada, que estuvieran demasiado ocupados como para reparar en mí. Siempre me pregunto qué haría en caso de tropezarme con mi padre, ya que acostumbra rondar por esos lugares (1995, p. 63).

Pode-se estabelecer um paralelo entre esta figura masculina fantasiada pelas garotas e uma moral cristã através do temor de um “Pai punitivo”. Punida com o apedrejamento no Antigo Testamento, a prostituição, lá entendida em sentido alargado como sexo fora do casamento, portanto, ilícito, é uma das grandes abominações ao Senhor, uma vez que os corpos são entendidos como templos do Espírito Santo e que devem assim guardar castidade. E embora este entendimento do corpo e da sexualidade exista em nichos religiosos específicos, pode-se encontrar vestígios de uma sua versão secularizada, expressa num pânico moral em torno de um sexo liberado.

Como viemos apontando no capítulo 1, chamo a atenção para o fato de esta moral vigente na sociedade englobante reger também as práticas dentro do universo da prostituição. Esta moralidade não é uma exclusividade das prostitutas, mas pode ser generalizada para todas as mulheres. E o lugar de transgressão que o universo da prostituição parece ocupar revela pontos de apoio na moral social. Um “bordel de luxo” é um lugar de práticas heterossexuais, heteronormativas, comprometidas com os padrões estéticos vigentes, elitizado, racializado e que obedece a uma moralidade de gênero: o grande medo de toda moça é ser identificada pelos homens com a figura da “puta” (RAGO, 2008).

Assim é que conviver com a possibilidade de descoberta de um estigma de que se faz segredo causa grande ansiedade à pessoa estigmatizada (GOFFMAN, 1963). Uma garota de programa me disse uma vez, quando chegamos a uma roda de samba, que quando saía para lugares cheios de gente sempre achava que as pessoas à volta sabiam sobre sua profissão. Tentei acalmá-la dizendo que era apenas uma impressão dela. Mas ela não estava nervosa. Retrucou: “Não! Tem homem que sabe!” Estive me perguntando sobre quais seriam esses homens que sabem. Como e porque eles sabem? Fornece-nos a pista de que, apesar do segredo, existem modos de reconhecimento eficazes daquelas que são “putas”, outorgados pela experiência masculina de certo tipo.

Assim como os porteiros do bordel me perguntaram se eu tinha ido para uma entrevista, quando cheguei à porta. Exibiam uma perícia sutil pra lidar com a situação um tanto constrangedora que pode ser para as garotas ir pedir emprego num bordel. Gaspar (1985, p. 27) coloca que os porteiros das boates de Copacabana

devem discernir entre as pessoas que se apresentam, o ‘bom’ e o ‘mau’ cliente e reconhecer tais qualidades entre as garotas. Essa tarefa é facilitada pelo intercâmbio com outros porteiros de boates, que contam e descrevem os eventos da noite, fazendo circular com rapidez as notícias sobre os ‘golpes’ aplicados e sobre as características das pessoas indesejáveis.

Importa aqui, para nós, esta habilidade de reconhecimento que passa pela identificação, inclusive, das possíveis esposas de clientes, como vimos. O que as diferencia das “putas”? Na descrição do porteiro aparecem como mulheres em dupla, que não se dirigem diretamente aos funcionários da portaria, mas que ficam observando o bordel de longe. Já a capacidade de reconhecimento das garotas de programa (que também acontece em função do lugar por onde elas circulam, das roupas que usam, idade, formas de se portar, padrão estético corporal, etc.) faz perceber que o segredo não pode ser totalmente velado, há que ter canais de visibilidade em que ocorra uma comunicação com o exterior. De outro modo os clientes não saberiam onde encontrar as Casas, tampouco as garotas conseguiriam chegar a elas. Sendo assim; “tem homem que sabe”. São esses os homens de que se deve ter medo, como pais morais e severos que figuram no imaginário das prostitutas. “Segredo” é quando a informação não circula. E ela não pode ser de todo estática, o segredo absoluto, sob a pena de definhar em sua dimensão social.

Estes canais de visibilidade de que o segredo não poderá prescindir traz a importância dos lugares para a gestão do estigma, que Goffman escalona em três tipos: lugares *proibidos*, *corteses* e de *retiro* (1963, p. 100). Os lugares *proibidos* são os inacessíveis, lugares em que determinado tipo de pessoa não pode entrar, lugares nos quais a exposição do segredo significa expulsão. E aqui, se tratam de lugares cuja distância moral entre as partes em relação provoca hierarquizações e incompatibilidades de papéis. A academia, para uma prostituta, poderia ser um destes lugares. Os *corteses* são os lugares em que a exposição do segredo causa pena nos “normais” e existe então uma relativa aceitação do estigmatizado, como uma igreja evangélica para uma garota de programa. E os lugares de *retiro* são aqueles lugares onde o estigma não precisa ser ocultado, como o bordel.

Mas dependendo do lugar que se ocupe e das relações que se tenha, é possível fazer remanejamentos das posições ocupadas nestes lugares; como a prostituta que dá seu testemunho numa igreja e pode usar isto como capital simbólico de sua conversão, ou da prostituta acadêmica que revela seu segredo e abriga-se em nichos específicos como o do ativismo. Isto é, podem escapar ao peso do estigma, de certa forma, através de certa “profissionalização” da representação da categoria de estigma que ele representa (GOFFMAN, 1963).

Num espaço de *retiro* como o bordel acontece um paradoxo. É justamente daquela circunstância de prostituição que a garota deve fazer segredo, sempre temerosa de encontrar algum conhecido que a apanhe em flagrante. Por outro lado, a “zona” seria o espaço privilegiado onde não se precisaria manter segredo da profissão de prostituta. A tensão está, pois, justamente no espaço onde se poderia estar livre da ansiedade da ocultação, fazendo a

garota de programa viver sob algum estresse. Daí surgem fantasias com a de encontrar o “pai” e obsessões como vigiar o tempo todo a entrada do “salão”, com medo de encontrar conhecidos.

No espaço do bordel o estigma deve ser revelado. Isso causa ansiedade nas garotas, ao mesmo tempo em que as empodera naquele lugar: Simmel (2009) aponta que, enquanto forma sociológica, o segredo repousa justamente na tensão entre ocultação e revelação, sendo, o ponto alto do segredo, a sua própria revelação. Revelar o segredo dá, por isso, uma sensação de poder. Interessante reparar então que a ansiedade vem junto com o empoderamento. Assim como a objetificação da mulher vem junto com a sua agência e o estigma vem junto com o orgulho da profissão.

No “salão”, mulheres assustadas, vendo a sombra do pai em seus clientes, os seduzem para ganhar seu dinheiro. Estão expostas para a escolha masculina, mas manipulam isso numa teatralização do flerte. Utilizam ainda recursos para sabotar a troca, aumentando seus ganhos e diminuindo suas contra-prestações.

Giovana faz contato visual com um cliente, no bordel. Ele a olha soberbo. Ela “varre” o “salão” com os olhos, a procura de outros interessados. Um garoto está sentado num canto, meio acanhado. Ela vai até ele. Pergunta se pode fazer-lhe um pouco de companhia. Ele consente. Pedem uma bebida e começam a conversar. Ela tem gestos largos, uma simpatia acolhedora. Ajeita os cabelos com garça enquanto fala e ajeita os dele também, por detrás das suas orelhas. Desce deslizando a mão pela nuca do rapaz de um modo sutil, quase temeroso da recusa. Bebem juntos três cervejas, ela bebe devagar, goles curtos só para acompanhar o outro. E finalmente consegue uma resposta afirmativa quando convida o homem para “subir” com ela para fazer o programa.

Goffman inclui a prostituição no hall de estigmas não visíveis, que deve ser cuidadosamente ocultado de uma classe de pessoas (como policiais) e sistematicamente revelado a outras (como aos clientes) (1963, p. 91). O autor explica ainda que, quando o estigma pode ser ocultado, a imagem do eu fica sujeita a um descrédito posterior, por isso, as prostitutas vivem sob constante ameaça de “desmascaramento” de sua reputação devassada. É uma concepção, a de Goffman, negativa do sentido do segredo. O segredo vem para administrar a falta.

A precariedade da posição daquele que esconde um segredo parece variar, então, diretamente, em função da quantidade de pessoas que estão envolvidas no segredo (as que

sabem e as que não sabem). Assim, para Goffman, quanto mais a prostituta seja conhecida como tal, mais se sentirá exposta e maiores serão os entraves à sua manipulação do estigma.

Goffman utiliza a prostituição para ilustrar alguns pontos de seu argumento como no caso do agenciamento específico do estigma diante de pessoas “entendidas”, da carreira moral, da manipulação da informação e do encobrimento do estigma. A respeito deste encobrimento, coloca que:

Em segundo lugar, aun en el caso de que un individuo pudiera mantener en secreto un estigma no manifesto descubrirá que las relaciones íntimas con los demás, ratificadas en nuestra sociedade por la confesión mutua de defectos invisibles, lo llevan a confessar su situación a los más allegados o a sentirse culpable si no lo hace. De todos modos, casi todos los asuntos sumamente secretos son conhecidos por alguien y pueden, por lo tanto, arrojar sombras sobre el individuo (1963, p. 62).

A intimidade é construída através da confissão mútua de defeitos invisíveis. Devemos comentar que, uma vez que esses defeitos, sejam assim considerados justamente por fugirem da identidade virtual elaborada socialmente, pode-se considerar que seja bastante amplo o universo de pessoas portadoras destes estigmas não visíveis, ou não evidentes.

A “sombra” de que nos fala Goffman, que pode ser lançada sobre o indivíduo, é a sombra da revelação do segredo, o lugar moral em que a mulher prostituta é atirada quando descobrem sobre sua profissão. Simmel (2009, p. 219) também fala do “sombreamento”, mas para se referir, ao contrário, à informação que é negada, ao segredo mantido. Concluímos que tanto o segredo quanto a sua revelação “sombreiam” as relações da prostituta, seja pela estigmatização, quando o segredo é revelado, seja pela culpa, quando é mantido. Se bem que, para Simmel, revelar o segredo outorgue poder a quem o faz. Acreditamos que seja assim, em determinadas circunstâncias, mas que também empodere, talvez principalmente, àquele que o passa a conhecer (isso no caso de essas pessoas não serem pais da garota de programa, para os quais, inversamente, ocorre um escoamento de poder/ capital simbólico/ reputação com o conhecimento ou a revelação do segredo da filha. Talvez com o marido que tem filhos com a mulher isso também seja assim).

Tenhamos em conta a história da mulher cujo segredo foi revelado pelo namorado aos pais. A revelação do segredo empoderou a garota num sentido sutil, de ganho de liberdade, logo, de autonomia. Ela não precisava mais esconder um segredo tão caro, às sete chaves. Seus pais já sabiam de sua profissão e agora ela não tinha mais nada a perder. A relação com o pai já se rompera e a mãe acabou encontrando seus devidos recursos de adaptação para manutenção da relação em novas condições.

Mas o namorado revestiu-se de um poder muito mais evidente ou imediato. Ele ganhou o poder de prejudicar a garota. Ganhou uma vantagem em relação à mulher na política de troca

de informações que estabelece as relações. Ela se viu então comprometida por o que ele sabia, sua reputação foi posta em cheque como resultado da disputa entre o casal, em que o homem se enleara, ao sentir-se traído pela garota.

A respeito do sentimento de culpa, que assolaria, para Goffman, quem mantivesse segredo em relação a outras pessoas, pude constatar em campo que as garotas, na maioria das vezes, se sentiam, no mínimo, embaraçadas (às vezes mesmo desesperadas) ante a revelação do segredo aos pais, filhos e maridos. É como se proliferasse um sentimento de traição dessas pessoas mais próximas pelas prostitutas não tanto por manterem em segredo uma atividade nefasta, mas simplesmente por praticarem tal atividade. Muito porque a prostituição é um estigma ao qual se adere por livre escolha, as mulheres com quem tive contato podiam culpar-se por contaminar suas relações mais próximas com a carga negativa que dele advém. É o próprio Goffman que fala que estas pessoas próximas ao estigmatizado são obrigadas a compartilhar o descrédito de seu estigma (1963, p. 43).

Assim é que o dinheiro das prostitutas despontará como uma forma de contra-partida por essa culpa que a sociedade lhe atribui e que ela pode sentir em seu íntimo, sendo comum o acordo, quando o cônjuge sabe da profissão da mulher, que ela o sustente. Essa é também a base da troca que a prostituta estabelece com o seu cafetão, ele permite que sua mulher faça sexo com outras pessoas, mas é sustentado por esta atividade. Embora as mulheres das redes estudadas trabalhassem sem cafetão, a literatura (OLIVAR, 2013) nos mostra como é essa relação, quando ela ocorre. E nos faz concluir por um modo típico de conjugalidade nas redes prostitucionais.

Para Simmel (2009) o dinheiro atenua as exigências de reciprocidade, ou ele representaria uma reciprocidade noutra dimensão, substituindo a informação.

Esta situação tem maior visibilidade nos casos em que a contribuição em dinheiro representa a participação dos indivíduos nas atividades do grupo. Nessas instancias, a reciprocidade, a coerência e a busca comum do objetivo de todos já não se baseia no conhecimento psicológico de um membro pelos outros (p. 225).

Podemos agora estabelecer um diálogo entre Goffman e Simmel, na afirmação que abre o texto deste último autor sobre a sociologia do segredo e das sociedades secretas. Ele diz que “todas as relações das pessoas repousam sobre a pré-condição de que elas saibam alguma coisa sobre a outra” (2009, p. 219). É a “confissão mútua”, de Goffman. Patrício Araújo coloca, a este respeito: “Para o autor [Simmel], o processo de socialização tem sua base na construção de um conhecimento mútuo que por sua vez constrói a confiança necessária para que se produza a convivência” (2011, p. 36).

O segredo, como é tratado por Goffman na citação anterior, quebra a cumplicidade envolvida na troca de informações que constitui a interação. Simmel também opõe, à primeira vista, a mentira e os segredos à reciprocidade da troca de informações. Uma leitura cuidadosa do texto, contudo, percebe que a própria mentira é necessária ou usual, quando o autor sugere um esvaziamento do sentido eticamente negativo que comumente se lhe dá (2009, p. 225). Essa leitura nos permite acomodar nela a compreensão de que o segredo que as prostitutas fazem do ofício (e todas as mentiras implicadas no seu agenciamento) pode ter um sentido positivo na direção da manutenção das suas relações, mesmo daquelas nas quais se mantém o segredo, ou se sonega a informação. Manter segredo (falando exatamente sobre as relações nas quais o segredo existe, e não sobre a partilha da informação secreta) pode ser uma traição construtiva.

Simmel parece, neste sentido, tratar o segredo de forma semelhante a de Goffman. Afina seu argumento quando diz que

a mentira dificulta o estabelecimento da confiança e compromete a relação, o segredo, por sua vez, atua como regulador do conhecimento mútuo e desigual que age no equilíbrio (ou desequilíbrio) da relação entre indivíduos e grupos [...] (ARAÚJO, Patrício. Op. cit. 2011, p. 37).

É preciso salientar que Simmel está, nesta passagem, chamando a atenção para a dimensão da partilha do segredo também. Dividir um segredo com alguém alimenta a relação entre as partes. Por outro lado, manter segredo para uma pessoa nos faz perceber que o controle da informação tem a ver com o engendramento de relações de poder (ARAÚJO, 2011). Isso é assim na prostituição de luxo, com o segredo que se mantém do ofício e as formas, caracterizada por certa expertise, de agencia-lo, que outorgam poder às garotas. Na *ars erótica* também é assim. O saber do sexo, em sua dimensão sagrada, é transmitido ritualmente e diferencia aqueles que sabem dos que não sabem, atribuindo poder aos primeiros.

Mas o segredo também constitui nichos. Foi na partilha do segredo de sua profissão que estabeleci contato com as garotas de programa. Entre as garotas de um dos bordéis notei que mantinham em relação a mim uma certa distância, no início. Notei então que elas se tocavam muito quando se falavam. Sentavam-se com os braços apoiados nas pernas umas das outras e as mais íntimas se cumprimentavam com beijo de “estalinho” na boca. O que estes gestos queriam dizer? Uma caricatura de intimidade, representada pelo contato físico? Seja como for, este contato pareceu ter caráter performativo na criação dessa intimidade. Pois passei a ficar mais próxima delas e me sentir mais aceita quando os adotei. É necessário, pois, notar a dimensão positiva do segredo, ainda que seja nos casos em que ele é partilhado, construindo um sentido de privilégio dessa relação face àquelas em que o segredo é mantido.

Nossa leitura se aproxima mais da de Goffman do que da de Simmel sobre o segredo, justamente porque o segredo de Goffman é aquele que oculta o estigma. Por outro lado, Goffman, mais do que Simmel, esvazia o segredo de um sentido positivo nas relações em que ocorre. Para o primeiro, não há poder no segredo. Essa transação social (o segredo) atesta uma carência de capital simbólico. O segredo é essencialmente um elemento defensivo do estigma, que não pode estar associado ao ganho de poder, sequer aparece associado às trocas e engendramentos de relações de poder, é apenas um recurso que intenta evitar o escoamento do poder.

Já para Simmel:

Somos feitos de tal maneira, que não só necessitamos, como indicado antes, de uma determinada porção de verdade e de erro como base da nossa vida, mas também de uma mistura de clareza e opacidade na percepção dos nossos elementos vitais. Penetrar até o mais profundo âmago de algo é destruir o seu encanto e deter a fantasia no seu tear de possibilidades; perda esta de que realidade alguma nos poderia ressarcir, pois se trata de coisas que não podem ser totalmente substituídas por pagamento ou por prazer algum. O outro não só nos haverá feito mercê um dom que podemos tomar, mas também da possibilidade de engana-lo com esperanças e idealizações, com belezas recônditas e encantos que ele mesmo desconhece (2009, p. 234).

Existe uma positividade do segredo. Constatamos isso quando o autor salienta que a informação negada possui um certo valor, que tende a ser tão maior, quanto maior for o segredo. É como se o segredo revestisse de um valor característico as mais variadas espécies de “propriedade interior”, como autor chama às informações íntimas das pessoas. E assim, a informação secreta passa a gozar de um poder especial, posto que “aquilo que se nega a muitos deve ser particularmente valioso” (2009, p. 237).

Para Simmel, todos teriam assim o direito a guardar segredos. E este espaço de segredos individuais que constituiria a parte mais íntima e obscura das pessoas, mais inacessível à intuição, é que fomentaria a troca da interação, como uma fonte permanentemente renovável de interesse mútuo.

O segredo, enquanto dissimulação de certas realidades, conseguido por meios negativos ou positivos, constitui uma das maiores conquistas da humanidade. Comparado com o estado infantil, em que toda representação é comunicada, em que todo o empreendimento é visível a todos os olhares, o segredo significa uma enorme ampliação da vida, porque muitas das suas manifestações não se poderiam produzir na completa publicidade. (2009, p. 235)

Por fim, para que possamos exemplificar como esse segredo pode se manifestar no campo de forma positiva, mantenedora da relação no seio da qual se mantém a informação oculta, traremos a baila uma sua forma de manifestação que é a dissimulação, como a moça que

dizia chorar e jurar inocência se a acusassem de se prostituir, procurando assim preservar sua reputação ante aos colegas da academia de ginástica. Ou a técnica, chamada por uma informante de “fazer a maluca”. “Fazer a maluca” é uma técnica de como preservar um segredo, ou como manter uma coisa oculta, a despeito das evidências.

Certa vez Giovana me dizia num vestiário de bordel: “ai... vou sair com aquele cliente, aquele insuportável!” Ao chegar à porta do vestiário, constatou que o “insuportável” a aguardava ali e certamente ouvira o que ela tinha dito sobre ele. A moça então respondeu prontamente: “olha ele aqui! Meu insuportavelmente gostoso!” E seguiu pelo corredor, num tom entre o deboche e o elogio, chamando o cliente de “insuportavelmente gostoso”. Giovana “fez a maluca”.

Outra mulher sintetizou a ideia: “Quando qualquer coisa der errado você faz a maluca”, ela dizia. “Fazer a maluca” é, sem pudor ou culpa, agir com incoerência, desdizer o que disse, fingir explicitamente, mudar de ideia sem maiores explicações, não se comportar de acordo com o prescrito. A esse respeito ela me disse uma vez: “Esse negócio de fazer a maluca é perfeito pra a mulher. Isso aí é a cara de mulher. Tem homem que também dá uma de maluco, mas não fica muito legal. Mas pra mulher é perfeito”.

A fala indica que há um recorte de gênero autorizando quem pode fazer-se de maluco e quem não. “Pra mulher é perfeito” porque isso “combina” com as mulheres. Do homem se espera que tenha palavra. Que se posicione com firmeza. Mas a mulher pode transitar mais livremente entre as coisas ditas e as expectativas. Para minha informante, isso não diz respeito apenas à mulher prostituta, mas é uma condição inerente ao gênero feminino.

“Fazer a maluca” é uma estratégia conciliatória em que a pessoa que a utiliza consegue preservar seu espaço de intimidade a despeito da revelação da coisa oculta. Não se fica na defensiva no ato da revelação do segredo. E a informação de que se faz segredo é afirmada de forma insistente, criando uma realidade em que há conciliação dessa informação mantida em segredo, com a expectativa social que a condenou ao segredo.

A ocultação da informação para os pais, a fantasia de encontrar o pai no bordel como orientadora de práticas de cuidado; as formas como se justifica o segredo que se faz para o marido, que se confundem com a traição do casamento; o uniforme da loja de eletrodomésticos; “fazer a maluca”; dissimular. Há formas diversas de se fazer e manter o(s) segredo(s); agenciamentos e técnicas que orientam essas práticas. Vamos nos debruçar sobre o problema das técnicas no capítulo seguinte.

4 TÉCNICAS DAS GAROTAS E SEUS AGENCIAMENTOS

Utilizo neste capítulo, como base teórica, o artigo de Mauss (2011) sobre “técnicas do corpo”. Estive a me perguntar em que medida o conceito de técnica corporal se aplica às técnicas que as garotas utilizam, conforme inventariadas no capítulo anterior.

Por “técnicas do corpo” Mauss entende: “as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo” (2011, p. 401). A primeira pergunta que me fiz foi a respeito de as técnicas corporais serem uma prática tradicional, no meu campo. Por “tradicional” Mauss quer dizer social, transmitidas através da educação e “montadas pela autoridade social e para ela” (2011, p. 420). Ele distingue esse “social” do “psicológico” ou individual e do “biológico”, muito embora afirme que tais técnicas mobilizam os três domínios: o tríplice ponto de vista do “homem total” (2011, p. 405).

Assim se configurava primeiramente a dúvida sobre se as técnicas empregadas poderiam gozar deste estatuto de “social” entre as garotas de programa que participaram da pesquisa. Muitas técnicas são particulares, ou pertencem a um pequeno grupo de amigas ou colegas de trabalho de determinado *metier*. Há técnicas mais comuns, de alcance mais amplo dentro do universo estudado. E há outras, que atravessam as práticas em menor escala. Existem as coleções de técnicas pessoais, que não por isso, deixam de ser tradicionais, para o indivíduo em questão. Conforme entendemos, são todas técnicas sociais.

A outra dúvida, apontada no primeiro parágrafo, era sobre se as técnicas utilizadas pelas garotas seriam técnicas de natureza corporal. Técnicas para fazer o sexo são apontadas pelo próprio Mauss em seu inventário (2011, p. 419). Técnicas de sedução dos clientes também passam pelo corpo, assim como as técnicas de proteger o próprio corpo. Mas o segredo me parecia uma sombra, para ler as técnicas do campo através deste modelo de Mauss. Fazer segredo da profissão de prostituta, enquanto técnica de esquiva do estigma, não me parecia passar pelas habilidades do corpo.

Até que tive atenção às manifestações destas técnicas de manter segredo do ofício, e elas passam por alguma administração do corpo para sua efetivação. Ir para casa com o uniforme da loja de eletrodomésticos ao sair do bordel, por exemplo, passa pelo cuidado do corpo e por uma habilidade, neste caso, performática. Maquiar-se dentro do taxi também seria uma técnica atravessada pelo cuidado com o corpo. Em resumo, trata-se do que se mostra no corpo e do que o corpo pode esconder. Guarda-se então segredo através de técnicas corporais também.

As técnicas corporais para fazer o sexo são cruzadas por técnicas de proteção do corpo e da integridade física e emocional da garota e da própria imagem.

“Meninas” que trabalham como *call girls* procuram pedir o dinheiro adiantado, às vezes, para não correrem o risco de “levar calote”: a menina transa com o cliente e na hora de pagar ele diz que não tem dinheiro, que esqueceu a carteira, que vai depositar depois, pergunta se ela aceita cheque, etc.

Uma garota de programa que atende através do serviço de *call girl* também frequentemente finge que está falando no celular na hora do programa, assim que entra no quarto e/ou na hora de sair. É importante que o cliente desconhecido pense que há alguém vigiando a “menina”. Procura também informar sempre a colegas e conhecidos onde está e por quanto tempo pretende ficar num determinado lugar.

Algumas combinam com o próprio taxista que as levou para a casa do cliente ou o motel onde acontecerá o encontro para voltar em uma hora para buscá-la. E já avisam ao cliente: “amor, meu motorista vem me buscar em uma hora. Se a gente for passar mais tempo em tenho que avisar a ele”. Algumas não atendem em residências, só em motéis, para minimizar os riscos. É praxe entre muitas não entrar no carro dos clientes.

Ainda para as *call girls*, pode ser importante conversar com o cliente ao máximo pelo telefone antes de marcar o programa. Deixar claro aquilo que não fazem (se não fazem anal ou sexo oral sem camisinha, por exemplo), embora muitas “meninas” flertem com a possibilidade de fazer, no contato telefônico, aquilo que sabem que não vão fazer no programa.

Todas as garotas do universo estudado dizem utilizar o preservativo masculino nos programas. O sexo oral, geralmente é feito sem a “camisinha”. E aí coletei relatos sobre técnicas para evitar contaminação sem o uso do preservativo: primeiramente, recusar-se a fazer o sexo oral em caso de qualquer odor no pênis ou qualquer sinal aparente de doença sexualmente transmissível. Foram-me descritos, minuciosamente, os sintomas das doenças, em contraste com características próprias da pele do pênis.

Compõe as técnicas de proteção uma tecnologia de administração dos fluidos. Uma garota me disse que não fazia sexo oral se o pênis do cliente ficasse muito lubrificado. Cuspir no pênis, teatralizando um ato erótico, para não engolir a saliva possivelmente contaminada era um recurso usual. Não deixar que o cliente ejaculasse na boca também era uma técnica comum para se evitar contaminação. (A sujeira, como observou Mary Douglas (1991), é questão de contexto. O sêmen do cliente pode ser sujo, mas o do homem amado, não. Assim como o pênis

do cliente, que possui certo estatuto especial na questão na higiene: o pênis do cliente é, por definição, “sujo”, embora as mulheres lidem com isso de formas distintas).

Há outras técnicas que coletei, como ter atenção às mãos do cliente. Uma garota dizia não se sentir confortável se o cliente colocasse as mãos em seu pescoço. Sentia-se vulnerável. O que aparecia muitas vezes era que a manipulação dessas técnicas de proteção era incorporada na técnica sexual, isto é, teatralizada enquanto ato erótico. Se o cliente lhe colocasse as mãos no pescoço, por exemplo, Giovana desviaria sua atenção para outra parte do seu corpo através do próprio corpo. Essa coreografia, orquestrada com maestria, traduz-se num capital para estas mulheres, pois o “talento”, na profissão de prostituta, consiste, justamente, na boa administração de determinadas técnicas, como passarei a apontar.

Entendendo “técnica”, então, assim como em Marcel Mauss, como um “*ato tradicional eficaz*”, podemos pensar a técnica como um modo próprio de fazer, como um conjunto de práticas consagradas para a realização de uma tarefa, que funciona como uma espécie de “catalizador”. A técnica otimiza os resultados almejados. Ela tende a acelera-los ou agrava-los. Não pretendo aqui fazer um inventário de técnicas utilizadas pelas garotas, mas perceber como essas mulheres agenciam as mesmas técnicas e em que sentidos se dão tais agenciamentos.

Vamos nos concentrar especificamente no exame das técnicas de fazer o sexo. Existe um roteiro sexual prescrito com um certo número de posições sexuais executadas de maneira mais ou menos constante. A mulher fazer sexo oral no homem é quase uma regra. As posições mais comuns são: a mulher de quatro com o corpo do homem por trás do seu; a mulher sentada sobre o homem deitado de barriga para cima; “papai e mamãe”, isto é, o homem deitado por cima da mulher, um de frente para o outro.

Muitas garotas obedecem ao paradigma pornô em suas performances sexuais, executando um sexo mais ou menos coreográfico, com sequencias de posições determinadas com durações prescritas (BENÍTEZ, 2010, p. 109). A estética pornô parece orientar as técnicas nas performances das garotas em atos sexuais prostituídos: exibição de ângulos determinados do próprio corpo para o cliente, excesso de saliva como sexo caricaturalmente cheio de tesão, presença de um roteiro sexual.

Apesar da existência de um roteiro, muitas vezes “o sexo com o cliente é o que dá pra fazer”, como me disse Giovana. Isto é, contando com um público idoso ou que tem dificuldades de manter a ereção, é necessário um cuidado para mantê-la, executando as posições que deixem o cliente mais confortável ou mantendo-se por períodos mais longos a masturbação masculina

ou o sexo oral no homem. A performance da garota deve ser espetacular, obediente a um roteiro orientado pelo paradigma pornô, mas a sequencia das posições sexuais acaba sendo dada, de fato, pelas condições da ereção do cliente. Assim, a performance do homem é imaginada como sendo dotada de uma concretude determinada pela capacidade de sustentação da ereção, enquanto a performance da garota dependeria de técnicas aprendidas e estaria mais sujeita à subjetividade na avaliação, como apontarei adiante.

Maria Elvira Benítez, em seu *Nas Redes do Sexo*, apropria-se de Goffman para fazer uma discussão sobre técnica e talento entre os performers de filmes pornôs. Ao mesmo tempo em que era desejável que eles “gostassem de sexo”, valorizava-se o domínio da técnica, como ferramenta auxiliar do talento (2010, p. 102).

Talento e técnica estão dinamicamente imbricados. Gostar de sexo tem, por um lado, um valor relativo, levando-se em conta que, mesmo gostando, atrizes e atores podem não apresentar, em todas as ocasiões, a mesma disposição para efetuar uma trama espetacular. Ainda assim mediante técnicas, podem encenar um sexo prazeroso inclusive sem experimentar um enorme prazer. Em poucas palavras, precisa-se de talento para manipular as técnicas e de técnicas para “disfarçar” a ausência de talento (2010, p. 102-103).

A técnica é o “saber” fazer sexo. O talento é “gostar” de sexo. O mais importante, no campo de Benítez, é esse gosto, que aparece como uma “inclinação natural” para a prática sexual.

No meu campo, existe uma atribuição de juízo de quem tem talento entre as garotas, por parte dos clientes. A garota que tem talento é, para eles, aquela que sabe e gosta de fazer sexo. O talento dos clientes não está em questão (embora algum caso fora do comum possa ser digno de ser assunto das garotas). Podemos nos perguntar então qual é o jogo de prazer-saber e de poder-saber, neste caso; entre garotas e clientes. A garota que “sabe” fazer sexo é valorizada neste mercado e é empoderada como garota de programa pelos clientes que avaliam seu serviço. O prazer do cliente é o objetivo do sexo comercializado, não sendo importante se eles “sabem” ou não fazer sexo. O que se espera é que sejam generosos no pagamento, o que pode depender da performance da garota. Os clientes usam como dispositivo de controle das mulheres essa possibilidade da dádiva.

Por outro lado, existe uma crença das garotas no poder das técnicas que elas elaboram e trocam umas com as outras, acreditando que a boa administração dessas técnicas representa o talento de ser prostituta. Aparece entre elas, também neste sentido, o discurso de que gostam do sexo. Mas na prática parece existir um gosto por fazer o programa, mas não um gosto por transar com cada cliente em particular, embora tenham preferência por alguns em detrimento de outros.

Entre os atores pornô o talento é a ferramenta e a técnica a ferramenta de auxílio. Entre as garotas de programa o talento pode ser uma expectativa dos homens, presumível em relação ao desempenho da garota na transa, ou uma orientação geral de sentido das garotas como “gosto pela profissão” (e não o gosto por cada ato sexual em particular).

São elas quem manipulam essa impressão masculina de seu talento através das técnicas. Na verdade, o prazer está, para a garota de programa, justamente na manipulação que ela conseguiria fazer mesmo de um ato sexual considerado ruim. Diferente do filme, em que há registro, portanto, a expectativa de entrega e superação em cada cena, uma vez que serão vistas e revistas e avaliadas por outras pessoas, nos programas, o que está em jogo é outra coisa. Há a intimidade do quarto, que pode ser mais facilmente manipulada pelas garotas, uma vez que são orientadas por jogos de pergunta e resposta corporais entre o casal, apenas. O programa ideal, o “mais fácil” costuma ser –segundo entendimento corrente entre as garotas- aquele em que o cliente paga “apenas para conversar”.

Um exemplo desse talento esperado pelos homens, nas mulheres, é expresso nas classificações que os clientes fazem na web dos programas consumidos. No site mais conceituado do Rio de Janeiro, os assinantes do site tem acesso a uma área restrita com um vídeo de cada garota anunciada e podem pontuar as garotas em alguns quesitos até que elas fiquem com de uma a cinco estrelas, como resultado de sua avaliação por todos os clientes assinantes do site. Compunham assim um ranking geral. Os critérios de avaliação eram: ranking geral, beleza do rosto, beleza do corpo, simpatia, elegância, cultura, pontualidade e atendimento.

Também existem fóruns específicos na internet de discussão da qualidade do serviço prestado pelas garotas. Elas trocam de “nome de guerra” o tempo todo para despistar clientes insatisfeitos, esquivar-se de suas críticas nesses fóruns, proteger-se contra violências e renovar a própria imagem, apresentando-se como uma nova “menina” no mercado.

Mas voltando ao ato do sexo, a garota que notoriamente finge prazer sexual (a que não tem o talento, a que não gosta verdadeiramente de sexo), com gemidos exagerados e frases chulas durante o ato, podem ser consideradas “mecânicas” pelos clientes. “Mecânica” é uma categoria relativa, muito usada entre os clientes de um dos sites de “acompanhantes de luxo” pesquisados. Digo que é “relativa” porque o cliente tanto pode considerar a performance do exagero como “mecânica”, como pode entender que a garota está aí dando tudo de si no sexo, e que “mecânicas” são justamente as moças de expressão mais sutil, durante o ato sexual. “Mecânica” é a mulher que não “sente”, ou parece não sentir, ainda que saiba aplicar certas técnicas.

Da parte da administração das técnicas pelas garotas, duas são as técnicas mais criativas que colhi do fazer sexual propriamente dito. Ou do não fazer. Uma delas é a prática do sexo anal (ou o jeito de se evitar fazer sexo anal). A outra, a prática do sexo oral sem camisinha. Usa-se o termo “completa” para a garota de programa que “faz de tudo”, entenda-se, principalmente, que ela faz sexo anal, oral e vaginal com o cliente. Mas o termo “completa” pode incluir outras práticas, como as de dominação-submissão e deixar que o cliente ejacule na boca: “finalizar na boca” - como se diz. A “mulher completa” torna-se um selo de permissividade na relação sexual, o que, por vezes, é desejável neste mercado. No campo de Benítez também há uma referência à “mulher completa” na fala de um diretor entrevistado (2010, p. 100)

Então as mulheres usam truques para manipular esta ideia de “completude” do sexo. Dizem que fazem, sim, sexo anal, mas condicionam tal prática ao tamanho do pênis do cliente: “Ah, amor, eu faço, se seu pau não for muito grande”. E no momento do sexo, independentemente do tamanho, dizem que é grande para a prática do sexo anal. Assim ganham um programa, conforme me explicou uma informante. O homem, na maioria das vezes, sente-se envaidecido (e geralmente ele quer ser empoderado nestes termos, numa situação de programa) e não exige fazer o sexo anal prometido na negociação que fez com a garota.

O sexo oral, como vimos, é desejável que a garota o faça sem camisinha. E aí as garotas lançam mão de técnicas para se precaver contra doenças, como evitar colocar a boca na glândula, fazendo-o somente no corpo do pênis. Acreditam assim estar utilizando um paliativo de proteção. Giovana me referiu uma vez que costuma passar o dedo molhado na glândula simulando a própria língua, com os cabelos jogados por cima, fazendo uma “cortina”. Assim o cliente não percebe que está sendo ludibriado.

Essa sabotagem da troca permite perceber a autoconstrução dessas mulheres como “malandras” ou espertas. No trabalho de campo que fiz para minha pesquisa de mestrado, quando pesquisei a respeito de uma rede de traficantes de drogas moradores de favelas, percebi um grupo de categorias que serviam para identificar um “tipo” de mulher. Chamadas de “amantes”, “putas”, “piranhas” ou “ratas” essas mulheres eram identificadas pela questão da promiscuidade feminina. A rejeição, por parte de algumas delas, do programa afetivo-sexual do casamento, somado a multiplicidade de parceiros tem como referência a atividade da prostituição. Essas mulheres que, como os ratos, viviam no submundo dos afetos masculinos, poluídas pelo desejo sexual nelas projetado, não se percebiam, por este motivo, subjugadas pelos homens. Ao contrário, administravam as relações de que dispunham para conseguir

vantagens materiais, estabelecendo relacionamentos estratégicos, as “relações táticas” de que nos fala Piscitelli (2013).

Se tomarmos o *Manifesto Contrassexual* de Preciado (2014) como uma proposta de desnaturalização da sexualidade hegemônica, essas relações táticas podem vir a inscrever-se nesta proposta revolucionária de uma forma bastante especial.

Preciado propõe observar que, apropriando-se das ferramentas oferecidas por Donna Haraway, o “masculino” definirá sujeitos administradores das tecnologias de um dispositivo de sexualidade que prescreve o corpo feminino como natureza, sempre disponível para o (hetero)sexo. O conjunto das técnicas é administrado e manipulado pelos homens. “O corpo masculino é definido mediante a relação que estabelece com a tecnologia: o instrumento o prolonga e, inclusive, o substitui” (2014, p. 149).

Assim “tecnologia” e “sexo” são categorias centrais no discurso antropológico colonialista, como Preciado denuncia (2014, p. 149). E critica o feminismo que rejeita toda tecnologia, por associa-la a dominação masculina operada pelo patriarcado (2014, p. 151).

De fato, o que não se leva em consideração é a agência das mulheres no sentido de manipular as próprias tecnologias masculinas. Definida, sim, pela disponibilidade sexual, a mulher que rompe com certa moralidade da política sexual hegemônica cuja matriz é o casamento, tornando-se “puta” poderá, contudo, oferecer um outro tipo de resistência, no que diz respeito a subjugação feminina.

A estratégia de contorno da dominação, em vez de passar pelo combate às formas de representação que diminuíssem o valor da mulher, ou a reduzissem a um objeto sexual, passa aqui pela escandalização dos papéis tradicionais de gênero a que estão submetidas: as “piranhas” do campo do mestrado davam o sexo cobiçado pelos homens e exigiam sua contrapartida material. Gabavam-se de maestria sexual para exigir maior contrapartida, nestes termos. Tornavam-se ativas na economia de trocas que envolvem o sexo. As “putas” do campo do doutorado procuram, por sua vez, sabotar esta troca. A maestria consiste aqui em dar o mínimo ao cliente, conseguindo em troca o máximo possível.

Estou falando de um tipo de perversão do sistema patriarcal que se faz por dentro. Assumindo as rédeas da tecnologia masculina de dominação através do cumprimento de papéis tradicionais de gênero, empenhando-se em extrair vantagens materiais dos homens, fazendo este cálculo permanentemente e procurando sempre aumentar seu coeficiente de ganhos, usurpando os parceiros nas relações afetivo-sexuais.

As mulheres prostitutas com quem convivi utilizavam suas técnicas para ludibriar os homens. É Castarède quem fala que um dos elementos que caracterizam os objetos de luxo é o

fato de eles serem tecnicamente perfeitos (2005, p. 38). E ainda utilizando Preciado, podemos pensar que este desempenho técnico incluiu a utilização de certas “próteses de gênero” (2014, p. 156), como os saltos altos, as roupas e a maquiagem. São todas próteses de seduzir, assim como a televisão é uma prótese do olho e a máquina de escrever uma prótese da escrita. A prótese é a extensão técnica do corpo sem a qual a tarefa que ela ajuda a executar se tornaria mais difícil ou até inviável. Voltaremos a este ponto mais adiante.

Em outro lugar já falei das técnicas de controle do tempo empregadas pelas garotas (LOPES, 2015). Como afirmei, um dos indicadores do tempo do programa é o fato de o cliente gozar, não coincidindo esse gozo, necessariamente, com a ejaculação. Como fazer o cliente gozar mais rápido passa a ser então o objetivo em prol do qual a garota empenha suas técnicas. A garota controlará o tempo através destas técnicas. Por exemplo, nos bordeis, onde a cabinária avisa pelo telefone que o tempo está esgotado, ou seja, onde existe um controle externo, maior e mais eficiente do tempo, a garota pode tentar conversar com o cliente, para fazer sexo por menos tempo, as garotas podem se demorar ao tirar a roupa, no momento da sedução pré sexo. As *call girls*, por sua vez, bem como as mulheres que atendem pela “ficha rosa”, não costumam ser tão pontuais no encerramento do programa. Na verdade, muitas vezes elas têm que negociar com o cliente o fim do tempo do programa. Se o tempo acaba, mas o ato sexual ainda ocorre, espera-se que ele acabe, muitas vezes determinando esse fim com a ejaculação do cliente. Assim, a fim de acelerar as coisas, a *call girl* pode já sair nua do banheiro, poupando o momento de tirar as roupas no ato do sexo. Se o cliente tiver confiança na própria capacidade de ejacular duas ou três vezes dentro de uma média do tempo do programa (1 hora), ele pode querer transar outras vezes com a garota.

As “meninas” nos bordeis podem excitar ao máximo o cliente no salão, para que, no quarto, ele goze mais rápido. Ali ele tem a conta certa do tempo de 1 hora, e é mais difícil arriscar outra transa se não conseguir gozar a tempo do término do programa. Os homens dizem que sentem dor nos testículos se transam e não ejaculam. Também pode ser que o cliente esteja disposto a pagar dois programas com a garota e peça então para “dobrar” o tempo, quando a cabinária telefona para o quarto.

Para ajudar no controle do tempo uma *call girl* pode combinar com o taxista que a levou ao motel para fazer o programa, de ele telefonar uma hora depois para busca-la no mesmo local. Ou pode simplesmente fingir que está falando no telefone para convencer o cliente de que precisa ir. A necessidade de se lançar mão destes recursos, operando tais técnicas, indica o

abuso que ocorre nas relações de trabalho das prostitutas que não trabalham em bordel. Espera-se que a mulher passe mais tempo do que o combinado no acerto do programa, o que é considerado pelo cliente como uma dádiva esperada da mulher.

A relação (duradura) entre garota e cliente se estabelece, aliás, através destas dádivas mútuas, desta economia de favores e agradados mútuos entre ambos. Neste mercado de trocas, as garotas dão de seu tempo e permitem aos clientes que satisfaça com elas suas fantasias. Os homens dão presentes e dinheiro. Como apontamos diversas vezes, a aplicação das técnicas deve concorrer para a maximização de ganhos. Então as garotas, via técnicas, via formas de fazer específicas e ritualizadas, procurarão aumentar as dádivas masculinas. Mas procuram não aumentar a contra-prestação mais que o necessário para a manter o cliente sob controle. Assim, imporão limites à fantasia do cliente, que são dados pelo que a garota “quer” fazer, pelo que ela consente que ele faça.

Há que ter muito tato com as relações que ocorrem no âmbito da prostituição, uma inteligência quase intuitiva para se proteger. De forma que a maior das técnicas é saber quando empregar cada técnica para resolver o problema em questão, seja o gozo masculino, seja o incômodo em determinada posição no ato sexual, seja a menstruação da prostituta.

A técnica de ocultação da menstruação através de um tampão feito com algodão é uma prática muito comum em ambos os bordéis estudados e entre algumas *call girls*. Merece descrição: a garota introduz um chumaço de algodão na vagina, de preferência lubrificado com algum gel, ela faz sexo normalmente, o homem não sente o algodão e o sangue não “desce”.

Para tirar o algodão, depois do sexo, introduz-se uma ducha d’água na vagina, e com a liberação do jato, o algodão encharca e sai da vagina com uma certa pressão, “como um tiro” - descreveu Giovana.

Esta prática é adotada como prática de “ocultação” da menstruação uma vez que a mulher menstruada geralmente perde valor neste mercado. Um homem pode até querer transar com uma mulher menstruada, mas não etnografei nenhum caso desses. As *call girls* geralmente não trabalham na semana da menstruação, como o contrato para manter o anúncio no site é semanal, existe a possibilidade de a mulher escolher não anunciar suas fotos nestes dias e isso é apontado como uma vantagem do site em relação às Casas. Nas Casas, não se costuma ter dispensa do trabalho na semana da menstruação, sendo as garotas instruídas pela própria gerente da Casa mais cara da cidade já na entrevista de admissão, a utilizar o tampão de algodão.

Assim como o cuspe para não engolir a saliva durante o sexo oral e evitar o contato bucal com o esperma do cliente, esta prática faz parte de uma administração dos fluidos corporais, já apontada neste capítulo.

No ato sexual, além da performance de tesão que a saliva ajuda a elaborar, ela também serve para lubrificar as genitálias, tanto masculina quando feminina, suavizando o atrito da penetração ou a masturbação. Mas para as garotas, em seus segredos da prática sexual, a saliva goza ainda de um papel higienizador. Ela aparece muitas vezes em situações em que se tematiza a sujeira ou o contágio. Assim como os cães lambem suas genitálias e suas feridas, assim como os gatos lambem seu corpo para se limpar e as crianças passam saliva em seus machucados, ou como quando cortamos ou espetamos o dedo e, ato reflexo, o levamos à boca. A saliva, no contexto do sexo prostituído, é capaz de limpar e cuspir performa uma projeção das impurezas para fora do corpo.

Já a menstruação estaria relacionada à própria sujeira e à impureza. Antierógena, seria quase o contrário da saliva, donde se justifica o baixo valor da mulher menstruada no mercado do sexo.

O sémen está relacionado à fertilização, noção que pode ser estendida inclusive à proliferação de doenças como a Aids a as DSTs. Essas poderiam ser “semeadas” no corpo da mulher por este fluido, que é o fluido masculino por excelência. O sémen é então entendido como o fluido que origina a vida ou a morte. E se percebido como determinante desta sentença (vida, morte), revela o poder que se atribui naturalmente aos homens.

A orientação geral das garotas nos programas é ser sempre muito carinhosa, fugir de qualquer perspectiva de enfrentamento direto de opiniões, de vontades com os clientes. Há que abrir mão de marcações de postura em questões de opinião. É comum atuar no registro do apelo emocional, procurando comover, quando se ocupa o delicado papel de prostituta.

Supondo que o cliente diga, por exemplo, na hora do ato sexual; “eu vou comer teu cu a força hoje!” O importante é manter a calma e calcular a melhor resposta. Há que estar atenta, para isso, a pequenos sinais para saber como agir.

Geralmente, em casos que parecem mais perigosos, as melhores respostas são aquelas que vão no sentido de pedir, de suplicar: “poxa, amor, não fala assim comigo”. “Sempre com carinho. Sempre chamando de amor”- explica Giovana. Mas não pode ser uma chantagem emocional simplória. Há que imprimir profundidade às respostas nestas interações mais arriscadas. A menina pode dizer aí, por exemplo: “ai amor... é que se você me deixar tensa eu não vou conseguir gozar. E eu quero muito gozar nesse pau. Você tem um pau muito gostoso”. Desviar-se-ia aqui as atenções para o pênis do cliente.

Há que concentrar-se para passar essa mensagem com todo o seu corpo: o toque deve ser verdadeiro, pleno, sem nojo, ressentimento, culpa, vergonha, sem falta de vontade. Deve ser um toque com vontade. E na maioria das vezes, essas situações limite despertam os sentidos da “menina” para tal atuação. O nojo, a vergonha, a falta de vontade de tocar naquele corpo do cliente são paralisados pelo sentimento de urgência e a moça dá o melhor de si nesta performance de desejo. Pode-se dizer até que, de certa forma, ela sinta mesmo desejo, embora a cena não deixe de ser, ao mesmo tempo, como um teatro; artificial.

Como ressalta um entendimento corrente dos estudos sobre a noção de performance, esta se poderia traduzir por algo que é simultaneamente “real” e “construído”, como uma prática que reúne o que foi epistemologicamente separado como domínios estanques: “is/ as” (“é”/ “como”). (TEYLOR, 2013, p. 10). Assim como Villela (2013) coloca, apropriando-se de uma comparação feita por um dos próprios índios Asuriní do Xingu, os relatos xamânicos, como os filmes, seriam narrativas que produziriam realidades (virtuais).

Os estudos sobre performance aprofundam esta potencialidade aberta pela perspectiva antropológica de que não há fronteira ontológica entre o vivido e o inventado quando se tratam de práticas sociais, pois tudo que é assim experimentado é também imaginado ou convencionalizado e é vetor de comunicação e de transformação.

A etnografia dos programas é capaz de ilustrar como as garotas performam o prazer sexual com manifestações orgânicas do desejo por elas encenado. A lubrificação e dilatação do canal vaginal, os arrepios da pele, aumento da temperatura corporal são efeitos frequentes deste desejo que performam. Acaso os clientes consumidores do sexo pago não estariam também encenando, durante o seu desempenho no ato do sexo? A urina das mulheres, quando da estimulação exacerbada do clitóris, materializa, para os clientes, o gozo da prostituta, por eles almejado. Nos perguntamos então qual é o limite entre o desejo e sua encenação quando estas ocorrências no corpo da garota de programa passam a fazer parte do jogo de significados que compõe a trama sexual e a relação com seus clientes.

5 DIMENSÕES DO SEGREDO PARA OS CLIENTES E SOBRE A INICIAÇÃO SEXUAL MASCULINA COM A PROSTITUTA

Elisiane Pasini (2009) desperta as atenções para a importância de se tratar dos clientes nos trabalhos sobre prostituição, uma vez que “a atividade da prostituição é um sistema relacional, visto que é realizado entre duas ou mais pessoas” (2009, p. 239). A partir desta perspectiva, diz a autora, poderíamos pensar, não só em clientes, mas nos homens que vão à zona e não chegam a consumir um programa, além dos gerentes e donos de Casas, faxineiros, taxistas, barmen e em todo pessoal envolvido em qualquer das etapas da atividade da prostituição.

Pasini sugere então utilizar o termo “frequentadores” da zona, em vez de clientes. Mas, para além desta multiplicidade de personagens que compõem o cenário da zona de prostituição, a passagem faz atinar para o fato de que o ato sexual (prostituído) propriamente dito, conta necessariamente com pelo menos duas pessoas, compondo sempre um sistema relacional, mesmo em iniciativas isoladas de prostituição, nas quais uma mulher pode propor um programa para um homem de sua própria rede.

Nos bordéis “de luxo”, com exceção dos funcionários, não se encontram facilmente homens que não vão fazer programas, uma vez que a entrada custa pelo menos 100 Reais, nos bordéis do Rio de Janeiro e há Casas ainda em que se paga o valor do programa na entrada (por volta de 300 Reais, o programa mais barato; por menos tempo, no quarto mais simples). Daí o homem que entra naquele espaço é um cliente efetivamente. Não há tanto que falar em frequentadores não clientes neste campo.

Para os clientes, o consumo da prostituição pode assumir um lugar de diversão entre amigos. Pasini (2009) descreve a atividade lúdica que representa para muitos homens a prática de irem beber e conversar na zona, tendo a volta mulheres ao alcance das mãos. Leonini (2004) indica ainda um corte geracional do consumo da prostituição onde os clientes mais jovens têm por hábito usufruir, em grupos de amigos, dos serviços sexuais oferecidos pelas prostitutas com mais frequência que os clientes mais velhos (2004, p. 82).

Entre os clientes de sites também, não há muito a tal brincadeira masculina de estar entre “putas”, salvo em casos em que um grupo de homens contrata um grupo de garotas para uma festa, casos menos recorrentes do que a iniciativa isolada de um homem de procurar uma “prostituta de luxo”. Normalmente é uma atividade solitária para os homens, a da contratação de serviços de uma *call girl*. Já nos “bordéis de luxo” se encontra grupos de homens com mais

frequência. Confirmando a colocação de Leonini, são geralmente os clientes mais jovens que o fazem.

Os clientes homens também protegem suas redes familiares da informação de que consomem programas, via de regra. Fazem segredo das suas famílias e esposas e em seus locais de interação mais formal na vida cotidiana, pois há também um estigma que pesa sobre a identidade dos chamados “putanheiros”. E aqui há que fazer uma distinção entre os consumidores eventuais de programas e os “putanheiros”, que fazem disso um hobby, o que será explorado no próximo tópico.

Consumir sexo pago parece, àqueles que não transitam pelo universo da prostituição, indicar uma inabilidade do homem de conseguir uma parceira que se interesse por ele sem o pagamento. Isso não é verdade. O sexo prostituído não pode ser explicado pela ausência, na vida sexual do cliente, de sexo não prostituído, o que se comprova pelo fato de a grande maioria dos homens que consomem prostituição “de luxo” ser casada. Antes disso, o consumo da prostituição pelos clientes habituais destes serviços é antes uma questão de fantasia.

Nesta fantasia de ter sexo com prostitutas há vários elementos em questão que já foram mencionados pela bibliografia especializada. O poder de compra, observado por Leonini (2004) é sem dúvida um deles. Embora esta autora o apresente de forma um tanto cartesiana, sem considerar a dimensão do desejo implicado no ato de pagar por sexo, enxergando a prática como uma atividade comercial que, numa perspectiva Simmeliana, excluiria o componente humano da relação e estaria, sempre, completamente esvaziada de afetos.

A experiência de campo deste trabalho mostra que, ao contrário do que defende a autora, os homens clientes, em sua maioria, estão, sim, interessados na prostituta como pessoa. Não sendo, o sexo prostituído, na perspectiva dos clientes, de forma alguma comparável à masturbação, como ela coloca (2004, p. 83). Durante a pesquisa, lidei com homens que não abriam mão do ritual do flerte por estarem pagando o programa e cuja curiosidade pela vida pessoal da prostituta (por suas motivações para ingressar no universo prostitucional, por exemplo –interesse bastante frequente), criavam um tipo de relação pessoal em vez de meramente profissional.

Esta diferença entre o que constatei em minha pesquisa e o que Leonini constatou na sua, em Milão, dá-se, acredito, pelas especificidades dos trabalhos de campo em cada um dos casos. No meu caso, por exemplo, em que a atividade prostitucional era lida como uma virtualidade da identidade da pesquisadora, os homens entrevistados deveriam querer menos marcar uma separação em relação ao universo em questão, e, mais demonstrar suas afinidades e o seu fascínio e sedução por aquelas mulheres. No campo de Leonini, por sua vez, como ela

mesma coloca, havia uma redução drástica do aspecto comunicativo da relação entre prostitutas e clientes já que raramente falavam o mesmo idioma (2004, p. 84).

Outro componente da fantasia masculina de sair com prostitutas é a “devassidão da prostituta”, entendida pelos homens como mulheres que sabem fazer sexo, ou que gostam muito de sexo. Mesmo assim, não é possível determinar motivações universais para o consumo de sexo pelos clientes das garotas de programa. E é provável que todas as causas apontadas pela literatura e pelo senso comum se verifiquem em um ou outro caso. Desde a inabilidade ou incapacidade de conseguir sexo sem pagamento, passando pela utilização da prostituta como mero instrumento e pela fantasia implicada no poder de consumo, pela maior descrição atribuída a esta modalidade de sexo extraconjugal, até o interesse romântico envolvido numa utopia salvacionista em relação à garota de programa.

Acredito que este fervor, ou esta curiosidade mórbida pelas motivações que levam um homem a consumir sexo pago, assim como sobre o que teria levado as mulheres que se prostituem a tal profissão, não constituem um interesse de pesquisa muito frutífero e advém de um compromisso moral com a sexualidade normativa da nossa sociedade, segundo a qual a atividade prostitucional é condenável e carece justificação.

Nos debruçamos aqui principalmente sobre o segredo do consumo do sexo prostituído que se mantém, acredito, sobretudo pelo fato de os clientes das “prostitutas de luxo” serem homens “respeitáveis”, dotados de posição social privilegiada, cujo envolvimento com este universo torpe poderia significar algum tipo de perversão aos olhos das outras pessoas, resultando em estigmatização e exclusão.

Nos casos em que os clientes são homens casados, ou comprometidos com relacionamentos monogâmicos, a importância do segredo da relação extraconjugal prostituída é auto evidente. Eles entendem que o sexo prostituído é mais sigiloso do que o sexo com uma mulher de sua rede pessoal de relações e costumam repetir que “não pagam à prostituta para transar, mas pagam para ela ir embora depois”. É como se a traição da esposa com um prostituta fosse menos grave do que a traição com uma mulher não prostituta, sendo, esta última, percebida como uma ameaça potencial ao casamento, uma vez que poderia nutrir certas expectativas na amante que a fariam pleitear o lugar da esposa. A prostituta, ao contrário, é percebida, numa visão vitoriana, como auxiliadora da manutenção do próprio casamento, pois daria vazão aos instintos sexuais masculinos, mal contidos na monogamia.

Podemos agora entender alguns fundamentos da perspectiva de Leonini quando a autora diz que a relação prostituída é como a masturbação para o homem. Tal perspectiva poderia ter sido alimentada por este lugar que o homem cliente atribui à prostituta, na sua vida

afetivo-sexual, mas que, segundo entendo, não deve ser tomada de forma irrefletida, como sinônimo da ausência de afetos de qualquer tipo entre prostitutas e seus clientes.

Como apontei, sustento que há relações afetivas que compõem o universo das relações entre garotas e clientes, mas estes afetos são de um tipo particular. Há uma cumplicidade da prostituta com o cliente no que diz respeito a manutenção do casamento do homem. Mas a ausência de um relacionamento baseado nos pressupostos do amor romântico não significa necessariamente a ausência de afetos. Entre garotas e seus clientes fixos surgem muitas vezes relações de amizade, carinho, intimidade e mesmo ciúmes de outras prostitutas ou de outros clientes. Até mesmo nos encontros fortuitos entre garotas e clientes pode haver afetos envolvidos.

Mas também interessa a respeito dos clientes a revelação do segredo do consumo do sexo prostituído; quando, em ambientes específicos de sociabilidade masculina, tal segredo é revelado. Para os homens, o segredo do sexo pago que consomem assume outros contornos, diverso daquele segredo mantido pelas garotas a respeito de sua profissão, talvez menos grave, já que eles o compartilham com amigos, em “sociabilidades de bar”, numa espécie de ritual de celebração da masculinidade. Para a garota a exposição do estigma parece, geralmente, custar mais caro.

O consumo de prostituição, para os homens, quando estão entre outros homens consumidores destas práticas, pode motivar relatos de programas feitos e trocas de experiências neste ou naquele bordel, com esta ou aquela garota (como examinarei detidamente no próximo tópico). Assim como as garotas também fazem nos vestiários das Casas. No entanto, os relatos das experiências sexuais masculinas podem extravasar este círculo de “confrades” e aparecer em outras situações de celebração de masculinidades.

Mas existe também uma espécie de ciúmes que regula as indicações que os clientes fazem entre si das garotas com quem saíram, bem como as indicações que as prostitutas dão aos seus clientes de outras garotas de programa, amigas suas, com quem eles poderiam sair também.

Giovana uma vez foi convidada por uma amiga para fazer um programa com um cliente da outra, interessado em fazer um *ménage a trois*. O cliente então passou a ter o contato de Giovana e a convidou para fazer um programa sozinha com ele. Pediu, no entanto, que ela mantivesse segredo para a amiga através da qual haviam se conhecido, pois a garota poderia

ficar chateada se soubesse. Giovana fez que concordou, mas não deixou de contar à amiga sobre a proposta.

Nos circuitos da prostituição “de luxo”, todas as garotas possuem certo número de clientes fixos. Os *habitués* dos bordeis, muitas vezes se tornam fixos de uma mesma garota. E sentem ciúmes em ver a mulher “subir” com outro cliente, situação que, uma hora ou outra, fatalmente são obrigados a presenciar, pois quando o cliente chega na Casa, a mulher já pode ter acertado um programa ou estar flertando com algum outro cliente no salão. E por causa destes ciúmes, que se confundem com um nojo do contato com os fluidos corporais de outro homem, muitas vezes os clientes preferem não sair com a mulher que viram “subir” com outro e acabam saindo com outra garota. Isso, por sua vez, pode gerar uma rivalidade entre garotas, por uma mulher ter saído com o cliente fixo da outra.

Assim, também elas sentem ciúmes dos seus clientes. No caso das garotas, estes ciúmes se confundem com a perspectiva de ganho com mais um programa, como me disse uma vez uma moça: “não tenho ciúmes dele, tenho ciúmes do dinheiro dele”. Mas a fronteira entre o ciúme do homem e o ciúme do dinheiro dele pode ser tênue, numa transação comercial que envolve o sexo, romantizado em nossa cultura. E não raro pode haver um deslizamento deste interesse profissional para um interesse pessoal. Giovana contou-me o motivo de sua saída de uma Casa onde trabalhava em Copacabana.

Ele me disse que ia me levar pra viajar... que ia me dar um carro... que ia me tirar de lá... na hora H nada fluiu. Uma vez eu já tava no salão embriagada, carente dele... ele chegou e subiu com outra garota. O que? Fiz um escândalo. Fiquei pelada. A pessoa já tem problema de cabeça... mas se não tiver um... nada; não tem problema. Fiz um escândalo que eu xinguei todo mundo. Foi um vexame. Uma coisa horrível. Por esse motivo eu saí de lá e vim parar aqui.

A fala ilustra como esse deslizamento é possível. Tirar Giovana da Casa, como o cliente prometera, significaria a perfeita conversão da prostituta em namorada, constituindo um ideal de salvação operante no imaginário tanto de garotas quanto de clientes. A promessa de leva-la para viajar repousa precisamente sobre a fronteira entre a relação romântica e o interesse pragmático da garota pelo seu cliente, onde o homem aparece como provedor material “levando-a” para uma viagem, e ao mesmo tempo como seu amante, convidando-a para desfrutar de um momento especial com ele. Já o carro, como presente, concretizaria o interesse econômico da transação, para a mulher.

De acordo com um arranjo cultural em que a divisão tradicional de papéis de gênero coloca o homem como provedor material e a mulher como provedora afetiva e sexual, o

deslizamento entre os “ciúmes dele” e os “ciúmes do dinheiro dele” é uma possibilidade bastante factível.

Outro ponto a respeito dos rituais de afirmação/ construção de masculinidade, é a questão do desvirginamento masculino no bordel. As garotas, aí entendidas como guardiãs de segredos, são vistas como aquelas que vão iniciar o homem nos saberes ocultos do prazer e do sexo. Isso nos remete a discussão sobre os paralelos possíveis entre a prática prostitucional e a noção de arte erótica, já apontada no capítulo 2.

Passo então a relatar um caso deste tipo.

Durante a copa do mundo de 2014, sediada no Brasil, o bordel onde fiz trabalho de campo recebeu muitos clientes estrangeiros. Um menino de Dubai estava assustado, no canto salão, na companhia de um homem mais velho. Não falavam português. A recepcionista falava um pouco de árabe. O homem mais velho que o acompanhava escolheu uma garota e foi fazer um programa. O menino ficou só. As garotas o assediavam, tentando conseguir um programa com ele. Num determinado momento, ele chamou a recepcionista e perguntou se podia sair dali e se vestir (os clientes usam roupão no “salão”). A recepcionista perguntou-lhe qual era o problema, ele disse que era virgem e que não estava se sentindo bem. A recepcionista pediu para que não se preocupasse, que ia chamar uma “menina” virgem também para conversar com ele. Chamou uma “menina” nova na Casa, meio tímida. Ambos tinham por volta de 18 anos. Sentados um ao lado do outro, sem se falar, trocavam apenas olhares. A menina sorria, tentava acariciar lhe os cabelos, ele se afastava, nervoso. Até que pegou a garota pela mão e subiu as escadas para o quarto, num rompante.

O bordel era aquele lugar onde se podia conseguir uma “puta” virgem para acalmar o cliente nervoso. Daí que o bordel seja referido como lugar de “relaxar” para os clientes, embora para as garotas seja um ambiente, por vezes, extremamente tenso como veremos adiante. O surrealismo da estratégia da recepcionista só se poderia fabricar ali. Algumas garotas mais a gerente comentavam, eufóricas, o caso no vestiário, depois que o casal foi fazer o programa. O que gerou uma grande expectativa a respeito do relato que a garota poderia oferecer depois do programa feito. As mulheres gostavam de fazer programas com homens virgens, costumavam compartilhar com outras garotas ou com a cabinária e a gerente um programa deste tipo, quando estavam reunidas no vestiário.

As gerentes circulam entre todos os ambientes dos bordeis, supervisionando o serviço e o movimento das garotas de programa, principalmente entre o salão e o vestiário. Há uma

circulação específica dos assuntos na Casa, os personagens em cena em cada cômodo geram nichos e há uma política das conversas. Uma coisa é estar no salão, ente garotas, clientes, a gerente, o *bar man*, o dj e os garçons. Outra coisa era a conversa entre garotas, gerente e cabinária no vestiário. A presença do dono ou dos donos do bordel paira como uma ameaça e ao mesmo tempo uma proteção para as garotas, maneira pela qual é conduzida e reconhecida sua autoridade na Casa.

No salão, enquanto algumas garotas estavam acompanhadas de seus possíveis clientes e conversavam somente com eles sobre quaisquer assuntos envolvidos no flerte, um grupo de “meninas” comentava sobre o cliente virgem de Dubai. Passei a refletir sobre como a história circulava na Casa, para quem tinha importância e em que círculos aparecia.

Os garçons não falavam sobre isso, em vez disso, tentavam promover o interesse das garotas por um cliente em particular, que diziam ser um atleta americano rico e famoso. Entendi que o tal cliente tinha dado gorjetas aos garçons que então tentavam agrada-lo. Consumia muitas coisas no bar e tinha a sua volta várias garotas que bebiam e conversavam, animadas.

Neste cenário, passei a pensar sobre o evento não raro relatado pelas garotas de desvirginamento de um cliente. E conversei com um homem, de minha rede pessoal de relações, que havia me contado uma vez que perdera a virgindade com uma garota de programa, paga pelo seu tio.

As garotas são entendidas como mestres nestas situações, alguém que pode guardar o segredo da inabilidade sexual masculina ao mesmo tempo em que lhe ensinam técnicas sexuais. O ritual é interessante porque, de fato, uma única experiência pode não prover nem a segurança nem o saber técnico necessários para que o homem aja com desenvoltura na próxima transa, com uma mulher de sua rede, onde há certos compromissos em jogo.

Terence Sellers (2001), na introdução que faz ao “*Psychopathia Sexualis*” de Krafft-Ebing, coloca que as prostitutas foram entendidas durante muito tempo como campo de provas da saúde sexual masculina, sendo procuradas tanto para fazer sexo “bizarro”, a prática de fantasias que os homens não tinham coragem de expor às mulheres de suas próprias redes, assim como para fazer sexo “convencional” provando ser, o cliente, capaz de uma performance considerada “normal”.

A prostituta, como iniciadora sexual, não só é o campo de provas da saúde sexual masculina, mas funda esta normalidade. Como a autora coloca, elas receberam a tarefa história de “criar normalidade” (2001, p. 15), tanto livrando os perversos de suas agonias sexuais, que então não se precisava mostrar no seio da família e da classe, quanto demonstrando o tipo de sexo que poderia ser praticado nas relações conjugais.

5.1 *Putanheiros* – consumo da prostituição como vício e o gozo das garotas de programa

Meu contato com clientes deu-se a partir dos clientes de Giovana, principalmente. Mas também pesquisei o mais antigo fórum de discussão sobre garotas de programa do Rio de Janeiro, que conta com quase 13 mil membros. O site me pareceu um interessante meio de acessar as opiniões dos clientes, embora acredite que as informações colhidas ali não teriam tanta profundidade se prescindissem de um contato face a face com outros homens, consumidores regulares de prostituição.

Para navegar pelo fórum, cria-se uma conta a partir da qual se podem acessar determinadas áreas restritas, que os visitantes não registrados não podem visualizar. Há áreas destinadas a interação entre garotas e clientes e áreas exclusivas para clientes, autointitulados “putanheiros” ou “confrades”, onde eles postam relatos sobre os programas com as garotas, respondendo a uma espécie de questionário-padrão que avalia a garota e a Casa, quando se trata de bordel.

Após um espaço para algum comentário livre sobre a garota pergunta-se: o valor do cachê e a duração do programa; se a garota faz sexo anal, se faz sexo oral com ou sem camisinha e se permite “finalizar na boca”, cor da pele, altura, descrição simples, estilo (como exemplos o site oferece alguns “tipos”: namoradinha, mulherão e ninfeta); pontos fortes e fracos do programa. Se for *call girl*, pergunta-se sobre o motel utilizado para fazer o programa e valor do mesmo, se for uma garota que atende em bordel, pergunta-se sobre o atendimento da Casa.

O fórum revela uma dinâmica interessante entre garotas e clientes. Como constatei através do trabalho de campo, algumas mulheres fazem contas *fake* neste site, como se fossem homens clientes, para promover-se no meio ou para criticar alguma concorrente. Os homens tentam criar alguns mecanismos de defesa de um espaço exclusivamente masculino e “putanheiro” na internet. Tentam proteger sua “confraria”. (A acepção religiosa do termo não poderia deixar de chamar atenção. Utilizam também termos como “manos”, “camaradas” e “irmãos” e mostram reconhecerem-se como uma categoria de pessoas, amantes da prostituição).

Geralmente um cliente cadastrado apresenta o novato “putanheiro” que entra no fórum. Isso é um recurso de reconhecimento mútuo de homens que se encontram em bordéis e de proteção contra as investidas das mulheres *fake*, que numa conversa, chegam a chamar de “máfia”. Vejamos.

Há um tópico de autoria de uma garota de programa, no fórum, feito para denunciar fotos fraudulentas de mulheres que anunciam em sites de acompanhantes com fotos de outras

garotas. Neste tópico, o assunto acaba chegando aos perfis *fake* das garotas no fórum em questão. Passo a transcrever um trecho de uma conversa meio desencontrada:

-Lembrando ao pessoal que ela já foi banida umas 5 vezes aqui do fórum, porque sempre tenta entrar com fakes... é tipo uma máfia (ela não age sozinha), sem falar que ela tem 3 links diferentes, com nomes diferentes também, e no mesmo site!! “Fulano” depois poderá ajudar nesse sentido, para ninguém cair em furada, aliás, como o próprio “Sicrano” confirmou a farsa...

-Com certeza, até perdemos as contas de quantos fakes criados, inclusive com mensagens ofendendo a Administração, como bem colocado pelo amigo, é uma máfia, que inclusive anunciam por aí a fora fotos de outras gps de outros estados, então fiquemos em alerta pessoal.

-E isso é apenas um deles. Agora eu que questiono, Admiro você “Beltrano”, comprando barulho dos fakes?

-Gostaria de aproveitar que estão falando do site para me defender, sou apenas um cara igual a vocês que usam este fórum, saio com gp já tem bastante tempo, as vezes termas as vezes de sites e como sei fazer site resolvi fazer um site bom e que ao mesmo tempo não cobrasse o preço abusivo dos que já existem no mercado, as meninas sabem do que estou falando, porém como o site tem apenas 2 meses precisava de meninas para colocar no site caso contrário outras não iriam anunciar, então começamos (eu e um amigo) a enviar e-mail/ sms divulgando, no início somente uma respondeu e se dizia responsável por um site de modelos e mandou a foto de 6 ou 7 meninas, não tinha nenhuma e ela enviou e mesmo parecendo fake precisava colocar para ter menina e com isso outras iriam querer anunciar, só lembrando que até agora mesmo com mais de 35 meninas não cobrei R\$1,00 de ninguém, as meninas que os amigos dos foruns (este e outros que sou cadastrado) vão colocando que são fake vou excluindo porém ao "fechar" com alguém tenho que deixar por 2 meses o anuncio no site. Se hoje é tudo fake no nosso site então temos vários sites no mercado com fake, porque praticamente todas as meninas do site possuem anuncio em outros sites. Desculpe o tamanho do texto, só queria explicar e ter a oportunidade de me defender, se alguém se sentiu "lesado" peço desculpe, porém volto a lembrar o que é explicado no site, somos apenas uma veiculo de divulgação, não ganho R\$ com programa de nenhuma menina e nem tenho interesse em colocar foto sabendo que seja fake.

Ser *fake* (ou ter um perfil virtual que não corresponde a sua identidade) é uma denúncia que paira sobre os participantes do fórum. Torna-se uma categoria de acusação. Desconfiam de postagens “muito elogiosas” das garotas e, tão logo um *fake* seja identificado pelo administrador do site, ele é banido do fórum.

Todas as páginas mostram quantos visitantes e quantos cadastrados no site existem *on line* no momento da navegação. E a administração lê todas as postagens. Alguns foristas são promovidos dentro de uma hierarquia do site, estabelecida em função da qualidade e quantidade de postagens. Os clientes promovidos ganham promoções em agências, bordeis e privês.

Ser “putanheiro” e forista neste site implica então numa interessante ritualística masculina. Saem com as garotas, classificam-nas através de seus relatos, indicando se vale a pena ou não sair com elas de novo. E protegem-se contra os *fake*; o perigo da prostituta que assume voz no site fazendo-se passar por um cliente.

São interessantes, os relatos dos programas, para identificar as expectativas masculinas a respeito de como deve ser o desempenho das garotas: se é “completa”, se é “liberal ou

burocrática”, podendo ser “burocrática” entendida mais ou menos como “mecânica”, conforme explicado no capítulo anterior.

Definir e classificar as mulheres, ao mesmo tempo em que denota uma estratégia de controle masculina dentro de uma espécie de conflito de gênero em que homens clientes estabelecem uma parceria para falar das prostitutas, assim como elas fazem entre si, indica também um entendimento de que as prostitutas *são* de determinada maneira e não tábula rasa dos desejos dos seus clientes, iguais e perfeitamente substituíveis umas pelas outras. Vejamos um destes relatos:

Depois do relato meia boca com aquela gaúcha, retornando a Casa Tal, fiquei de papo furado com as meninas no salão até que encontrei a Giovana, morena linda de óculos, um corpo gostoso de menina, deve ter seus 24 anos, flor da idade, mas muito safada! Na cabine foi logo abocanhando a minha rola com uma cara de safada que me deixou com vontade de gozar na sua boca, mas não, consegui segurar... sentou na pica como uma cachorra, fode para caralho a vadia! Muito safada! Não pedi o cu porque prefiro a boceta, quem sabe na próxima vez... nota dez para ela! Vale o repeteco, valor total: R\$ 520. Viva as novinhas!

Existem prostitutas melhores e piores aos olhos de cada cliente. E elas possuem certas qualidades individuais. O que não se confunde com as qualidades individuais que motivam um amor romântico, obviamente. Um cliente pode encontrar uma garota de programa que trabalhe de acordo com seu gosto, sair com ela durante um tempo, e depois querer sair com garotas diferentes, justamente porque elas não são todas iguais. Há ainda relatos de campo de homens que saem com as mesmas mulheres há anos, chegando a confundir-se, em determinados momentos da vida, os programas com relações afetivas tradicionais entre esses homens e mulheres.

O que importa por ora é a ideia de uma “confraria” de “putanheiros”, que distingue e aprecia as prostitutas enquanto tais, em sua individualidade. Um cliente de Giovana e de outras amigas dela contou-me que faz parte um grupo numa rede social chamado “confracudência”, onde os amigos compartilham pornografia e informações sobre o universo da prostituição carioca. Na ocasião contou-me que os amigos estavam todos lamentando, naquele dia, o fechamento de um bordel de luxo tradicional da cidade. Um dos amigos comentava, segundo ele, que tinha “construído sua identidade sexual naquele cabaré”.

Mas a identidade de “putanheiro” não se constitui sem conflitos. Se em sua “confraria” os homens celebram seu gosto por sair com prostitutas, quando conversam com uma pesquisadora revelam muitas vezes um sentimento de vergonha e referem o próprio consumo da prostituição como um vício. Proliferam, em campo, relatos como o que segue:

Eu prometo para mim mesmo que não vou voltar mais na Casa Tal e quando vejo é sexta-feira e eu estou lá de novo. Gastando aquele tanto de dinheiro com uma coisa que eu sei que não é de verdade. Quer dizer; aquelas mulheres não querem ficar com você. Elas ficam só pelo dinheiro.

Entendemos então que existe uma crise vivida pelos clientes habituais de prostitutas, provocada por uma expectativa social de que as relações afetivo-sexuais sejam pautadas num amor romântico ou num “sincero interesse” entre as pessoas. O interesse material não é legítimo, neste contexto, para a mulher. E descredibiliza a relação estabelecida. Por outro lado, a certeza de que aquela mulher só é acessível para o sexo mediante o pagamento é fonte de muita angústia, mesmo para os consumidores regulares de prostituição.

Passamos então a nos perguntar como a ideia de vício pode estar relacionada ao segredo que os homens fazem do sexo prostituído que consomem. Vício e segredo possuem estreita relação, na verdade. O vício costuma ser mantido em segredo porque é implicado por um sentimento de culpa no estabelecimento da relação com a coisa que é objeto do vício. Ou seja, o vício se esconde porque se tem culpa dele. Não é a dose que explica o vício, pois o “pouco” e o “muito” são relativos. O vício, conforme passa a ser entendido a partir dos anos 70 (FERREIRA, 2012), é uma relação de dependência estabelecida com um determinado objeto (ou pessoa) que se torna prejudicial ao adicto. E não podendo passar sem seu objeto de vício, o adicto sente culpa ao se relacionar/ consumir tal objeto. É possível também que sinta raiva do objeto.

Carolina Branco de Castro Ferreira, mostra em seu trabalho sobre viciados em sexo, como o sentido do sofrimento é importante para os grupos que estuda. Esta dimensão está absolutamente presente em meu campo, em situações e discursos específicos dos clientes. A autora também coloca que:

A noção de adicção sexual também passou a incluir e a produzir, a partir das ideias de “perda de controle” e “incapacidade de manejar comportamentos”, noções como *masturbação compulsiva, heterossexualidade compulsiva, relações homossexuais, pornografia, prostituição, exibicionismo, voyeurismo, telefonemas indecentes, abuso sexual infantil, incesto, estupro e violência*.

No contexto norte-americano, o surgimento do campo da medicina da adicção e seus procedimentos de vigilância e advertências sobre o excesso, nos quais noções sobre temperança e abstinência se opunham diretamente às ideias de expansão e liberdade em relação ao sexo e suas práticas, veiculadas em maior ou menor grau no campo da sexualidade, dividiu profissionalmente o campo médico e *psi* sobre o tema (2012, p. 178).

Trata-se do nascimento de uma patologia. Lidos por este prisma, os “putanheiros” sofrem o estigma de réprobos sexuais, como as prostitutas, embora, como apontamos, sejam estigmas diferentes e que colocam ambos em lugares diferentes na sociedade.

Há no fórum um tópico intitulado “pérolas das GP’s” (abreviatura de “garotas de programa”), de autoria de um cliente. Passo a transcrever a primeira postagem, a formatação da citação segue a da postagem:

- 1 - "NOSSA QUE PAUZÃO, GATO"
(normalmente o dote em questão não passa do normal);
 - 2 - "VOCÊ MALHA?"
(normalmente uma pessoa de peso normal com uma certa barriguinha caída e sem nenhum músculo);
 - 3 - "VOU PASSAR UM CREMINHO PARA FICAR MAIS GOSTOSO, GATO."
(a mulher está seca como o deserto e sem a menor vontade de dar pra você);
 - 4 - "NOSSA, GATO, VOCÊ É UMA MÁQUINA"
(provavelmente o cara levou 1 minuto e meio para gozar e ela já está se vestindo);
 - 5 - "DEVE TER UM MONTE DE MULHER ATRÁS DE VOCÊ, GATO"
(tem tanta que o cara está pagando para comer a vaca);
 - 6 - "EU ATÉ FAÇO ANAL, MAS O TEU É MUITO GRANDE"
(novamente ela está te elogiando para não ter que dar a bunda para você);
 - 7 - "EU FIZ TUDO TÃO GOSTOSO, NÃO VAI ME DAR MAIS UM PRESENTINHO, GATO?"
(você pagou pouco pelo sofrimento que foi para ela);
 - 8 - "EU NUNCA TINHA FEITO ISSO COM NENHUM CLIENTE"
(ela faz com todo mundo);
 - 9 - "NÃO COMENTA COM SEUS AMIGOS QUE VOCÊ GOZOU NA MINHA BOCA"
(tradução: conta para todo mundo que todos vão querer sair comigo);
 - 10 - "OBRIGADA, EU NÃO BEBO!"
(normalmente elas bebem, cheiram, injetam, etc... mas por algum motivo (medo de você) ela achou melhor não beber);
 - 11 - "MEU PERÍODO É DE UMA HORA E MEIA"
(tradução: gozou eu vou embora);
 - 12 - "FAÇO ISSO PORQUE MEU PAI É DOENTE, E SÓ UM DOS REMÉDIOS CUSTA R\$400,00"
(tradução: fui criada no fim do mundo mas sou gostosa e a única maneira de ganhar o suficiente para montar um "salão" na minha cidade é ser puta);
 - 13 - "AI GATO, VOCÊ ACREDITA QUE EU GOZEI TAMBÉM?!"
(Nunca acredite, provavelmente você é o quarto ou quinto cara do dia a comer ela e ela só goza com mulher (99% são lésbicas e pegam bode de nós));
 - 14 - "ME CHAMA DE PUTINHA, GATO"
(não existe outra coisa que você falaria nessa hora , meu amor? Meu bem? Tem que ser minha puta mesmo);
 - 15 - "GATO, NUNCA DOU MEU TELEFONE PARA NINGUÉM"
(ela te detestou e você pagou pouco ou em cheque cruzado);
 - 16 - "ANOTA MEU TELEFONE, GATO"
(provavelmente tem em todos os sites caso contrário ela não te daria);
 - 17 - "NOSSA!!! ADOREI SUA CASA"
(deve estar uma puta zona e ser um flat que você usa só para meter);
 - 18 - "EU FAÇO EXAME A CADA 3 MESES"
(provavelmente nunca fez de medo, como a maioria de nós);
 - 19 - "SE MEU IRMÃO SOUBER, ELE ME MATA"
(o irmão é cafetão, motorista, fiador no flat e pega 50 % do valor).
 - 20- "VOCÊ NÃO É HOMEM DE UMA MULHER SÓ"
(para tirar seu sentimento de culpa por estar traindo sua esposa).
- Ago 21, 2003 9:56 pm

Passo agora a alguns comentários pontuais sobre a citação.

Em primeiro lugar, elogiar o pênis do cliente é de fato uma técnica utilizada pelas garotas de programa para ser amável e para melhorar a autoestima do cliente. Considere-se, contudo, que uma das sensações relatadas por Giovana numa entrevista para uma revista americana é de que depois que passou a fazer programas, passou a achar os homens mais bonitos, de um modo geral, quer dizer, seu padrão estético para a escolha de parceiros sexuais tornou-se mais permissivo. Isso nos leva a frase de número 2, quando a garota pergunta se o cliente malha, sugerindo um elogio ao seu corpo. Também, a presença do vocativo “gato”, em todas as frases, que assim como “amor”, representa uma forma de enaltecimento do outro, colocando-se estrategicamente numa posição de reverência.

Aqui mais uma vez aparece a concepção de performance como ato limiar entre o real e o encenado. Numa performance, embora exista um roteiro, lida-se também com o imponderável do instante em que se lhe executa, lançando-se mão do improvisado. Esta é, como temos indicado, uma técnica das garotas para conseguir extrair vantagens dos homens e para se proteger: utilizar uma espécie de autoconvencimento de que se quer transar com aquele homem.

Quando o cliente chama a garota de “vaca”, de “drogada”, de “mentirosa” e diz que ela vem de “um fim de mundo”, por sua vez, ele está expressando o conflito de gênero subjacente à prática da prostituição “de luxo” feminina que mencionei. Ele tem, neste caso, a mulher em baixíssima conta.

A propósito de vir de um “fim de mundo”, há um tópico no site intitulado “de que bairros vem as gps?”. E os clientes dizem que são do “subúrbio”, “da zona norte”, da “baixada fluminense”. Às vezes enumeram alguns bairros, como na postagem:

- 1- Duque de Caxias
 - 2- Nova Iguaçu
 - 3- Campo Grande
 - 4- São Gonçalo (elas falam Niterói mas a 80% das vezes é SG)
 - 5- Madureira
- Mai 12, 2008 5:08 pm

A maioria das garotas com quem pude conviver durante o tempo da pesquisa era, de fato, moradora das periferias da cidade, enquanto os clientes provinham, em sua maioria, da Barra da Tijuca e da Zona Sul da cidade.

Mas na postagem de 2013, o que mais chama atenção é a certeza que um cliente pode ter sobre como a mulher é, e que na verdade ela não diz ser ou sentir nada do que de fato é ou sente. Estas duas certezas, somadas, tornam mesmo o consumo da prostituição aflitivo e deprimente, para os clientes. Confirma, mais uma vez o princípio da adicção.

A autoimagem do cliente em questão não é das melhores: porte físico desinteressante, incapaz de despertar desejo ou de excitar a prostituta. A falta de excitação da prostituta no sexo com os clientes é, segundo este entendimento, em parte causada pelo desinteresse da mulher, em parte causada pelo fato de o cliente ser realmente indigno de seu interessante.

Não seria correto afirmar que o interesse da prostituta pela pessoa do cliente (afora o interesse profissional, pelo dinheiro recebido pelo serviço sexual por ela prestado) seja pouco importante para este último. É desejável que a prostituta sinta prazer sexual. E embora esta fantasia acene para os clientes como uma utopia distante, ela comprovaria a perícia sexual masculina.

Como utopia, o prazer sexual da prostituta fica contido nesta dimensão e o que se busca no programa passa a ser, de fato, a satisfação sexual do cliente. Sem os compromissos da família e da classe, o cliente pode permitir-se mesmo uma performance de ejaculação precoce, como na assertiva entre parênteses: “"NOSSA, GATO, VOCÊ É UMA MÁQUINA" (provavelmente o cara levou 1 minuto e meio para gozar e ela já está se vestindo)”.

Como esta questão dos prazeres envolvidos na transa reverbera para os homens é curioso de ser pensado. O prazer dela é de difícil concretização, embora seja almejado como um sonho, enquanto o dele está acessível, num momento (o programa) reservado ao alívio da tensão sexual acumulada pelas responsabilidades implicadas na posição social que se tem.

Ao mesmo tempo parece que os “putanheiros” só podem permitir-se um gozo mais livre de convenções sociais (convenções sobre o tempo ideal de sexo antes da ejaculação, por exemplo), com seu objeto de vício. Eles se dizem viciados neste sexo de reciprocidade buscada e nunca alcançada, neste sexo que “não é de verdade”, como disse o entrevistado na passagem supracitada.

E o fato de a prostituta fazer sexo com o cliente por dinheiro passa a ser, então, ao mesmo tempo, o que liberta o homem da tensão social contida na relação sexual convencional e o que o mantém refém desta mesma tensão por não ser um “sexo de verdade”. Pois se este “gozo livre” só é viável com o objeto de vício, ele vem fatalmente acompanhado de culpa.

Parece assim desenvolver-se uma raiva do objeto de vício, um tipo de ressentimento, uma relação de desconfiança e de disputa. A raiva das prostitutas pode tornar-se desta maneira um dos alicerces da relação que os clientes estabelecem com elas. O que pode conviver (e frequentemente convive) com o interesse e fascínio dos “putanheiros” por estas mulheres.

Voltando ao fórum, passo a transcrever outra postagem, também útil para observar o conflito de gênero que pretendo ilustrar agora:

Tem muita menina que o mesmo filho faz aniversário 4 ou 5 vezes no ano, né galera ???!!! Eu mesmo já fiz uns 3 aniversários dele.

Têm outras geniais das termas:

1."Aquele cliente ali faz 2 tempos comigo" (Sobe logo, seu pato, ou então me mando...);

2."Só subo se você prometer que vai comer meu cuzinho": (Quando eu virar de 4 pra esse pateta, ele não vai aguentar e vai soltar logo);

3."Estou quase gozando !!" (Frase que elas soltam a 2 ou 3 minutos do primeiro tempo acabar, para o mané dobrar o tempo, e elas vão gozar 3 minutos depois que o segundo tempo começa);

4."Vai fazer o que amanhã ?!" (Esse palhaço pensa que eu vou sair com ele amanhã no 0800);

5."Se eu tivesse dinheiro, subiria com você e ficaria a noite toda" (Seu Zé Ruela, não tem dinheiro para subir, se manda);

6."Tô com uma fome". (Pato, quero comer);

7."Com você é diferente" (Você é o mais pato dos patos);

8."Meu aluguel vence amanhã o segundo mês atrasado". (E uma vez, quase que eu, RA, pago o aluguel da GP dentro de uma suíte da 65. Eu estava com o cheque na mão).

9."Você tem que se resolver: eu ou ela". (Seu pato, quem vai morder o teu dinheiro hoje ?).

10."Seu telefone só deu fora de área no fim de semana. Você estava com quem ?". (O Prego ficou esperando uma ligação minha para sair comigo no 0800.... Ahahaha)

11. "Por que você não acredita em mim ?" (Esse furingo pensa que é esperto).

12. "Vou ao banheiro e já volto" (Sai pra lá, pentelho do inferno !!!).

Tem mais, muito mais... Mas, depois eu ponho....

Como diria um grande amigo:

"Eu tenho que mentir para elas, porque elas mentem para mim. Eu sempre digo que estou apaixonado, que quero namorar, ir ao cinema de mãos dadas, que vou casar com elas, aí elas me tratam melhor e me dão mais gostoso".

A este amigo, um forte abraço...

hahahahaha, "fazer um amorzinho gostoso" é clássica...

Galera, lógico que isso é uma brincadeira, uma anedota, uma alegoria, um passatempo, e que nem sempre é assim. Muitas vezes, acontece...

De toda forma: é melhor dividir filé mignon do que comer bosta sozinho...

Ter Out 12, 2004 1:41 am

Na percepção deste cliente, as garotas os consideram “patos”, “patetas” ou “palhaços” e a relação estabelecida entre elas e os clientes é pautada por mentiras mútuas. Essas mentiras passam por uma teatralização de sentimentos românticos, de ambas as partes, descortinados aqui pelo forista, que revela que, na verdade, as garotas de programa só querem o dinheiro e os homens só querem o sexo.

Os sentimentos românticos seriam então utilizados como corte, no flerte implicado no programa. Eles correspondem a uma determinada expectativa social que motiva as relações afetivo-sexuais entre homens e mulheres. No programa, como parece, esta expectativa não é abolida, antes cumpre uma função de aproximação das pessoas, como se houvesse um nível de interesse, considerado mais genuíno, que procura negar certas motivações imediatas dos encontros sexuais; como a satisfação física, o prazer e o dinheiro. Estes são entendidos como

não legítimos para o estabelecimento de uma relação “sincera”, embora, de fato, possam sustentar boas relações entre prostitutas e seus clientes.

E mais uma vez, o prazer sexual da prostituta aparece como questão, nesta última citação. O gozo das mulheres prostitutas é, para os homens clientes, objeto de interesse, dotado de grande mistério, sobre o que não há consenso. Nesta postagem, o cliente tenta adivinhar quando a garota goza, na postagem anteriormente citada, elas não gozam nunca nos programas, somente com outras mulheres.

O fato de a mulher gozar seria a prova real do prazer da mulher no ato sexual prostituído, para os homens e, logo, atestado da competência sexual dos mesmos. Por um lado, é recorrente a imagem da mulher “safada”, que adora fazer sexo, no imaginário masculino, quando se trata de uma prostituta. E isso tanto motiva certas fantasias quanto desmerece a competência sexual masculina que o gozo da prostituta poderia traduzir. Por outro lado, esta visão convive com uma imagem da mulher inexcitável, cujo gozo inatingível poderia atestar uma excelente performance sexual do cliente, expectativa que jamais se consuma.

Seja como for, o gozo da mulher costuma ser desejável e eventuais jatos de urina, quando da superestimulação do clitóris, podem figurar como materialização da sensação orgástica, tendo por modelo a resposta fisiológica masculina no momento do gozo sexual; a ejaculação.

Benítez mostra em seu trabalho sobre os bastidores do filme pornô brasileiro as formas de visibilidade do orgasmo feminino neste universo, como os gemidos, gritos e palavras (2010, p. 142). O orgasmo dos passivos é então materializado através de signos sonoros, enquanto o orgasmo do parceiro ativo pode ser visualmente apreendido. Isso faz com que o orgasmo das mulheres careça de concretude, criando uma lacuna que pode ser preenchida mais ou menos livremente pelos desejos dos parceiros, ou pelo juízo do expectador. E assim o orgasmo feminino no mercado do sexo passa a ser, antes de mais nada, fruto da imaginação dos consumidores.

Mas a associação entre prazer sexual e orgasmo tampouco é necessária, como demonstra a fala de uma informante: “Uma das poucas vezes que eu gozei fazendo programa foi com um cara gordo, nojento, eu nem queria gozar, mas ele me chupou tanto, tanto que foi por atrito”. A associação entre prazer e orgasmo não é necessária somente porque pode haver prazer sem orgasmo, mas também porque, como a fala da garota revela, pode haver orgasmo sem prazer.

Giovana, ao ouvir a afirmação da colega, coloca outra questão: “Ai... eu acho que então eu sou muito piranha (risos). Porque eu gozo várias vezes nos programas, gozo em vários programas, com vários caras: feio, bonito, gordo, magro...”. Poder-se-ia atestar, a partir daí,

uma expectativa da nossa protagonista de correspondência ao modelo da *femme fatale* insaciável e que ama fazer sexo. Este padrão possui grande aceitação nos discursos de defesa da prostituição como profissão, assim como nos que propalam a imagem de uma “mulher liberada”.

Se este modelo pode ser tão conformador quanto as imagens que compõem o machismo mais retrógrado é uma questão a ser pensada. De minha parte, penso que o imperativo do gozo feminino aparece muitas vezes, nos tempos de hoje, como grilhão que mantém as mulheres reféns dos desejos masculinos.

Mas se o gozo da prostituta é almejado pelos clientes (ainda que com pouca esperança de se realize), parece haver, como já aponte, uma evitação do contato com os fluidos corporais de outros homens, dos quais o corpo da prostituta pode ser veículo e suporte. As “meninas” dos bordéis lavam-se muitas vezes numa mesma noite, no quarto, depois de cada programa e no vestiário, outra vez, antes de ir para o salão. Essa é uma regra que, como todas as demais que regulam este universo, possui desvios.

Assim é que ouvi certa garota dizer no vestiário: “Eu não tomo banho não... vai me comer com o cheiro do outro! Eles gostam.” Esta garota confirma a estratégia relacional de “passar o outro para trás” nos seus programas, acreditando que é isso justamente que mobiliza os interesses dos homens ali: “eles gostam!”, ela diz.

Como estive focada nas garotas, só recentemente percebi que os homens clientes utilizam lógica semelhante para se relacionar com elas. “O cara que esperto”, diz um cliente, “chega cedo no bordel e não sobe para fazer o programa, apesar da pressão das garotas. Ele fica a noite inteira curtindo a companhia de todas as que se apresentam para ele.”

Para as garotas, o cliente que demora a subir é considerado um mau cliente, sendo apelidado de “cliente pentelho”, “fariseu”, entre outros. E muitas mulheres evitam este tipo de cliente. O cliente então tem que equacionar estes elementos: ficar o máximo de tempo no salão e não cair na antipatia das garotas, o que pode colaborar para fazer uma negociação entre estes termos é pagar comida e bebida para as mulheres, de preferência para mais de uma, fazendo depois um programa mais longo, na melhor suíte da Casa. De todo jeito, não é bem visto entre as prostitutas, o cliente “segurar a garota no salão até o último minuto antes de Casa fechar”. Elas frequentemente se queixam no vestiário que certo cliente “não sobe de jeito nenhum”.

Estas reflexões, que passam pelos interesses e expectativas mútuos que alicerçam os programas, focadas aqui na ótica dos consumidores de sexo prostituído, nos levam a pensar, finalmente, no que os clientes esperam das garotas de programa, como as veem: se as veem como objeto de consumo ou se as consideram sujeitos, por exemplo - preocupação da discussão

feminista a respeito da prostituição; a medida da objetificação da mulher na atividade prostitucional.

Creio que seja lícito afirmar que tanto o reconhecimento como pessoa quanto a objetificação ocorram concomitantemente, sem que um acarrete a exclusão do outro. O que devemos pensar antes seria se não é exatamente esta convivência de interesses que motiva mesmo muitas das relações não prostituídas entre homens e mulheres.

Ajustando o foco antropológico para a análise desta questão, é necessário ter em conta que o que os clientes esperam das prostitutas varia imensamente. Como dizia Gabriela Leite, “vender fantasias” ou “alugar fantasias” é um trabalho muito minucioso. Alguns querem companhia para conversar, donde surge a imagem da garota de programa como “terapeuta”. Alguns querem apenas praticar um sexo livre de responsabilidades relacionais de certo tipo. Outros querem aprender ou testar suas próprias virtudes técnicas na prática sexual.

O “bom atendimento” da garota é, pois, muito subjetivo. E a prostituição “de luxo” aparece como um mercado plural onde há espaço para satisfação de interesses de muitas ordens.

6 SOBRE OS SITES E BORDEIS “DE LUXO”

Cada um dos meios pelos quais as garotas acessam seus clientes (sites, rua, bordeis, “fichas rosa”, boates, etc.) possui características específicas e cria uma rotina de trabalho particular. Em função do meio/ local de trabalho escolhido pela garota, também se alteram os ganhos, os riscos, a quantidade de programas, o tempo de trabalho, os efeitos do estigma, que se manifestará de formas diversas, e as maneiras de enfrenta-lo. Muda ainda a relação que se estabelece entre garotas e clientes; o processo de sedução, os termos da troca comercial ou da parceria contratual acertada entre ambos.

Concentrei meu trabalho de campo na observação de sites e bordeis, deixando de lado os agenciamentos feitos pelas cafetinas, apenas superficialmente pesquisado e a prostituição em boates, além de outras formas ou canais menos tradicionais de contato entre vendedoras e consumidores de sexo pago, no circuito da prostituição considerada “de luxo”, como os *blogs* e a prostituição com homens das próprias redes de relações das garotas.

Nos bordeis há mais claramente o estabelecimento de uma rotina de trabalho, com horários fixos e comportamentos prescritos pelo regulamento da Casa; há uma “zona” de prostituição, com dimensões espaciais, cujas finalidades estão voltadas muito diretamente para a prática prostitucional. Isso é diferente para as *call girls*, cujo ambiente de sedução e negociação com os clientes não é físico: os homens escolhem as garotas pelo ensaio de fotos publicado no site e tratam com elas diretamente por telefone, sem nenhum intermediário, a respeito de valores e serviços.

Através do trabalho de campo pude constatar a formação de cadeias de relações particulares, implicadas no trabalho prostitucional nos sites e nas Casas também, bem como as maneiras pelas quais estas redes são tecidas em ambos os casos.

Nas Casas há uma divisão do trabalho protagonizada por múltiplos personagens que compõem a cena do bordel: recepcionistas, gerentes, donos das Casas, *barmen*, garçons, cabinárias, cozinheiro, seguranças, taxistas, faxineiros, manobristas de elevador, ginecologista, *dj*. As garotas de programa se relacionam enquanto tais com todos estes agentes. E com cada um deles, estabelecem um tipo de relação, organizado por posições de status que criam certas hierarquias e orientam os comportamentos.

Ou seja; em relação aos donos dos bordeis, as garotas estão posicionadas como empregadas para seus patrões, já com os taxistas ocorre praticamente o inverso já que são eles que prestam serviço para estas mulheres. Os motoristas profissionais parecem enxergar a profissão de prostituta aureolada por um certo glamour, uma vez que estas mulheres são

consumidoras regulares destes serviços, dão gorjetas e, via de regra, possuem um poder aquisitivo muito maior do que o deles.

Numa das Casas onde fiz campo, o cozinheiro vivia a passar cantadas nas prostitutas, elogiando-lhes a beleza e os corpos, convidava algumas para ir com ele em festas e rodas de samba. Não soube de nenhuma garota que tivesse de fato aceitado seus convites, mas elas manipulavam os interesses do cozinheiro para passar mais tempo na cozinha quando não queriam voltar ao trabalho, para jantar quando o limite de garotas na cozinha já estava completo e angariar pequenos favores deste tipo.

Noutra Casa onde pesquisei, o *dj* nutria certa antipatia pelas “meninas”, com exceção de algumas que elegera como amigas. Assim também eram as duas faxineiras deste bordel, que quando iam limpar um quarto utilizado para um programa, faziam às gerentes reclamação das “garotas porcas” que deixavam o preservativo masculino usado jogado no chão do quarto ou em cima da cama. Nestas situações, a garota era localizada na Casa através da comunicação dos funcionários pelos telefones existentes em todos os ambientes e pelo sistema de monitoramento de câmeras. E era convocada para voltar ao quarto para apanhar o preservativo e jogar, ela mesma, na lata do lixo. Se houvesse sêmen nos lençóis, por exemplo, não havia problema em as faxineiras recolhê-los. Mas nos preservativos usados elas não tocavam. Seu descarte era considerado responsabilidade das garotas de programa, como parte das suas atribuições no trabalho.

Num dos bordeis, que tinha seis andares e um elevador, a manobrista ficava lisonjeada com as cantadas de alguns clientes. Tinha uma idade próxima a das “meninas” e não raro comentava com elas sobre algum cliente que considerara mais charmoso. Para ela, a prostituição não era uma possibilidade muito distante.

As recepcionistas, também mulheres jovens e mais ou menos enquadradas no padrão estético ideal para as prostitutas, viviam a bajular as garotas de programa. Ganhavam por volta de 1.400 Reais por mês, cumprindo uma jornada que podia chegar a doze horas de trabalho/dia. Uma delas passou a fazer programas em São Paulo ao final da pesquisa, depois que se tornara amiga de uma das “meninas” da Casa.

Já as mulheres não prostitutas que trabalham nos vestiários dos bordeis mantém com as garotas de programa uma relação muito próxima. São elas: a gerente e a cabinária. Ajudam as prostitutas a se vestirem, maquiarem e se prepararem para a jornada de trabalho.

A figura da gerente merece destaque, já que é dotada de autoridade entre as “meninas” podendo dispensa-las de um dia de trabalho, permitirem sua saída antes que o horário regular do expediente seja cumprido, em determinadas situações. Também regulam o comportamento

das prostitutas na Casa, orientando sobre as etiquetas daquele estabelecimento em cada situação. Fazem os pagamentos no final do dia ou da semana de trabalho e aplicam multas por faltas não justificadas. É a gerente quem decide se a justificativa para uma falta em um dia de trabalho será aceita ou penalizada com multa.

Já nos sites, as cadeias de relações das garotas são constituídas pelas fotografias dos ensaios que são publicados na página especializada em anúncios de garotas de programa e os taxistas que levam as garotas para os programas, além dos próprios clientes. Uma *call girl* que trabalha nestes sites “de luxo” pode atender seus clientes em motéis e hotéis ou em suas próprias residências (dos clientes). Ou pode ainda atendê-los em privês, que são flats ou apartamentos alugados em áreas nobres da cidade para a realização dos programas. Na maior parte dos casos duas ou mais garotas dividem um mesmo privê e passam a morar nestes locais.

As informantes desta pesquisa que trabalhavam como *call girls* eram, na maioria dos casos, mulheres que “não tinham local próprio”, como se diz no jargão nativo. Ou seja, mulheres que atendiam os seus clientes circulando pela cidade de taxi até os motéis de preferência dos interessados. O trabalho nos sites, pois, nos diz muito sobre uma certa forma de circular pela cidade. Pois esta circulação permanente das garotas pelos motéis, hotéis e residências dos clientes implica numa classificação dos lugares por onde se pode transitar em “bons” e “ruins”, considerando que sejam menos, ou mais perigosos para a garota, oferecendo-lhes determinado grau de exposição aos riscos. E ainda, considerando que sejam mais ou menos luxuosos, revelando o poder aquisitivo dos clientes com quem elas tratam.

Há garotas que trabalham somente em sites, outras, somente em Casas, outras ainda experimentam as duas maneiras de trabalhar com prostituição. Nestes casos, a maioria das “meninas” começa a fazer programa profissionalmente (depois de trocar sexo por dinheiro e/ou favores em suas redes pessoais) num bordel, para depois aventurar-se num site, pois é preciso estar mais escolada na prostituição para trabalhar como *call girl*.

Isso porque na Casa se ganha menos por programa, tem-se maior restrição de horário, podendo-se passar o dia “presa” no trabalho sem faturar com nenhum programa, caso a garota não seja escolhida por nenhum cliente no salão. Mas no site se trabalha por conta própria, e pode se tornar muito arriscado fazer programa dessa maneira. “Você só sabe quem é o cara quando abre a porta do motel, às vezes nem assim...” O bordel oferece então mais segurança, além de a garota ter a oportunidade de escolher entre abordar este ou aquele cliente no salão. A Casa tem toda uma estrutura de controle do tempo de programa (LOPES, 2015) que dificulta possíveis violências físicas dos clientes contra as prostitutas.

O bordel oferece então segurança, segundo as garotas, o site, maleabilidade de horário. O site oferece uma exposição de certo tipo, muitas vezes considerada mais grave pelas garotas, já que “qualquer um pode ver suas fotos e saber que você é puta”. Elas acreditam controlar melhor a informação sobre o estigma num ambiente físico, onde podem esconder-se na presença de conhecidos, enquanto nos meios em que a negociação ocorre em ambientes virtuais, os riscos de encontrar o “pai” na situação de programa seriam amplificados.

Passo agora às narrativas etnográficas do trabalho de campo nos sites e bordeis pesquisados.

6.1 Sites

“Minha primeira experiência como gp foi num site de acompanhantes de luxo”, conta Giovana.

Uma amiga anunciava lá e me sugeriu o site. O site que anunciei primeiro funcionava assim: a garota pagava 400 Reais por um ensaio fotográfico nu, com fotografias próprias do site. As fotos eram tratadas em uma semana e exibidas no site durante dez dias para a menina experimentar a demanda de clientes deste site. A garota tinha a opção de mostrar ou não o rosto nas fotos.

A maioria não mostra o rosto nas fotos do ensaio para não ser reconhecida por parentes e amigos. Jogam o cabelo por cima da face, valorizam ângulos em que o rosto não fique em evidência ou embaça-se a imagem do rosto através de recursos do *photoshop*. Geralmente as meninas que mostram o rosto nas fotos vêm de outros estados. Os clientes costumam preferir as “meninas” que mostram o rosto, porque assim podem escolher a que mais lhe apraz e minimizam os riscos de uma surpresa desagradável. Logo, as “meninas” que mostram o rosto assumem mais drasticamente a identidade de prostitutas e ganham mais trabalhos (programas) com isso, o que mostra que assumir o estigma não tem apenas uma função deletéria da identidade, mas que, em determinadas circunstâncias, representa uma vantagem para a garota de programa.

Depois dos dez dias nos quais a “menina” “experimentava o site”, ela passava a pagar 300 Reais por semana para manter suas fotos ativas. “Na semana que você não quer trabalhar, simplesmente não paga aquela semana, se estiver menstruada, por exemplo”. Nos bordeis, as mulheres são obrigadas a trabalhar menstruadas, como vimos. Não recebem dispensa do trabalho nestes dias e utilizam a técnica de ocultação da menstruação através do estancamento do sangramento com chumaços de algodão, introduzidos na vagina.

É comum, nestes sites, a “menina” cobrar, em média, pelo programa de uma hora, o equivalente ao valor cobrado pelo site por uma semana de anúncio das fotos. Na verdade, nos sites, são as “meninas” que definem seu cachê. Mas não é recomendável destoar demais de certa faixa de preços, cobrada pela maioria das “meninas” que anunciam suas fotos ali.

Então, neste site, que não é o site mais conceituado, mas o segundo site mais caro do Rio de Janeiro, as “meninas” cobravam em torno de 300 Reais a hora do programa, mais o valor do taxi de ida até o motel onde iam encontrar os clientes ou à residência dos clientes. É comum também ganharem gorjetas generosas dos clientes de sites, o que não acontece tanto em bordeis, já que a Casa media o pagamento entre garotas e clientes.

Depois de ler a política de contratação do serviço deste site, enviei fotos tiradas com meu celular do meu rosto e corpo, para que os administradores avaliassem se eu podia anunciar ali. Fui aprovada. Liguei então para o site e marquei o meu ensaio de fotos. Era um antiquário no Recreio dos Bandeirantes. As fotos eram feitas num jardim nos fundos da propriedade e o antiquário ainda alugava as peças à venda para as “meninas” que quisessem incrementar suas fotografias, dando-lhes um tom “retrô”.

No dia do ensaio, ao deparar-me com o antiquário, pensei ter anotado o endereço errado. Já ia ligar para as fotógrafas quando a senhora que estava na bela loja de objetos antigos veio em minha direção e perguntou: “veio para o ensaio?” Assenti com a cabeça e fui conduzida por ela até uma pequena sala, onde duas “meninas” esperavam. Havia um cabideiro com assessórios para uso livre; cordões, lenços, chapéus... Uma das “meninas” escolhia algumas bijuterias que usaria em suas fotos, a outra estava sentada no sofá e olhava o tempo todo para o celular, impaciente. Essa última tinha muitas tatuagens pelo corpo. Uma delas era uma frase, no braço esquerdo, dizia: “Senhor, se eu me perder, por favor, vem me salvar”. Ela atendeu uma chamada do seu telefone. Eu passei a prestar atenção.

Oi amor!... Tudo bem sim. E você?... Ah! Que bom que você gostou!... Daqui há uma hora?...” [Examinou o relógio de pulso]. “Não, impossível amor. Só às 17h hoje... Pode ser na Barra... Não, eu sou linda, sou desse jeitinho mesmo, não tem *photoshop* nenhum no meu ensaio.

O uso do *photoshop* nestes ensaios e tudo que gira em torno deste uso merece atenção. Geralmente os sites considerados melhores e mais luxuosos, os que anunciam programas mais caros, utilizam pouco este recurso ou não utilizam. O que revela um purismo que nos mostra que estes sites “de luxo” são mais voltados para consumidores regulares de prostituição “de luxo”, os “putanheiros”.

Porque os sites que utilizam muito *photoshop*, ao apresentar mulheres “perfeitas”, terão obviamente mais receptividade entre um público mais leigo neste universo. No entanto, os amantes da prostituição, frequentadores de fóruns virtuais sobre o assunto, consumidores habituais destes serviços, sabem em qual site o ensaio fotográfico exibido como anúncio corresponde mais fielmente à garota de carne e osso, que encontrarão quando abrirem a porta do quarto de motel.

Dentre estes sites de acompanhantes do Rio de Janeiro considerados então mais sofisticados pelos clientes, certas alterações das fotos são, contudo, entendidas como aceitáveis ou compreensíveis. Quando do apagamento de tatuagens, por exemplo, uma vez que as tatuagens ajudam a identificar a mulher prostituta, podendo colocar em risco o sigilo a respeito de sua profissão. Assim também são admitidas as alterações de *photoshop* que apaguem certas marcas no corpo como cicatrizes e sinais, pelo mesmo motivo.

As fotógrafas, às vezes, modificavam ainda ligeiramente as dimensões do corpo da modelo, afinando-lhe a cintura, apagando certas dobras da pele que revelam gorduras localizadas, diminuindo o nariz ou intensificando a cor dos cabelos. Havia um limite impreciso a partir do qual essas correções de *photoshop* passavam a configurar, para os clientes, uma propaganda enganosa das prostitutas.

Mais tarde, a moça de quem eu vinha falando, me disse que solicitava que apagassem com o *photoshop* todas as suas muitas tatuagens para não ser reconhecida. Perguntei se alguns clientes não se chateavam quando a viam. Poderiam não gostar de mulheres tatuadas. Ela pareceu ligeiramente ofendida com minha pergunta e respondeu que sempre gostavam dela porque ela era muito bonita. E como se entendesse que eu era uma forasteira naquele mundo constituído pelo estúdio fotográfico de um site de “acompanhantes de luxo”, me orientou: “ninguém nunca me mandou embora, gata. O cara pode me mandar embora. Mas tem uma coisa; meu taxi pelo menos ele vai ter que pagar. Sabe disso ne? Se mandarem a gente embora, a gente pode pedir o do taxi”. Isso era uma das etiquetas que regulavam a prática prostitucional de luxo.

Tal qual o código segundo o qual uma prostituta não aborda um cliente acompanhado de outra, essa regra dizia que os homens que não gostassem das *call girls* contratadas quando as vissem pessoalmente, deveriam pagar o valor do deslocamento de taxi até o local do programa. Estas etiquetas mostram, mais uma vez, que a prática prostitucional obedece a certos códigos sutis de conduta. Afastando-se da ideia de um universo anárquico.

Entrevistei um cliente que dizia ter ficado com Giovana por pena, pois não gostou do seu porte físico musculoso, quando a vira no motel. E notei que podia ser um embaraço para o

cliente ter que mandar a mulher embora, nestas circunstâncias. Pagar o taxi, assim, representava uma forma de negociação, de agenciamento, por parte dos clientes, do constrangimento implicado em dispensar uma garota contratada.

Depois que fiz as fotos, elas deveriam estar expostas no site na semana seguinte. O pagamento pelo serviço das fotos, fiz em mãos, às fotógrafas, no dia mesmo do ensaio.

Mas na semana seguinte minhas fotos não foram publicadas na página e as fotógrafas não atendiam às minhas ligações. Passei dias tentando contato telefônico sem sucesso. Estava chateada pensando ter gasto em vão o dinheiro do ensaio, foi quando contei o problema a Giovana e ela interveio. Ligou do seu celular para o telefone de uma das fotógrafas, que logo atendeu. Giovana era conhecida delas. Nos circuitos da prostituição de luxo, o dinheiro e os símbolos de status são importantes reguladores das relações. E por isso, as fotógrafas a tinham em alta conta pela frequência com que contratava seus serviços, utilizando cenários diversos e peças sofisticadas para incrementar os ensaios, como helicópteros e limusines. Giovana dizia que fotos sempre novas atraíam novos clientes e despistavam os clientes conhecidos indesejados.

“Oi amor!” Ela disse ao telefone. “Eu tô aqui com a Natânia e ela ta super chateada porque as fotos dela ainda não tão no ar.” Passou um tempo em silêncio, revirando os olhos em tom de cansaço, provavelmente estava ouvindo alguma explicação para o atraso na publicação das fotos. “Entendi, amor. Não tem problema não. Eu tô ligando porque eu que recomendei o site pra ela, falei que vocês eram de confiança, que faziam fotos lindas e tal... e ela fez esse ensaio só para conhecer mesmo. Porque daqui há uns dois meses ela tá querendo fazer um ensaio na praia... uma coisa mais glamour, sabe...” Mais um tempo em silêncio. “Ah! Hoje ainda? Ótimo!” Desligou triunfante.

Durante toda a ligação, Giovana usara um tom de voz caricatamente arrastado e anasalado. Tratava a fotógrafa por “amor”, assim como quando falava com os clientes. E assim como aos clientes, tratava de seduzir sua interlocutora com elogios e promessas. No mesmo dia as fotos foram publicadas no site.

Eu estava na mesa de jantar com meus pais e o telefone celular tocou. Não percebi de pronto que era a linha que eu havia comprado para o anúncio, cujo chip estava no mesmo aparelho que eu usava para contatos pessoais. Então atendi.

Do outro lado uma voz masculina disparou: “Oi gata! Tô aqui de pau duro vendo suas fotos. Você faz anal?” Desliguei assustada e lancei um olhar para o meu pai. Estava silêncio na sala. Ele teria ouvido a voz do cliente? Logo deixei a mesa e fui olhar a página de acompanhantes. Estavam lá as minhas oito fotos nua. Em vermelho, acima do meu “nome de

guerra” piscava a frase: “nunca antes anunciada”, que Giovana prometera que me renderia muitos clientes interessados.

O “telefone do mal”, como as garotas chamam a linha utilizada para fazer contatos com os clientes, não parava de tocar. Estimo que tenha recebido entre trinta e cinquenta ligações por dia, durante os dias que minhas fotos ficaram expostas. Foram muitas ligações nos primeiros dias, e nos dias subsequentes a procura dos clientes foi diminuindo.

Todo o tipo de abordagem acontecia. Desde as mais sóbrias até as mais ousadas. As garotas consideravam melhores as abordagens mais sutis, mais respeitosas e objetivas. Eram estes os homens selecionados por elas como clientes. Seguindo esta orientação sobre o que seria uma abordagem adequada, escolhi alguns interessados e expliquei sobre a pesquisa, pedindo em seguida para marcarmos uma conversa. Alguns poucos aceitaram.

Giovana trabalhava no site mais conceito de *call girls* do Rio de Janeiro. Neste site minha principal informante cobrava 500 Reais por hora, mais o dinheiro do taxi. Geralmente, com poucas semanas de anúncio, a “menina” fideliza uma clientela que passa a sair com ela regularmente. “Aí tudo se torna mais fácil, porque o mais assustador em fazer programas é sair com desconhecidos completos. Se bem que os conhecidos também cansam a gente às vezes”.

A meu ver, sair com desconhecidos pode apresentar dois perigos: o perigo da ameaça física (numa situação de difícil manipulação, já que a garota não conhece o cliente) e o perigo de encontrar um conhecido de sua rede pessoal ao abrir a porta do quarto, o medo de encontrar o pai, no limite. Estamos falando, neste caso, do perigo de uma exposição que conduz a uma má reputação. Estamos falando então do perigo das oportunidades que se perdem, ou da limitação de possibilidades sociais que se processa quando assim é qualificada a reputação de uma mulher.

O medo de encontrar o pai é ao mesmo tempo o medo de sofrer violência (em sentido largo: física, simbólica, emocional/ psicológica...) por conta do estigma, e o medo do refreamento da vida social que do estigma decorre. Muitas vezes, na verdade, violência e limitação das possibilidades de vida do estigmatizado se confundem numa mesma atitude de exclusão sofrida por ele. Fazer o programa é, por estes motivos, perigoso.

Além de todos estes pesares, a relação sexual com um desconhecido, pela solidão do contato, pela proximidade física e intimidade do ato, num contexto de estigma, vulnerabilizam a prostituta à violência física, inclusive. Não que esta forma de violência seja mais grave que as demais, mas creio que estas mulheres estejam mais blindadas contra outras formas de

violência do que contra esta. Geralmente há um dispositivo emocional desenvolvido pelas garotas que as protege contra ataques de natureza imaterial.

Giovana, por exemplo, diz a respeito de seu primeiro programa: “Eu não chorei, eu não pedi para parar, eu não voltei correndo pra casa...”. Existe uma força nisso, uma fibra emocional que é elaborada conforme a necessidade e a experiência. Trata-se de uma flexibilidade moral que constitui a pessoa da prostituta quando da sua atuação, em seu ofício. Como se fizesse um manequim de cintura, a prostituta se esquivava dos ataques morais e psicológicos que muitas vezes compõem as próprias fantasias dos seus clientes.

Giovana conta sobre como lidar com o sadismo de certos clientes. Um deles perguntou o nome de seu namorado na hora do sexo. Ela disse qualquer nome. Ele dizia que estava “comendo a mulher do Fulano”. Que “a mulher do Fulano parecia uma moça da sociedade, mas era uma putinha sem valor”. Giovana deslizou o sentido das afirmações que davam prazer a este cliente para o sentido dos tradicionais xingamentos entre os parceiros na hora do sexo: “vadia”, “filho da puta”, “cachorro” ou “cachorra”, etc... Encarou assim –me contou. E não perdeu a pose. Fazia cara de prazer durante o ato. E ao mesmo tempo, contou-me; tinha vontade de rir do homem que exibia seu prazer em atingi-la usando o nome errado do seu namorado, “cheio de convicção” (risos).

Noutro caso, deu-se que um cliente de uma cafetina, terminado o programa, não queria deixar a garota ir embora da sua casa. Giovana então começou a ficar em pânico e logo percebeu que o seu estado de pânico dava prazer ao cliente. Passou então a simular um medo maior do que o que sentia, segundo ela. Isso satisfaz o cliente depois de pouco tempo, que então a deixou partir.

Ela escapulia dos ataques emocionais. Ria dos meus medos. Era corajosa e versátil. Ou talvez por ser tão versátil, me parecesse corajosa. Ela se adaptava às situações, mesmo às de maior risco. Lia bem seus interlocutores e improvisava respostas que a resguardavam sempre e colocavam numa situação de vantagem. Essa virtude é necessária à garota que trabalha através de sites, e de certa forma, a todas as prostitutas.

Acertar uma troca comercial de tipo tão especial com um desconhecido por telefone, sem ao menos contar com seus sinais corporais e sem nenhum respaldo legal é uma tarefa delicada. Desenvolve-se assim uma habilidade de reconhecimento toda própria, contando apenas com uma conversa ao telefone. Giovana dizia a respeito de seus acertos de programa por telefone:

[...] se o cara for um babaca eu dispenso. Não tem dinheiro no mundo que pague o risco de ficar com um cara que pode te ferrar em algum sentido. Mas você não pode

ser grossa, tem que dar uma desculpa, dizem que vai viajar, que tá sem horário na agenda... você não pode deixar ninguém ficar com raiva de você. Cliente nenhum, que isso pode ser perigoso. Vai que ele manda alguém marcar contigo e fazer uma maldade [...]

A perícia implicada na administração dos riscos é digna de nota, na atuação profissional da prostituta que trabalha só. Evitar o enfrentamento buscando uma postura conciliatória é o que Giovana sempre procura fazer. Isso abre espaço para uma reflexão a respeito do lugar que estas mulheres passam a ocupar nas relações de poder orientadas pelo gênero na nossa sociedade. Afinal, pode-se pensar que as garotas de programa seriam sempre assim, e de bom grado, subjugadas por seus clientes, uma vez que o trabalho como prostituta seja tradicionalmente performado por estas mulheres através de uma posição de suplicantes nas relações que estabelecem com os homens.

Notamos, contudo, que se este papel, por um lado, reproduz e reforça estruturas de dominação de gênero, por outro lado, justamente por se tratar de uma performance, que tem seu flerte com o ficcional, empodera, através da manipulação racional de papéis socialmente prescritos. A subalternidade característica das relações profissionais que as *call girl* estabelecem com seus clientes é, acima de tudo, estratégica. E, ao contrário do que se poderia pensar, traduz-se, aparentemente, num meio de consumir suas próprias prerrogativas dentro das mesmas relações.

6.2 O ambiente enlouquecedor do “bordel de luxo” – Regulações e disputas

Certa vez Giovana me descreveu o ambiente do bordel como “enlouquecedor”. Disse que “nessa nossa profissão nós ficamos mesmo meio malucas”. As luzes coloridas na boate escura... o grande número de espelhos que refletem, um de frente ao outro, a imagem da garota até o infinito... as câmeras de segurança dentro dos banheiros sem portas... a rotina de disputa por clientes... o processo contínuo e obsessivo de higiene e embelezamento, depois de cada programa. Estes elementos concorrem para que o ambiente do bordel seja um ambiente de tensão para as garotas de programa, que passam o tempo todo se queixando das regulações da Casa em dias de muito movimento de clientes. Pois quando a Casa lota, sua engrenagem emperra.

Por exemplo; não se pode fazer *ménage a trois* num quarto simples (“cabine”). E quando a Casa está muito movimentada, as poucas suítes, onde é possível fazer programa com mais de uma garota ao mesmo tempo, ficam ocupadas. Daí o cliente que quiser sair com duas “meninas” tem que aguardar que desocupem as suítes. As garotas ficam inconformadas, porque perdendo

tempo, perdem a possibilidade de aumentar o número de programas naquela noite, logo, perdem dinheiro.

E também, quando o cabaré está vazio, as “meninas” queixam-se de não poderem ir embora para suas casas até o horário acertado para sua saída. Aspectos específicos das regulações da Casa se tornam visíveis, então, em função do movimento de clientes no bordel.

O bordel é um ambiente extremamente regrado. Faz pensar que a necessidade de conter a prostituição dentro de certos códigos de conduta, ou de regular a atuação das prostitutas através de muitas normas, vem do medo que esta prática e estas mulheres podem engendrar. “A formulação estigmatizadora em torno da prostituição é uma construção ideológica para explicar a sua inferioridade e mostrar o perigo que ela representa”, intui Bacelar (1982, p. 11). Nos bordeis, é como se os corpos perigosos das garotas precisassem ser vigiados e controlados todo o tempo.

Consoante com minhas observações está a opinião de Rogério Araújo, que coloca que:

ao contrário do que pensa o senso comum, uma zona de prostituição não é um ambiente caótico e de permissividade total. Assim como em outros locais, as regras são estabelecidas e as infrações geram sanções, sendo interessante ressaltar que algumas dessas regras são expressões de uma moral convencional que se aproxima muito dos valores morais da sociedade como um todo. (2006, p. 14).

Assim é a regra sobre não se despir no salão. Como vimos, o ambiente do bordel é altamente conservador, sob diversos aspectos. Há um episódio etnográfico interessante de ser narrado a este respeito.

Os vestidos de ficar no salão, num dos bordeis onde fiz campo, tinham uma fenda lateral que ia até a altura da cintura. Por algum motivo a Casa passou a achar este modelo por demais devassado e passou a proibi-lo. As “meninas” tiveram que comprar novos vestidos de atendimento sem as fendas laterais. O interessante é que, quando se olha o novo modelo de vestido adotado, a proibição parece motivada por um senso estético extremamente sutil, uma vez que o comprimento dos vestidos juntíssimos e decotados mal cobre toda a calcinha da mulher que os usa, e assim as fendas não me pareciam alterar grande coisa.

A nudez completa ou considerada exagerada não é permitida no salão também por motivos utilitários: não se pode instigar o cliente a ponto de sacia-lo no salão, sem que ele chegue a pagar o programa. Há que guardar certas práticas para o momento do quarto. No salão do bordel “de luxo” as moças devem mostrar certo pertencimento a moral da sociedade englobante, cujos limites, um tanto aleatórios, são estabelecidos pelas Casas e criam um perfil para cada estabelecimento.

As garotas devem então ser sutis na aproximação dos clientes no salão, não permitir que os homens lhes dispa e nem despi-los, embora estejam todos ali, seminus: os clientes de cuecas e roupão de banho, ou somente de roupão, as moças de lingerie, ou os tais vestidos curtíssimos e decotados.

Diversas regras regulam essa aproximação entre garotas e clientes. As mulheres não podem beber bebidas alcoólicas com os clientes, por exemplo. Não podem fumar na mesma varanda onde eles fumam. Não podem trocar telefones com eles.

Mas, por outro lado, no bordel existem técnicas que dinamizam e rotinizam o burlar destas regras e tais técnicas são elaboradas e transmitidas pelas garotas, umas às outras. Às vezes são ensinadas para as novatas pelos demais funcionários da Casa, ou mesmo pelos patrões e clientes. O próprio dono da Casa disse à Giovana que as prostitutas daquele estabelecimento usavam pedir suas bebidas alcoólicas no bar em copos de sucos com um guardanapo em volta para esconder o conteúdo. Os garçons as servem sem questionamentos, contanto que os clientes paguem as bebidas. Segundo o dono do estabelecimento, o que eles pretendem com este regulamento cujo desvio já se tornou praxe entre as garotas, é evitar que elas fiquem muito bêbadas no salão. “Só queremos evitar as Marias Tequila”, ele disse.

Assim também acontece com a regra que proíbe a troca de números de telefones com os clientes. Essa norma visa impedir que a Casa perca seus clientes, que assim passariam a fazer programas com as mulheres fora dali. Para as garotas “fazer um PF”, como elas dizem (abreviação de “por fora”), é bom porque podem ganhar mais, incorporando ao valor do seu programa o que o homem gastaria com a taxa de entrada no bordel e o aluguel do quarto.

Assim elas passam os seus números na surdina aos clientes de quem gostam, no quarto, onde estão a sós, ou mesmo discretamente no salão, por debaixo da mesa, colocando o número anotado em guardanapo nos bolsos dos roupões dos clientes, ou deslizando a mão onde escondem o papel dobrado pelas pernas dos homens, que furtivamente o recolhem.

Giovana pediu uma caneta à gerente no vestiário, uma vez. Queria anotar seu número para um cliente que havia pedido. A patroa olhou-a de soslaio e cedeu a caneta. Era uma provocação da garota. Como a gerente não dissera ou fizera nada além de lhe lançar aquele olhar enviesado, ela perguntou: “posso dar meu número para o cliente que está pedindo?” Então a gerente disse: “poder não pode, não. Mas a gente sabe que acontece. Tem é que ser discreta”.

Passei então a me perguntar sobre essa proliferação de regras e câmeras de vigilância no ambiente do bordel, que coexiste com a trapaça e fraude sistemáticas, reconhecidas e aceitas pelas autoridades das Casas. O que isto quereria dizer? Qual o sentido deste controle, que é ao mesmo tempo tão minucioso e tão frouxo?

Talvez estas normas tenham um sentido mais figurativo ou alegórico, estando relativamente abertas às negociações com a prática do trabalho das garotas que implica, às vezes, numa convivência das regras com os seus respectivos desvios. Em conformidade com as leis à brasileira, observadas por DaMatta (1997), não são necessariamente respeitadas, mas sua simples existência visa criar um ambiente ordenado e impedir a anarquia. Caso alguma “Maria Tequila” beba demais e crie alguma confusão no cabaré, a norma estará contra ela e pode acomodar a justificativa para que ela seja demitida do estabelecimento.

Ao mesmo tempo, quando há muito clientes no bordel, acirra-se a concorrência entre as garotas e não raro há discussões e acusações de uma estar tentando “roubar o cliente” da outra. Quando há poucos clientes, muitas “meninas” desistem de performar para os homens no salão e ficam sentadas em grupos nos sofás conversando, esperando a hora de serem liberadas para irem embora para suas casas. Eventualmente pedem dispensa mais cedo para a gerente, que consente ou não.

Uma moça dizia que a gerente da Casa a estava “persequindo”, e, por isso não a deixava fumar em horário de trabalho, como permitia às outras “meninas”. Havia um controle, neste bordel, do número de garotas fumantes no espaço reservado às meninas fumarem, espaço diverso daquele onde os clientes fumavam: uma varanda climatizada com plantas e iluminação indireta. Já as moças, fumavam num cubículo com instalações aparentes e onde ficavam as máquinas de gelo. Só podiam fumar ali até três garotas por vez, elas recebiam uma ficha para fazer este controle quando, no vestiário, pediam para “descer pra fumar”.

Há muitas disputas nos bordeis “de luxo” e o desavisado pode ver-se envolvido em querelas sem que assim o deseje. Rogério Araújo (2006) fala sobre como as garotas de programa são vistas como “quizumbeiras” ou brigonas e Gaspar (1985) fala sobre o recurso ao “escândalo” como técnica para precaver-se contra situações de violência. A sociabilidade dos bordeis estudados, de fato, passa por um estado mais ou menos sutil de hostilidade entre pessoas e grupos em desacordo, que se reconfiguram o tempo todo, em torno das situações que o cotidiano de trabalho vai colocando.

Giovana reclamava da outra garota que dissera para a gerente da Casa que ela a tinha beijado como recurso para seduzir um cliente (coisa que era proibida naquele bordel), quando na verdade --dizia a garota furiosa-- quem a tinha beijado era a própria garota que a acusava. Duas meninas no vestiário diziam que iam “arrebentar a cara” da rival, que estava sempre a lhes “roubar clientes”... estas brigas compunham o cotidiano das Casas.

As “meninas” brigavam por espaço nos armários do vestiário também. Criavam grupos de afinidades que se protegiam e entravam em relações de rivalidade uns com os outros. Alguns núcleos eram mais ou menos estáveis, mas estes grupos se rearticulavam com a alta rotatividade de garotas no bordel, que entram e saem da Casa o tempo todo.

Há diversas disputas entre as garotas de programa nos bordeis “de luxo” e geralmente, elas giram em torno do mercado de clientes. Se na cultura da dominação masculina as mulheres são consideradas objeto no mercado de trocas protagonizado pelos homens, no bordel, acontece uma complexificação deste modelo. Os homens são objetos a serem colecionados, conquistados, disputados, porquanto representavam dinheiro, competência profissional, prestígio e beleza para aquelas mulheres. Elas estavam ali com o intuito de ficar com o maior número possível de homens. Processo que, obviamente, não impede que as mulheres também sejam objetificadas pelos homens, em sua visão.

Mas a impressão que fica é de que as disputas entre as garotas, embora sejam estruturantes das relações que se estabelecem ali, aparecem apenas pontualmente e no fenômeno da formação de grupos. Pois se observa ao mesmo tempo, um ambiente de colaboração mútua, especialmente intragrupos. Quando as mulheres mais antigas na profissão acolhem as mais novas no bordel ou na prostituição, ensinando-lhes truques, ficando a conversar no salão, convidando amigas para um mesmo programa (quando o cliente assim o deseja ou é convencido), emprestando coisas de que a outra precise, como utensílios para o sexo, maquiagem, piastra ou sabonete... dividindo taxi para irem para casa (no caso das garotas que moravam próximas umas das outras ou num mesmo caminho que o taxi pudesse percorrer) ou ajudando a abotoar as roupas umas das outras, no vestiário.

Para Rogério Araújo: “Neste sentido, ao serem normalizadas, como acontece em qualquer outro ambiente de trabalho, as relações que ali se estabelecem, com suas intrigas, afinidades e rivalidades, assumem características de relações familiares” (2006, p. 14). Assim, além de existir nos bordeis o “jeitinho brasileiro” para lidar com as leis do estabelecimento, existe também aquela cordialidade que é avessa à impessoalidade das normas duras. Uma “pessoalização” das relações, reguladas pelos afetos e pela intimidade, e, determinadas por posições específicas no grupo, estas conquistadas em função da cadeia relacional em que a pessoa está metida. E os personagens da família, da “casa” (como ambiente privado e contrário à “rua”), passam a servir de modelo para as relações que se estabelecem no cabaré.

Os “cafetões” (donos de Casas e gerentes) são como os pais e as mães, figuras dotadas de autoridade sobre a “Casa” e as “meninas”. Eles controlam a aplicação das regras e permitem, vez por outra, alguns desvios das normas do bordel, a depender a situação. Geralmente, a

gerente da Casa é uma mulher, existe sempre o boato de que as gerentes são “ex-meninas” da Casa ou que fazem ou fizeram programas. Elas cuidam das garotas com um empenho que lembra o maternal: dão broncas, ajudam, aconselham, instruem e liberam de algumas normas...

As garotas são como “filhas”, “irmãs” entre si. Elas são objeto preferencial de regulação das regras do bordel, infantilizadas muitas vezes, no trato com as autoridades da Casa. A rivalidade entre elas é atravessada pela relação de cada uma com os patrões. As disputas pelo afeto dos pais, normalmente observadas entre irmãos numa mesma família, reflete-se ali nas acusações mútuas de serem preferidas ou protegidas das gerentes.

E os demais funcionários são como “tios”: a “tia do elevador”, o “tio da cozinha”, etc. –como chamam as garotas. Parceiros, muitas vezes, na rotina de trabalho, podem permitir que um maior número de mulheres do que o permitido pela norma da Casa fique na cozinha para fazer a refeição diária, podem comentar sobre o movimento de clientes e passar algum tipo de informação ou recado dos clientes para as garotas.

A “Casa”, como o bordel é chamado, é povoada por estes personagens cujos lastros estão nas relações familiares. E tais personagens habitam cômodos específicos da Casa. Basicamente, os bordeis pesquisados eram compostos de recepção, que consiste numa pequena saleta com um balcão, por onde os clientes entram depois de preencherem uma ficha com informações pessoais. As garotas, por sua vez, entram por uma porta dos fundos. Na recepção os clientes também efetuam o pagamento. São atendidos por belas moças, políglotas e respeitosa-mente vestidas. Elas orientam o cliente a respeito do funcionamento da Casa.

Depois os homens se dirigem ao vestiário masculino, guardam seus pertences e suas roupas num armário com cadeado, cuja chave ficará em seu bolso. E vestem um roupão branco fornecido pela Casa, com um emblema do estabelecimento no peito. Podem fazer sauna, num ambiente reservado aos clientes depois, ou ir para o salão, onde as “meninas” disponíveis os esperam, ou ainda para a whiskyeria, onde há menos mulheres, sendo este espaço constituído de um bar e uma televisão.

Existe o escritório dos donos do bordel, onde monitoram as imagens ao vivo das câmeras espalhadas pela Casa, recebem as novatas para entrevista de admissão às vezes e efetuam o pagamento diário ou semanal às prostitutas. Neste espaço as mulheres só entram quando são convidadas, nestas situações: quando vão ser contratadas ou quando vão receber seu pagamento. Tal qual o quarto do pai, não no sentido de ambiente onde se pratica o sexo procriador da família burguesa, mas como o ambiente ou nicho por excelência da autoridade maior ou do “homem da Casa”. É onde se faz a administração e onde as decisões mais importantes são tomadas, a

partir dos homens sentados em suas confortáveis cadeiras, atrás de computadores. Os clientes não entram ali. Apenas os funcionários do estabelecimento.

Também existe a cozinha, onde os funcionários da Casa fazem sua refeição diária, também vetada à entrada dos clientes. Há o espaço onde estes homens fumam, uma pequena varanda, além do “fumódromo” das garotas. Há os quartos (suítes e “cabines”), o vestiário feminino e os corredores que ligam todos estes ambientes.

Passarei agora a comentar sobre os cômodos que julgo mais significativos da sociabilidade das prostitutas no bordel, tecendo, ao mesmo tempo, uma comparação com o trabalho realizado pelas *call girls* e lugares/ meios correspondentes aos dos bordeis.

6.3 O vestiário feminino e a vigilância da intimidade

O vestiário feminino, utilizado pelas garotas de programa, era fartamente iluminado com luz branca. Tinha um espelho grande em cima das pias e outro onde se via o corpo inteiro, na parede. Muitos armários empilhados numa outra parede do cômodo. Ao fundo, um recuo sem porta, onde ficavam as latrinas com duchinhas d’água para higienização, de um lado e os chuveiros de água fria, do outro. Era cheio de câmeras, o vestiário onde as garotas de programa se trocavam, e elas eram monitoradas pelos donos a partir de seu escritório.

Havia um telefone na porta do vestiário com uma moça pronta para atendê-lo: a cabinária. Dali ela telefonava para os quartos para avisar sobre o fim do tempo de programa. Por ali também se podia falar com os donos do bordel. Eles telefonavam para reclamar se vissem pelas câmeras alguma moça mexendo no celular, que deveria ficar guardado dentro das bolsas, em seus armários individuais. As garotas de programa só podiam usar seus celulares no “fumódromo” das “meninas”.

As prostitutas das Casas usavam uma roupa no salão e uma outra roupa para atendimento nos quartos. Quando iam fazer um programa, no vestiário elas tiravam a roupa do salão, guardavam num armário com cadeado. Tomavam banho, se perfumavam, passavam hidratante. Punham a lingerie de atendimento e um robe por cima. O cliente com quem uma garota fosse fazer o programa ficava aguardando numa saleta ao lado do vestiário. Quando saía, pronta, do vestiário, a cabinária lhe dava a chave do quarto e marcava a hora, para controlar o tempo do programa. As garotas então conduziam seus clientes até o quarto com o número da chave que recebiam da cabinária, onde permaneciam por quarenta minutos ou uma hora. Podendo esse tempo ser estendido por igual período.

Terminado o programa, a mulher voltava para o vestiário, tomava outro banho e recolocava a roupa de ficar no salão, guardando a lingerie de atendimento no armário, que trancava. As mulheres que se encontravam ali faziam comentários sobre o movimento de clientes, trocavam informações sobre com quem tinham ficado e como tinha sido o programa. Identificavam os chamados “clientes pentelhos”, aqueles que não vão fazer programa, mas iam ao bordel só para beber com amigos e flertar com as garotas. Para a prostituta, investir tempo no flerte com um “cliente pentelho” era ruim pros negócios. Por isso elas trocavam informações sobre esse tipo de clientes no vestiário, as garotas que já os conheciam avisavam às outras: “aquele cara com quem você está no salão não vai subir”.

No vestiário elas relatavam o último programa para as amigas, enquanto se arrumavam para voltar ao salão, classificando o programa como “fácil”, “prazeroso” ou “bom”, ou então como “chato”, “nojento” ou “difícil”. Os programas fáceis eram aqueles nos quais elas faziam o mínimo de esforço possível, geralmente os que elas tinham que fazer sexo por menos tempo. Os clientes “velhos” eram homens com quem o programa costumava ser fácil, enquanto os mais novos transavam por mais tempo e com mais intensidade nos movimentos corporais, cansavam, portanto, as garotas. Daí as mais experientes costumavam preferir os “velhos”.

Estas e outras inferências eu pude extrair de fragmentos de conversas ouvidos nestas ambientes. As garotas de programa falam muito sobre sexo nos vestiários dos bordéis. Inflexão do segredo, esse é o lugar excelente de uma incitação ao discurso sobre o sexo prostituído no bordel.

Se onde há poder, há resistência, o vestiário das garotas, sem que seja um lugar de exterioridade em relação ao poder representado por clientes e donos das Casas, é um desses espaços de resistência, posto que seja o espaço das “putas”, onde é vetada a entrada de clientes e cuja visita dos donos é eventual, embora seja constantemente observado por câmeras de segurança e obedeça a regras de regulação do espaço da Casa.

Ali as garotas expunham suas opiniões sobre o trabalho na Casa mais ou menos abertamente. Vi uma “menina” no vestiário, uma vez, indignada ao ler um aviso afixado na parede que dizia: “favor não apoiar os saltos no estofado das poltronas do salão pois ele se rasga”. Ela reclamava em alto e bom som, se dirigindo diretamente à gerente: “Não era melhor admitir que o estofado da boate está velho e precisa ser trocado? Mas é mais fácil botar a culpa no salto das piranhas!” Sem muita cerimônia, criticava abertamente as recomendações dos patrões do estabelecimento onde trabalhava, auto intitulado-se “piranha”, elaborando um escárnio voltado para a denúncia do estigma.

Este era o tom ali, onde uma espontaneidade e presença de espírito notáveis temperavam a atuação das garotas de programa por “de trás das cortinas”. Aquele era o lugar onde as “luzes da ribalta” não as alcançavam, embora constituíssem ainda um espaço cênico para elas. O vestiário do cabaré é, pois, para as garotas de programa, uma espécie de espaço liminar entre o mundo e a zona. Onde elas tiravam suas “roupas civis” e vestiam o uniforme/ fantasia de trabalho.

Nos vestiários femininos dos bordeis as prostitutas conversavam com as gerentes, pediam dispensa do trabalho às vezes, reclamavam dos clientes com suas amigas e exibiam, nas dobras destas rotinas, detalhes das sociabilidades dos bordeis muito caros à análise que queremos fazer das Casas. O lugar de funcionária me permitia entrar neste espaço privilegiado.

Junto com salão, este é, para o presente trabalho, o espaço mais emblemático da Casa. Os vestiários femininos eram o ambiente de intimidade das garotas e entre elas. Mas, embora os banheiros sejam utilizados como espaços de práticas íntimas de uma pessoa, como higiene e satisfação de necessidades fisiológicas básicas, aqueles eram monitorados por muitas câmeras.

O paradoxo de um banheiro monitorado deixa entrever a forma como era percebida e tratada a intimidade destas mulheres em seu ambiente de trabalho. Sua privacidade era violada com o pretexto de proteger a todas contra furtos e uso de drogas. E se construía, desta forma, um tipo de intimidade vigiada através do cruzamento de alguns canais de controle: as áreas das privadas e chuveiros, sem portas, revelavam as práticas comuns do banheiro aos olhos das demais garotas que ali se arrumavam para o trabalho. As autoridades da Casa estendiam sua inspeção do comportamento das suas principais funcionárias àquele ambiente através da presença constante da gerente ali e das câmeras de segurança, canal mais direto de observação dos donos.

As prostitutas eram percebidas como mulheres que não teriam pudor em relação à nudez ou a devassidão de sua intimidade. Essas não eram questões para elas, como os seus patrões entendiam. Por isso as câmeras estavam ali, sim, com a finalidade de protege-las umas das outras e de si mesmas, mantendo uma moralidade da Casa, que era tecida sobre o desrespeito à privacidade das garotas de programa que trabalhavam nos cabarés “de luxo”.

6.4 O taxi e a bolsa

Dentro de um taxi e com uma bolsa contendo uma seleção de objetos específica as *call girls* têm um equivalente dos vestiários femininos dos bordeis. Pois muitas vezes elas se arrumam dentro do taxi para não levantar suspeitas; saem de casa usando chinelos e sem

maquiagem. E dentro da grande bolsa levam tudo de que precisam: os saltos altos, que trocam dentro do carro, a maquiagem, que fazem ali mesmo, unhas postiças para colar, apliques de cabelo e outros acessórios. O taxi que leva as “meninas” que atendem como *call girl* funciona assim como um vestiário ambulante. Traduz-se, nesse sentido, num lugar de “produção” de uma personagem, na medida em que a garota se arruma, ou se “monta”.

Rago diz, a respeito desse processo de “montagem” da garota de programa, que:

Nesse sentido, elas constroem uma nova personagem através das modificações corporais: troca de nomes, eliminação do sobrenome da família, assumindo outras identificações aproximadas de modelos que parecem estar em voga nos variados contextos que se inserem (2008).

A maquiagem, as unhas e cílios postiços, as roupas chamativas, aplique de cabelo e o imprescindível par de saltos, como próteses de seduzir, atuam na construção de uma nova personagem. A “montagem” da prostituta passa pela incorporação destes acessórios. A personagem encenada nos quartos e salões não é a mulher comum enfeitada com estes adereços. É outra persona, organicamente constituída por estes adornos. Pois fazer o programa sem uma prévia produção deste tipo é impensável.

Um comportamento específico acompanhará o novo visual. “Montada”, em seu ambiente de trabalho, ou no taxi, a caminho do motel, a mulher não faz mais segredo da profissão de prostituta. Pois “montada” ela revela no corpo esta informação que, noutras situações, procura esconder. Os acessórios servem justamente para emitir esses sinais. Junto com os lugares por onde a mulher circula e o comportamento que passa a performar, compõem um código para quem sabe lê-los. Comunicam algo.

Mas certamente, esta preparação não acontece da mesma maneira nos vestiários e dentro dos carros que levam as garotas aos seus programas. No taxi, não há como se maquiar com tanta minúcia, não há um espelho grande, em que a mulher possa se ver de corpo inteiro e avaliar como ficou a produção... O movimento do carro limita a precisão no uso do delineador, por exemplo, ou a arrumação de um penteado mais geométrico. É preciso então fazer uma pré-produção em casa. E dentro do taxi, apenas completa-la com alguns detalhes faltantes, que se crê denunciar mais claramente a profissão secreta da garota. Perucas, ou apliques de cabelo, saltos altos e finos, batons de cores fortes são adicionados ao visual dentro dos taxis.

O taxi é, pois, um dos cenários típicos da prática da prostituição “de luxo” para as *call girls* que não atendem em privês. E os motoristas são personagens comuns na rotina de trabalho destas mulheres. As garotas de programa “de luxo”, principalmente estas que trabalham em sites e não têm “local próprio” para atendimento dos clientes, têm então um alto custo de

deslocamento, uma vez que fazem muita utilização do taxi como meio de transporte para ir ou voltar dos programas.

Geralmente elas usam grandes bolsas, volumosas e pesadas, carregam dinheiro e objetos de valor como relógios, cordões de ouro e celulares caros, partir do que justificam a necessidade de utilização do taxi, assim como a distância a que, muitas vezes, moram dos locais de atendimento. Dizem também que ficam muito cansadas do trabalho para voltar para a casa de transporte público. Como indiquei, as garotas que atendem como *call girls* cobram o valor do taxi separado do valor do programa.

É comum então as garotas terem um ou um pequeno número de motoristas de taxi que as levam ou trazem dos programas ou do bordel. Estranhamente o taxi é um lugar de não preservação do segredo de ser prostituta, daí a orientação que as garotas mais antigas da profissão dão às suas novas amigas que ingressam no meio de “fechar com um taxista”, como já mencionamos.

Como no vestiário do bordel, no taxi elas falam sobre programas com amigas ou no celular mais ou menos abertamente. Não se preocupam com a figura do taxista. É conveniente que seja então um conhecido que mantém com as garotas uma relação de cumplicidade. Fazem descontos nas corridas, pequenos delitos de trânsito como avançar sinais, entrar em ruas de contramão ou dirigir acima do limite de velocidade para levar a moça mais depressa aos seus destinos. Algumas vezes arrumam clientes para as meninas entre seus passageiros homens interessados. Outras vezes esperam a garota sair do programa ou telefonam para o celular dela quando chegam ao local do programa para buscá-la, fazendo às vezes de segurança da moça.

Havia uma garota num bordel onde fiz campo que insistia para que eu fosse embora com ela e o seu motorista usual. Eu, por outro lado, insistia em voltar sempre com um mesmo motorista também, que sabia sobre a pesquisa e me contava diversas histórias interessantes.

Certo dia fui embora com a moça, que morava perto da minha casa, com o meu motorista. Isso era útil porque podíamos dividir o valor da corrida por dois. Na viagem a mulher reclamava muito do som baixo no carro, do ar condicionado que não resfriava o suficiente, do caminho inadequado feito pelo motorista. Insinuou que ele estava fazendo caminhos mais longos de propósito, para aumentar o valor da corrida. Eles começaram a discutir.

No dia seguinte, fui embora então com o motorista da garota. Ele passava ainda em outro bordel para pegar uma terceira mulher que também levava sempre em casa depois do dia de trabalho.

Som no último volume. 120 km/h. As meninas dançavam e conversavam animadamente. Uma delas usava óculos escuros, apesar de serem duas horas da manhã. Acenderam um cigarro de maconha. O motorista também fumava. Eu, em pânico. O tanto que o motorista se exibia em manobras arriscadas e correndo com o carro me fez pensar que ele poderia estar interessado em uma das garotas. Eu não estava errada. Dias depois soube que ele ficava com a minha amiga, apesar de ser casado com outra garota de programa.

Os óculos escuros de madrugada revelam a irreverência do clima do momento etnografado. Revelam que as moças estavam “de marola” - como elas dizem. “Tirando onda”. Brincando. A corrida de taxi na volta para casa não era meramente um retorno depois de um dia cansativo de trabalho; era diversão, paquera, conquista, sexo.

Isso me levou a repensar minha hipótese inicial de que estes ambientes liminares como o vestiário ou o taxi que leva a garota ao programa fossem “não lugares”. Na verdade, passei a questionar o próprio conceito de “não-lugar”, de Augé (1994). Falha-me a imaginação para projetar qualquer tipo de espaço que não possua significados suficientes para ser definido como um lugar.

6.5 Pelo telefone ou no salão

O salão do bordel é como é chamada a boate onde acontece a interação entre garotas e clientes e a negociação dos programas. Esta interação e negociação é feita pelas *call girls* através do telefone, quando algum cliente interessado liga querendo marcar um programa. A negociação dos serviços prestados é atravessada por um processo de sedução do cliente e a sedução, neste caso, não possui nenhum ambiente físico. A negociação das *call girls* inclui a questão do tempo de duração do programa e do valor cobrado por elas. As garotas de bordel já não tratam destes assuntos uma vez que o tempo de programa e o valor são determinados pela Casa.

O salão do bordel é, certa forma, o contrário do vestiário. Se o vestiário é o lugar onde as diversas técnicas empregadas no ofício de prostituta são reveladas e discutidas entre as garotas, o salão é um lugar de aplicação de parte dessas técnicas. Tem lugar ali toda a ritualística de sedução que poderá resultar numa noite produtiva de trabalho para as “meninas”. Mais do que o desempenho sexual, é o desempenho no flerte, no ambiente do salão que determinará este sucesso ou fracasso.

Por isso alguns homens se queixam de as prostitutas serem amáveis e atenciosas durante a sedução e negociação, e impacientes no quarto, no momento da consumação do programa.

No entanto, quando a mulher pretender fidelizar aquele cliente ela será atenciosa durante o atendimento também. Mas é claro que não é todo cliente que se pretende fidelizar. Se não gostar minimamente da companhia daquele homem, se ele desagrada-la, se for grosseiro, se o sexo exigir muito esforço físico da mulher, se o homem for avarento... é provável que a garota se mostre mesmo impaciente e não faça questão de ser amável para garantir programas futuros com ele.

Assim como nos ensaios fotográficos nos sites a mulher é exibida nos seus melhores ângulos e na luz que mais favoreça a beleza de seu corpo, no salão, as luzes escuras procuram esconder imperfeições em seu rosto e corpo. E todo o flerte que acontece no salão conta com a transmissão de sinais corporais cuidadosamente trabalhados por elas. Como as *call girls* não contam com este flerte presencial, elas precisam de boas fotos. Não costumam conversar tanto com os clientes pelo telefone como as garotas dos cabarés “de luxo” fazem no salão.

Pelo telefone, elas costumam fazer uma rápida descrição de como é o seu atendimento no programa, explicando sobre as coisas que gostam de fazer no ato sexual e que tipo de fantasias estão dispostas e realizar. Fazem uma autopromoção através da propaganda de seus atributos corporais, habilidades sexuais e virtudes da própria personalidade, prometendo oferecer boa companhia.

No salão, elas caminham graciosamente sobre seus saltos, de um lado para o outro. Debruçam-se no bar numa atitude provocativa. Os homens ocupam os cantos do cômodo, de pé. Ou ficam sentados nos sofás perto das paredes. As garotas ocupam o centro da sala. Dançam um pouco, não muito. Algumas delas preferiam abordar os clientes, outras esperavam serem chamadas por eles. Algumas iam abordar somente aqueles que já as olhavam. Mas o que salta a vista neste ambiente é esta inversão do flerte, em que as mulheres estão mais dispostas a tomar a iniciativa do que numa boate comum. Isto é observado por Espinheira (1984, p. 49), Araújo (2006, p. 17) e Gaspar (1985, p. 44).

Entre as garotas que abordam os homens, há aquelas mais “agressivas”, no dizer dos próprios clientes: que rebolam no colo dos homens, esfregam nádegas e seios nos seus rostos, mostram os seios, levantam os vestidos, tocam seus pênis. Esta abordagem é limitada pelas Casas de luxo, como vimos. Mas acontecem mesmo assim.

Apesar destas abordagens “agressivas”, creio que os olhos sejam os principais emissores de significado nos salões dos cabarés “de luxo”. A maquiagem pesada e os cílios postiços pretendem valoriza-los. É o contato visual que primeiro marca a aproximação entre a prostituta um cliente. A partir deste sinal, cada moça toma suas atitudes, em função da sua maneira própria de trabalhar e das condições dadas pela situação em que ocorre. Por exemplo,

se o salão estiver cheio de clientes, será mais difícil de a mulher insistir em abordar um homem que não a olha.

A ideia é convencer o homem a “subir” o mais rápido possível, pois o tempo de flerte é considerado perdido, já que não é remunerado. Algumas mulheres não gostam de beijar na boca fora da situação de programa, mas não conheci nenhuma prostituta de luxo que não beijasse durante o programa. Mas isso pode ser flexibilizado, se o cliente exigir, a depender do quanto a mulher queira fazer aquele programa. Assim é com quase todas as técnicas de sedução performadas no salão pelas prostitutas. São sempre negociáveis, caso a caso. Diferente das técnicas empregadas no quarto, que costumam ser menos flexíveis.

6.6 No quarto ou etnografia dos programas

O quarto, seja do bordel, do motel, do privê, ou da casa do cliente, é o ambiente onde, geralmente, o programa se consuma. Sobre este momento repousa todo o imaginário social a respeito do sexo prostituído. É ali que habitam as fantasias das pessoas quando pensam no sexo sujo, imoral que a prostituta pratica com homens que não ama (ou com quem não gostaria de transar), em troca de dinheiro. O quarto é, pois, o ambiente da podridão, tal como é entendido às vezes pelas próprias prostitutas. É também dos ambientes mais perigosos, uma vez que a garota ali se encontra sozinha com seu(s) cliente(s), exercendo uma profissão estigmatizada. Sujeira e perigo se confundem no quarto, no momento do programa.

Na maioria das vezes, o quarto utilizado para o programa não é um ambiente muito pessoal. São quartos de motéis e “cabines” de cabarês, geralmente. São então quartos utilizados preferencialmente para a prática de sexo casual.

As “cabines” dos bordeis, como o nome já sugere, são cômodos pequeníssimos, onde há apenas uma cama pouco mais larga que uma cama comum de solteiro. São camas fixas no chão e sem estrados, para evitar o ranger durante o sexo. Os colchões são plastificados para que os fluidos corporais não fiquem empregnados no tecido. E por cima, há um lençol liso. Não há colchas, travesseiros ou qualquer objeto de decoração. Ao lado da cama resta um corredor estreito. Há também uma prateleira com um telefone por onde se pode falar com a cabinária. Um ar condicionado e uma lixeira. Não há janelas.

As suítes têm o dobro ou o triplo do tamanho destes quartos menores. Também sem janelas, se parecem mais com um quarto simples de motel, com espelhos, um banheiro com privada e chuveiro, e, uma cama de casal. Pelos programas feitos nestas suítes as mulheres

recebem um cachê um pouco maior. E é possível entrar mais de duas pessoas. São estes os quartos utilizados para fazer orgias, nos cabarés.

Os quartos de motéis, como é mais acessível ao saber comum, embora também impessoais são mais confortáveis que estes quartos dos bordeis. Geralmente há televisão, rádio, frigobar, pode haver banheira de hidromassagem e a iluminação é mais sofisticada, podendo-se contar com luzes indiretas, localizadas em alguns pontos do ambiente.

São geralmente nestes quartos que *call girls* realizam seus programas. E trabalhar nos quartos mais caros dos motéis mais chiques da cidade, embora não lhes renda aumento de cachê, é sempre visto com bons olhos por elas. Além do conforto, os signos do luxo servem, como vimos, para comunicar que o cliente que faz um programa num destes quartos está disposto a gastar mais dinheiro com o consumo de prostituição.

Mas, sejam nas mais sofisticadas suítes dos melhores motéis da cidade, ou nas minúsculas “cabines” dos cabarés, as garotas de programa empregam ali um conjunto de técnicas voltadas para a satisfação sexual de seus clientes. A esta performance que se traduz na prestação do serviço contratado, vou chamar aqui de “programa”. Mas é necessário discutir esta terminologia nativa.

6.7 O que é o Programa?

Quando começa o programa? – me foi perguntado na banca de qualificação desta tese. Ele começa na negociação bem sucedida? No quarto? Confunde-se com a prática do sexo prostituído? Eu diria que o termo “programa”, no campo, assume todas estas acepções, sendo impossível optar por uma delas e trabalhar com uma precisão maior deste conceito. Mas acredito que o termo seja mais comumente utilizado para se referir ao momento em que garota e cliente celebram o contrato estabelecido a partir da negociação previamente feita.

Esta celebração acontece primordialmente no quarto, ou então no cinema, na festa para a qual a garota tenha sido contratada como acompanhante, etc... até o momento do sexo, inclusive. Não se confunde, pois, com o sexo, propriamente. Pois quando a garota está no quarto com o cliente, o programa está acontecendo, ainda que não estejam transando. Alguns clientes, inclusive, fazem o programa sem transar.

O tempo cronológico não é determinante da duração do programa, embora os programas realizados em bordeis tenham, como vimos, uma extensão física precisa. Mesmo nestes casos, é muito importante uma experiência qualitativa do tempo, dada por um bom relacionamento entre a garota e seu cliente, naquele momento. O gozo masculino é o que se pretende produzir

durante esse tempo. Isso confere ao tempo do programa uma qualidade de *durée* (BERGSON, 2006), isto é, a dimensão psicológica do tempo ali vivido importa muito.

Talvez o tempo do programa esteja melhor situado, então, em algum lugar entre o tempo cronológico e esta experiência mais qualitativa do tempo. Sendo que as garotas estão atentas à extensão do tempo marcada pelo relógio, procurando encurtá-lo, enquanto os clientes querem gozar, por tanto tempo quanto forem capazes de estender o programa. Este gozo não é, necessariamente, a ejaculação, mas um estado de satisfação que pode ser física, emocional, intelectual ou moral. Trata-se da consumação do prazer do cliente, que pode acontecer em diversas esferas ou níveis.

Se a mulher pretende fidelizar aquele cliente, ou está empenhada em realizar um bom serviço para se promover, ela se comprometerá com o deleite do homem. Mas se estiver interessada apenas na realização daquele programa específico, sem a expectativa de voltar a sair com aquele cliente, de acessar sua rede de amigos através de possíveis indicações ou de agradar seus patrões, ela apenas cumprirá o tempo quantitativo acertado no contrato de seus serviços.

Estas negociações permanentes para localizar o programa entre os eixos qualitativo e quantitativo do tempo são mais visíveis nos programas em que a garota trabalha sem mediadores, como as *call girls* que anunciam em sites de acompanhantes “de luxo”. Estar por demais atenta ao relógio durante o programa é mal visto pelos homens, que ficam com a impressão desconfortável (e muitas vezes acertada) de que a mulher só quer que aquela hora passe para pegar seu cachê e ir embora dali. E então as garotas lançam mão de algumas técnicas como fazer em seu telefone uma *playlist*, para tocar no quarto, com a duração do tempo combinado de programa, dentre outras técnicas já mencionadas como programar o celular para uma chamada falsa, pedir que alguém telefone para ela ou dizer que tem outro em seguida e programar o despertador.

Nas Casas, onde o tempo do programa é preciso, seu fim é marcado, como vimos também, pela chamada do telefone do quarto, pela cabinária. Mesmos assim, as garotas procuram manipular este tempo como podem. As garotas de uma das Casas estudadas gostavam de sair com estrangeiros porque faziam o homem gozar um pouco e os convidavam a irem embora. Como eles não conheciam do funcionamento da Casa e tinham às vezes dificuldade de se comunicar, não questionavam. E isto se tornava um programa fácil, para elas, que logo podiam voltar ao salão e conseguir mais trabalho. Os homens cientes do funcionamento da Casa e os mais ciosos de seus direitos no contrato estabelecido exigiam ficar com a mulher durante toda hora ou quarenta minutos contratados.

Tendo discutido um pouco sobre as manipulações que se fazem do eixo quantitativo do tempo, vamos agora nos ater às formas pelas quais as garotas de programa atuam na construção do gozo do cliente. Para isso, passo à etnografia de alguns programas através das quais pretendo dar conta também tanto das performances das prostitutas nas situações de quarto, quanto das suas expectativas e das dos clientes, aí negociadas e das manipulações das mulheres nestes casos.

Não pretendo que as descrições que se seguem sejam meras ilustrações do que discutimos até agora. Nem me ocuparei de analisa-las depois. A intenção é, antes, que elas falem por si mesmas, sendo simultaneamente descrição e análise. Também não tive a intenção de recorrer ao gênero pornográfico como meio de excitar, desafiar ou chocar, embora acredite que a etnografia só tenha a ganhar com a experimentação de outras formas narrativas. De todo modo, acredito que o que o leitor sentirá ao ler as próximas linhas pertence somente a ele, tendo sido, o meu objetivo, fornecer informações sobre o que acontece neste ambiente do quarto, nas situações de programa, ainda relativamente fechado a entrada dos antropólogos.

Trata-se da etnografia de cinco programas aos quais tive acesso com o consentimento das garotas envolvidas e de seus clientes, todos, cientes de que se tratava de uma pesquisa de campo. São programas realizados em bordeis e motéis, com as prostitutas que trabalhavam nas Casas observadas durante a pesquisa e com *call girls* de sites de acompanhantes. São todos escritos em primeira pessoa e narrados pela voz de Giovana. Confusa sobre que palavras utilizar entre aspas, por se tratarem de termos do jargão nativo, optei finalmente por abolir as aspas nestas situações, já que o que segue pode ser considerado, na íntegra, como fala desta informante nativa. Os títulos foram dados por mim, de acordo com o que percebi ser o espírito que sintetizava cada uma das cenas.

6.8 Programa 1 – Para-raios dos desejos masculinos

Eu usava uma coroa de *strass* para ficar no salão, usava tudo que pudesse brilhar no escuro, para atrair a atenção dos clientes. A intenção era que viessem conversar comigo.

Era praxe entre as meninas” olhar pela janelinha da porta do salão antes de entrar, para evitar encontrar conhecidos. Olhei. Nenhum conhecido. Abri a porta para entrar e o cliente veio saindo pela porta ao mesmo tempo, me puxando para fora pelo braço. “Você é uma rainha?” – ele perguntou, olhando fixamente para minha coroa. Eu, além do nome de guerra usado na Casa, era chamada de “princesa” pelas meninas, meio ironicamente, por causa da minha coroa. Disse a ele: “As garotas aqui me chamam de princesa...” “Você tem muitos súditos?”. Não entendi

bem o sentido da pergunta até aquele momento, mas disse que sim. Funcionou. Ele ficou interessado.

Conversávamos no corredor, fora do salão. Os corredores são lugar de passagem. Há o vestiário, o salão, a sauna, o “fumódromo”, a cozinha, o escritório, a whiskyeria, os quartos... e os corredores que ligam estes ambientes. Existem comportamentos prescritos para cada um destes cômodos. Neste momento o cliente tirou o pau de dentro do roupão e começou a se masturbar. Fiquei assustada. Isso era contra as normas da casa. Eu estava sem referências, não sabia como atuar. Até descobrir, mais tarde, que as normas da casa são, o tempo todo, burladas.

Veio outra garota descendo as escadas do vestiário em direção à entrada do salão, olhou para ele feliz e cumprimentou “Oi Bruno! Meu amor!” Veio na nossa direção e lhe deu um longo beijo na boca. Eu abri a minha para reclamar, meio confusa. Entre as garotas vigora uma etiqueta muito respeitada de não abordar um cliente que está conversando com outra, mas isso vale para o salão. Eu não sabia se servia para os corredores, afinal, a negociação do programa acontece no salão e essa regra dizia respeito à negociação. Ali no corredor, Bruno se masturbava e a garota roubava um programa na cara de pau. Mas ela virou-se e piscou para mim. Então eu fiquei quieta.

Ela voltou-se para ele, puxou a gola de seu roupão até ficar com o seu rosto bem próximo ao dele, a cabeça dela levemente inclinada para cima, como quem exerce poder de mando. E sem perder mais tempo disse: “vamos subir agora!” Ele voltou a se masturbar. “Sim senhora Dona Paula.” A garota apontou para mim: “E vamos levar ela com a gente!” “Sim senhora Dona Paula.”

Íamos fazer o programa mais longo, no quarto mais caro. Conduzimos o Bruno até a sala onde ele deveria esperar para nos trocarmos. Paula entrou no vestiário na frente. Quando eu ia entrar o cliente me segurou: “Por favor, não me deixa aqui sozinho!” Eu esperei Paula voltar para só então ir me preparar. O tempo do programa já estava transcorrendo.

Quando cheguei ao quarto encontrei Bruno deitado na cama, algemado, com a tira do roupão presa ao pescoço, que Paula segurava como se fosse uma coleira. No criado mudo, havia muitos brinquedos eróticos que ela levava para o programa, numa maleta. Ela me deu a apertada coleira de Bruno para segurar. Me disse “Não solta ele!” Ele guinchava de prazer. Eu não ousaria desobedecer Dona Paula. Ela então perguntou a ele: “você quer comer ela?”- apontou para mim. Ele respondeu: “você sabe muito bem que eu não posso decidir isso Dona Paula!” Virou-se para mim “A senhora quer me dar?” Eu disse: “Não! Quero ficar só olhando”. Ele disse à Paula: “Eu não posso fazer nada, Dona Paula. Ela não quer me dar”. Paula ficou meio contrariada.

Durante todo o tempo do programa ela cuidou de Bruno com zeloso cuidado e autoridade. Nós o penetramos com o dildo afixado numa cinta. Primeiro ela e depois eu. Ela

colocava anestésico no ânus do cliente, segurando suas pernas no alto como quem troca as fraldas de um bebê. Limpava-lhe o ânus com uma toalhinha depois.

Eu quis fumar no quarto. Ela não deixou para que a esposa de Bruno não sentisse o cheiro da fumaça impregnado em suas roupas e cabelo. Ela sabia que ele não poderia me proibir. Então cuidava, ela mesma, para manter fiel seu cliente.

Bruno tinha dificuldade de ereção. Uma vez um garoto de programa me contou que quando fazia sexo ao vivo se masturbava antes de entrar no palco e prendia a circulação para manter a ereção, com uma camisinha estourada passando por baixo da genitália, como que prendendo os testículos e o pênis juntos. Foi o que Paula fez com Bruno, antes de cavalgar nele. Ela masturbou-o, quando o pênis endureceu minimamente ela segurou o pau junto com os testículos e prendeu uma das argolas de uma algamma embaixo. O saco de Bruno ficou muito esticado. A pele brilhando. Ele gritava de dor. Ela olhava para o rosto dele e lhe dava um leve tapa nos testículos repuxados. Ele pulava, amarrado. Ela pedia para ele fazer silêncio e lhe dava as costas da mão para ele beijar e agradecer. “Obrigada Dona Paula! Muito obrigada!” Ela repetiu a tortura algumas vezes. Bruno chorava a agradecia. Até que ele anunciou que ia gozar e pediu que urinássemos na sua cara.

Ele gozou implorando para que não contássemos aquilo a ninguém. No vestiário, Paula contava tudo às gargalhadas para outras meninas.

6.8.1 Programa 2 – A cura

Eu estava no salão e havia um cliente acompanhado de uma garota, sentado no canto. Eles me chamaram. Começamos a conversar. O cliente me pareceu meio louco. A menina fazia o jogo dele. Piscava forçadamente para mim em diversos momentos e eu tinha medo de o cliente notar os sinais que ela fazia. Depois entendi que talvez ele notasse mesmo e que a própria gesticulação exagerada da garota talvez fizesse parte de uma encenação, acordada nas filigranas da interação garota-cliente.

Íamos subir os três para o programa. A primeira acompanhante do cliente informou que ele sempre subia com ela mais outra garota, mas que desta vez a outra menina não estava na Casa e eles decidiram me levar. Ele a encarregava o tempo todo de me “informar como ele era”. “Fala pra ela como eu sou, gata!” “Ah, ele é assim Giovana: ele não gosta de fingimento. Às vezes a menina é muito forçada, ou fica enrolando... ele não gosta de nada disso. Ele gosta que a menina seja natural”.

Quando chegamos ao vestiário para registrar o programa, não havia quarto disponível para sexo a três. A suíte só desocuparia dali a 40 minutos. Voltamos para o salão e fomos

informar ao cliente. Ele se aborreceu e disse que reclamaria na administração da Casa. A menina pediu licença e subiu outra vez para o vestiário. Voltou dizendo que a cabinária queria falar comigo. Fui ao vestiário ouvir o que a cabinária queria me dizer. Chegando lá ela disse que o cliente não queria ficar comigo, mas estava sem graça falar. Aquilo tudo me parecia estranho, afinal, eu não notara, no seu comportamento, qualquer sinal de embaraço. Ele mesmo me chamara. Logo em seguida a menina chegou ao vestiário e, pelas minhas costas, fez algum sinal com as mãos para a cabinária e anunciou: “Esquece! Esquece tudo! Ele quer ela!”

A suíte não demorou 40 minutos para ser desocupada. Foi antes. Enquanto nos arrumávamos no vestiário, a menina “passava a ficha” do seu cliente antigo. Eu ouvia tudo meio descrente. Seu comportamento me parecia muito afetado e, além do mais, ao que tudo indicava, ela parecia ter tentado me tirar do programa, pedindo à cabinária que fosse me dizer que o cliente não queria ficar comigo. Assim poderia tentar convence-lo a fazer o programa sozinho com ela, num quarto menor.

Ela dizia que ele “saía do quarto do nada”. Que ele não conseguia gozar e se irritava e saía antes de o tempo do programa acabar, esbravejando e dizendo que ia reclamar na administração. Disse que não deveria me assustar com aquilo, que, apesar de tudo, ele era muito tranquilo. Que deveríamos ficar pedindo para ele voltar, quando ele saísse.

Chagamos ao quarto, eu meio assustada, e ele me disse: “já não gostei. Ta enrolando para tirar a roupa. Não gosto que a menina enrole! Tem que tirar logo a roupa”. Tentei explicar que eu não sabia como ele preferia, mas ele não me ouviu. Tirei logo a roupa.

A menina dizia que tinha ciúmes dele comigo, no quarto, uma *misancene* para agradá-lo. Ele brincava de dizer que queria me ver pegando a menina. A garota continuava a gesticular para mim afetadamente, fazendo sinais sempre que ele desviava o olhar. Eu procurava ignorar.

Ela tinha levado para o quarto uma maletinha de atendimento com uma caixa de lençinhos umedecidos de bebê. Limpou o pênis do cliente com os lenços. Ele reclamou impaciente: “Ah é! To muito sujo!” Ela respondeu: “Claro que não né, amor. Você não é nem um pouco sujo”, e continuou limpando.

Enquanto transavam, ele disse alguma coisa sobre ter transado com uma mulher bem mais velha e que desde então não tinha gozado nunca mais, há mais de dez anos. Completou dizendo que tudo isso tinha sido antes do acidente.

Eu sentia que não deveria perguntar demais, apenas dispor das informações que ele me oferecia espontaneamente. A menina continuava a me fazer sinais que eu notava com a visão periférica, sem olhar pra ela.

Era um daqueles programas de tensão total. Eu esperava que a qualquer momento o homem desse um pulo da cama e saísse do quarto reclamando. Até que ele começou a se masturbar. A garota ia fazer isso para ele e eu sugeri: “deixa que ele faz”. Ele finalmente gozou. Ficou um tempo imóvel na cama, e, disse por fim: “vocês conseguiram o que nenhuma menina nunca conseguiu.”

No vestiário, a moça comentava a façanha com duas amigas. E me disse: “Eu falo pra ele que tenho ciúmes dele. Imagina! Se eu vou ter ciúmes daquele gordo!” Essa fala me pareceu contradizer a atitude dela de tentar me tirar do programa.

6.8.2 Programa 3 – Tirando onda

Estávamos no taxi, a caminho do programa. Minha amiga estava ansiosa. “Ai amiga, eu tô com um pressentimento. Acho que esse cara é amigo do meu namorado. Ele também é dentista, amiga, estudaram na mesma universidade.” Ela vivia assombrada com isso. “Então você não deveria ter marcado, cara. Agora já era”- respondi.

Chegamos a um luxuoso condomínio na Barra da Tijuca. Tiramos fotos no sofisticado hall do prédio em nossas roupas de programa, comemorando o luxo que tomávamos emprestado da cena. Lindas luminárias pendiam do teto sobre uma grande mesa de madeira central. Ela se sentou sobre a mesa de pernas cruzadas, sobre a mesa. Vamos filmar isso aqui! O segurança logo apareceu no cômodo deserto e disse que não podíamos ficar ali. Sumimos pelos corredores e tomamos o elevador. Chegamos a um outro pátio deserto, onde ninguém foi nos receber. Ligamos para o cliente. “Estou aqui na porta do apartamento esperando vocês. Onde estão?” Estávamos no bloco errado. O segurança reapareceu, reclamando. Nos orientou sobre como chegar à casa que procurávamos.

Abriu-nos a porta um homem de uns 40 anos, muito bonito. Muito mesmo. Começamos a gargalhar no momento em que o vimos. Sem dizer uma palavra, liamos os pensamentos uma da outra: “nos demos bem!” Ele nos serviu uns drinques e conversamos. Ele falou da sua profissão; era empresário. E da sua paixão pelo surf e pelo rock. Pegou o violão para tocar. Minha amiga fazia cara de sono. Eu dava corda, empolgada. Para mim, quanto menos tempo de sexo e mais tempo de conversa era vantagem. Fizemos sexo por mais ou menos meia hora. Minha amiga dizia que ia ficar lá para dormir. Eu sabia que era um blefe. O cliente insistia para ficarmos. Eu dei o valor do pernoite. Ele insistiu que passássemos a noite pelo cachê de uma hora. Disse que não queria ficar transando a madrugada toda. Que era só pela nossa companhia. Que pediria ao seu motorista particular para nos levar a praia no dia seguinte. Eu disse que não

valia a pena, que não tínhamos levado biquínis, estávamos despreparadas. Ele se deu por convencido. Fomos embora.

No táxi, na volta, minha amiga dizia:

[...] se ele pelo menos tivesse oferecido um dinheiro para comprarmos biquínis poderíamos ficar. Amanhã a gente ia a praia, depois voltava na casa dele para tomar banho e sairíamos de lá direto para outro atendimento. É bom que a gente já estaria na Barra. Podíamos embolsar o dinheiro do taxi do programa de amanhã dizendo que estávamos vindo de Copacabana.

6.8.3 Programa 4 – A arte de observação de detalhes

Era o dia do meu aniversário e eu recebi uma ligação do telefone do mal. Era um homem e a proposta era atender ele e a namorada num dos melhores motéis da zona sul. Fiquei hesitante e decidi por não ir. Minha família estava chegando para a festa em minha casa. Então indiquei para o casal essa mesma amiga que fez o programa na Barra comigo. Ela foi no meu lugar e ligou depois, toda contente, dizendo que tinha sido muito divertido, que o casal era muito legal e que tinham dado uma boa gorjeta. Um mês depois ele me ligou de novo, queria que eu fosse atendê-lo e a sua namorada. Fui encontra-los no mesmo motel em que minha amiga saiu com eles. Era um casal de trinta e poucos anos. Ambos bonitos. A mulher, mais que o homem.

O jogo era o seguinte: eu deveria ficar mais com ela do que com ele. Eu e ele poderíamos nos tocar e fazer sexo oral um no outro, mas não podia haver penetração. Penetração ele só faria com a namorada. E também gozaria só com ela. Minha amiga que os atendeu antes me disse depois que havia reparado que “a namorada controlava ele com o olhar o tempo todo, indicando o que podia ou não fazer com a garota de programa”.

Eu tinha prometido levar alguns brinquedos eróticos para o programa, como o cliente havia pedido no telefone. Eu disse que levaria, mas na verdade não tinha nenhum. Quando eles me pediram os tais brinquedos, especialmente um consolo de borracha, eu fiz cara de susto e disse que havia esquecido a maleta dentro do taxi. Daí eles encomendaram um consolo num catálogo de artigos para venda no motel. Eu e a moça penetramos a vagina uma da outra usando o consolo afixado numa cinta. O homem sentia prazer em olhar. Se masturbava, depois comia a mulher. Fiquei intrigada com a liberdade que o casal se dava para fazer sexo com outra pessoa, pareciam muito à vontade com isso. Eu nunca tinha feito um *ménage* antes. Eu me perguntava se ela não teria ciúmes, apesar das regras que estabelecera. Minha amiga supôs que eles deveriam ser amantes, e não casados. Disse que ele tinha uma marca de aliança no dedo e que

ela não tinha. Eu não reparei nisso. Meu olhar não era bastante treinado para perceber esses detalhes, como o olhar dessa amiga, gp há muitos anos.

Quando deu uma hora de programa, o homem me disse: “pois bem... nós adoramos você. Mas agora nós vamos acertar o programa e eu vou terminar aqui com a minha mulher”. Ele me chamou fora do quarto para pagar o cachê. Disse, em surdina, que iria me ligar para sairmos, só nós dois. E me deu uma gorjeta generosa.

6.8.4 Programa 5 – Para preservar o casamento

Eu ainda não tinha entendido que cada programa era único, embora as garotas pudessem e devessem acumular as experiências adquiridas para fazer um trabalho cada vez melhor, fidelizar clientes e ganhar mais dinheiro. Este casal, atendi num motel da Barra da Tijuca. Negocieei com a mulher o tempo todo por telefone antes do encontro. Ela insistia que eu deveria estar linda e que deveria caprichar no trabalho.

Cheguei ao motel. Outro casal bonito. Ainda mais jovem que o anterior. Ficamos um tempo na banheira, os três, conversando sobre os amigos deles e seus trabalhos. Eles me contavam sobre brigas e intrigas entre conhecidos, mas na verdade, não tinham a preocupação de me fazer entender o enredo das histórias que contavam. Eu apenas escutava, como sentia que era para fazer.

Eis que a moça me revela, depois de alguns copos de vinho, que aquela era a segunda vez que eles faziam um *ménage a trois*. Mas que na vez anterior não conseguiram terminar o programa porque ela se enraiveceu de repente e atirou um copo de vinho na garota de programa. Achei então que eu deveria ficar mais com ela, na hora do sexo, como havia sido com o outro casal. Mas li errado o sentido da história do copo de vinho atirado na garota. Eu deveria ter tentado não deixá-la enciumada, mas deveria ter ficado mais com o homem, já que, como ela já havia me dito por telefone, tratava-se de uma comemoração pelo aniversário dele. “Eu dei você de presente para ele” – ela disse.

No quarto ela me dizia “Ah menina! Tem que deixar o ciúme de lado... ir forçando pra não sentir ciúme, que isso é uma coisa que, se você não faz, ele vai fazer com duas amantes. Então eu prefiro estar junto” Acho que essas coisas me fizeram sentir um pouco de pena dela e por isso, dei mais atenção a ela, no programa. Mas aí foi o jovem marido quem ficou enciumado, embora não tenha me jogado uma taça de vinho, me convidou a sair, após pagar o cachê, com apenas vinte minutos de programa.

CONCLUSÃO

É hora sintetizar as contribuições que este trabalho pretendeu dar ao debate antropológico especializado. Aproveitarei este espaço para responder a algumas das críticas que o trabalho sofreu, ao longo de sua elaboração.

À primeira delas, de que um mero “testemunho inteligente” não teria nada a acrescentar à antropologia e seria um exercício sem nenhum valor para a disciplina, gostaria de colocar que os limites entre o testemunho (como voz do nativo) e a análise (como voz do pesquisador) não são nunca assim tão claros, uma vez que a fronteira entre sujeito e objeto de conhecimento possa ser colocada em questão, como procurei fazer aqui.

Certamente alguns antropólogos, entrincheirados em sua integridade intelectual, ver-se-ão muitíssimo distantes de certas confusões e questionamentos conceituais que infestam a antropologia produzida aqui nos trópicos. Mas creio que o raciocínio antropológico que o colonizado é capaz de elaborar traga, em semente, a possibilidade de transformação de uma disciplina nascida de inquietações provocadas por dúvidas a respeito da natureza humana de nativos não cristãos e de pele escura. Por ora quero ressaltar que, a nossa nudez, a cor da nossa pele, a complexidade de nossas crenças não nos impediu de nos apropriarmos desta casta ciência para, sujando-a, enriquecê-la. E todo o circo armado em torno de posições tradicionais de poder e fala já ameaça, há tempos, desmoronar.

Penso que este trabalho seja um fruto desta tendência, que certamente incomoda a alguns, preocupados, por exemplo, em utilizar o termo “puta” entre aspas. Eu mesma utilizei o termo entre aspas ao longo de todo o trabalho. Mas foi menos preocupada em macular a sofisticação da linguagem científica, marcando uma distância em relação ao jargão nativo, e mais para dar destaque a uma palavra que possui tamanha relevância política, quando se toma por objeto o sistema moral que orienta nossa matriz de sexualidade.

Este plano mais político, no qual se desenvolve esta tese, trouxe para o centro do debate a questão de como temos nos relacionado em campo, movidos por quais interesses e sentimentos, e mais especificamente, como temos tratado a questão do sexo em campo. Estes segredos abrigados nos diários dos etnógrafos têm muito em comum com a necessidade de se fazer segredo do ofício de prostituta. Pois percebemos a partir daí que, a despeito da tal liberalização, o sexo permanece sendo entendido como poluidor, apenas redimido pelo amor romântico, pelo objetivo da procriação ou, no máximo, por um interesse mútuo ao qual, excluindo a mera satisfação sexual mediada por trocas econômicas, é atribuído valor de autenticidade.

Motivada então pela identificação com o campo e interessada nos “segredos das tribos”, fui levada a me perguntar sobre os alicerces epistemológicos do trabalho antropológico, diluindo uma voz uníssona, do pesquisador, nos encontros que a faziam falar. E esta iniciativa necessitou de constante reformulação da parte metodológica da tese.

A ideia inicial era perceber pesquisador e nativo como um todo orgânico, de caráter híbrido. Mas, ao longo do trabalho, tornou-se necessária a delimitação de um “eu” do narrador-antropólogo, o que me fez revisitar a versão inicial da metodologia.

Percebi, a partir das muitas contribuições que tive, que englobar totalmente a figura do pesquisador pela pele de Giovana, terminaria por ocultar minha posição em campo, que deveria ser, necessariamente, explicitada para a verificação de que olhar me fora habilitado ali.

Se isso não torna vital dizer se eu me tornei ou era nativa, é porque “as prostitutas” não constitui nada além de uma abstração, o desenho de um tema, de modo que é ilusório pensar, a partir deste tema, num “outro” a que o pesquisador poderia se converter. As discussões a respeito de “tornar-se nativo” revelam uma preocupação excessiva com um aspecto único das identidades das pessoas de carne e osso, reunidas sob a rubrica de “putas”. Se elas também são mães, podólogas, musas de futebol, psicólogas, atrizes, filhas e esposas, ou pesquisadoras, e se a vida social é capaz de acomodar uma imensa conciliação de papéis, não há nenhum grupo homogêneo e fechado, no qual o ingresso ou não ingresso mereça ser discutido.

Procurei então esboçar uma proposta epistemológica através do recurso metodológico de criação de uma personagem protagonista: Giovana fala sobre uma maneira possível de se relacionar em campo. Ela é a relação de determinado tipo, que eu escolhi manter com o campo, a fim de fazê-lo falar sobre o que me interessava ouvir. E por isso, Giovana fala sobre a questão da distância/proximidade do pesquisador em campo.

Na medida em que vou me aproximando de Giovana em suas experiências de prostituição, como quando etnografo o ensaio de fotos que eu mesma fiz para um site de anúncio de garotas de programa, nos identificamos, quase como se não se pudesse distinguir entre as duas vozes; a minha e a dela. E na medida em que me aproximo de Giovana enxergo-a com uma profundidade instigante, que muito interessa ao recorte deste trabalho. Mas quando delimito um “eu” para explicitar minha posição em campo, me distingo da protagonista, pelo motivo que passo a explicar.

Marylin Strathern (2014) discute os limites da autoantropologia e percebe que a relação com o leitor também é uma relação determinante da etnografia, é a quem ela se destina. Não bastaria, então, nos debruçarmos sobre a relação sujeito-objeto de conhecimento, para compreender as condições de produção do trabalho etnográfico.

Giovana poderia resolver minha relação com os leitores, na medida em que é um artifício textual, mas não dirá nada sobre minha posição em campo se não tivermos em conta que ela é também formulada a partir de uma crítica ao conceito político-epistemológico de “outro”. É admitida, assim, como forma de se relacionar em que a identificação ganha destaque na interação. E propõe substituir desta maneira uma relação que tem sido imaginada como sendo alicerçada sobre uma oposição entre as partes que interagem (a relação pesquisador-nativo, cujo modelo é a relação sujeito-objeto de conhecimento).

Foi então preciso delimitar um “eu”, marcado pelas minhas posições de gênero, classe e pela minha corporalidade, para desenhar um pertencimento específico ao grupo, diverso daquele cujo espécime representa o próprio grupo. Quando me distancio resolvo, aí sim, minha relação com o público leitor. Dando-lhe confiança nos dados fornecidos ao explicitar uma posição “exclusivamente” minha em campo, ou, se partilhada em alguns aspectos pelas interlocutoras nativas, ao menos especificamente minha.

Esta delimitação de um lugar particularmente meu em campo vem mostrar como essa identificação se produz entre pesquisador e nativos. Sendo, Giovana, uma virtualidade que é efeito desta identificação.

E foi somente a partir desta identificação que se tornou possível ser afetada pelo estigma da prostituição, fazendo com que este trabalho se tornasse uma tese política contra este estigma que implicou em proibições, violências, castrações e perdas. Mas que também implicou na proliferação de alianças para a resistência, bem como numa necessária atitude criativa para dar conta, através da reflexão, de todo este processo. Acredito que esta tese acaba então por evidenciar a dimensão positiva/ produtiva que vem no rastro da administração do estigma.

Por isso tentei entender sobre o que nos fala o silêncio em torno da atividade prostitucional. Se este segredo autoriza uma aproximação com a experiência da arte erótica de Foucault, ele nos fala sobre formas específicas de articulação de poder e saber em assuntos que envolvem experiências sexuais, entendidas como fundamentais aos processos de subjetivação na nossa sociedade.

Estes jogos de poder implicados nas práticas sexuais de diversos tipos constituem um emaranhado de forças que orientam a circulação de informação, estabelecem hierarquias que definem alguns discursos como válidos, e outros não. E definem sanções dirigidas a quem ousa quebrar o pacto do decoro e revelar segredos sobre os quais não se desejaria saber. Milhares de técnicas para a gestão das informações relativas a estas práticas sexuais ignóbeis procuram assim controlar este fluxo de saber, regulando também as atribuições de poder que daí emanam.

O medo de encontrar o pai, como homem investido de autoridade, foi o achado etnográfico que permitiu compreender que a prática sexual que precisa ser mantida em segredo conta com uma constante apreensão a respeito do banimento de um círculo moral. A prostituição “de luxo” insiste em marcar um pertencimento a este círculo, através de um silêncio pactuado a respeito de suas práticas e de certas regras de etiqueta que necessitam ser respeitadas dentro deste universo —e cujo desrespeito expõe a mulher a violências de diversas ordens.

As condições de vida a que estão submetidas tais mulheres, em função do trabalho que exercem, as deixam imprensadas então num lugar social muito específico. Neste lugar, elas passam a ocupar uma posição econômica privilegiada em relação àquela que ocupariam sem este recurso, e, têm acesso então a bens de consumo e símbolos de status antes inacessíveis. Ao mesmo tempo, o usufruto destes ganhos é limitado pela proibição de exposição do ofício de prostituta na esfera pública e nas redes pessoais destas garotas.

Numa visão vitoriana ainda recorrente, são entendidas por muitos consumidores de seus serviços como fundamentais para a manutenção do casamento, servindo de válvula de escape para a sexualidade masculina, mal contida nesta instituição. São, ao mesmo tempo, vistas como peças desencaixadas do ambiente familiar. E cuja atuação deveria ser sempre a partir de fora e invisível. Uma tarefa ingrata pelo valor moral maldito que se lhe outorga e que joga sobre os ombros delas o peso de toda esta dissimulação. Este quadro denuncia, a meu ver, um caráter de farsa da conjugalidade heterossexual, para as mulheres em geral, dentro dos moldes mais tradicionais.

Há que haver “putas” para ensinar os homens a fazer sexo, para satisfazer seus desejos, para ajuda-los a manter seus compromissos conjugais e desafoga-los das pressões sociais neles implicadas. Mas, ao mesmo tempo, nenhuma mulher deve ser “puta”. E as que ousarem fazelo estarão, irremediavelmente, poluídas. São mulheres mentirosas, a quem falta a sensibilidade e a nobreza dos sentimentos sinceros, dadas a vilezas e manipulações. Por elas um homem não deveria jamais apaixonar-se, a não ser por infelicidade. Esta contradição cria um mal estar para as prostitutas (e também para seus clientes regulares), que em permanente negociação com este imaginário retrógrado, são perseguidos pela culpa, pela ansiedade, pelo sentimento de vício e pela convivência com os riscos e com violências de tipos variados.

Sendo assim, enquanto silêncio ou mistério, o segredo é a forma de controle da informação mais utilizada por estes agentes. Ao mesmo tempo em que a ameaça de sua revelação é fonte de aflição permanente, também marca pertencimentos, estabelece cumplicidades e cria vínculos, fortalecidos pela partilha do que é oculto. Enquanto técnica, o

segredo guarda toda uma ciência que procurei sondar através do inventário das artimanhas utilizadas em momentos diversos do fazer prostitucional.

No salão, no vestiário, no quarto, Giovana vai se construindo a partir desta ciência. Da maquiagem mais adequada, de um jeito de dançar, das falas prontas para abordar os clientes que contam, ao mesmo tempo, com uma capacidade de improviso a partir das ações do outro, ela se vai formando. Os olhos e a boca por detrás daquela maquiagem podem ser quaisquer olhos e qualquer boca. O corpo que dança na boate pode ser qualquer corpo. A voz que seduz os homens dizendo-lhes ao pé do ouvido o que mais desejam escutar pode ter a maciez do tom produzido pelas gargantas jovens, ou pode ter a rouquidão provocada pelas alterações metabólicas dos anabolizantes. Giovana é, pois, um fantasma, uma roupa que pode ser vestida por qualquer mulher. Mas ela não é menos real do que eu, o leitor, ou qualquer personagem que habita a vida social. O que ela nos fala, a partir desse conjunto espectral, é que o que realmente importa.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ARAGÃO, Luiz Tarlei de. *Em Nome da Mãe - posição estrutural e disposições sociais que envolvem a categoria mãe na civilização mediterrânea e na sociedade brasileira*. In: *Perspectivas Antropológicas da Mulher Vol.3*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- ARAÚJO, Patrício Carneiro. *Segredo no Candomblé – relações de poder e crise de autoridade*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, São Paulo, 2011.
- ARAÚJO, Rogério. *Prostituição: artes e manhas do ofício*. Goiânia: Canone Editorial, 2006.
- BACELAR, Jeferson Afonso. *A Família da Prostituta*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia (Ensaio 87), 1982.
- BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- BENÍTEZ, María Elvira Díaz. *Nas Redes do Sexo – os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BERGSON, Henri. *Duração e Simultaneidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BLANCHETTE, Thaddeus; SILVA, Ana Paula da. Amor um Real por Minuto- a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano. In: PARKER; CORREA (Orgs.). *Sexualidade e política na América Latina: histórias, intersecções e paradoxos*. Rio de Janeiro: ABIA, 2011. p.192-233.
- BLANCHETTE, Thaddeus; CAMARGO, Gustavo. Idealismo Alemão e o Corpo Alienável: repensando a “objetificação” no contexto do trabalho sexual. In: SIMÕES, Soraya; SILVA, Hélio; MORAES, Aparecida (Orgs.). *Prostituição e Outras Formas de Amor*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2014.
- CAMPBELL, Colin. *A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- CASTARÈD, Jean. *O Luxo: os segredos dos produtos mais desejados do mundo*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2005.
- CESARA, Manda. *Reflections of a Woman Anthropologist*. London: Academic Press, 1982.
- CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica – antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.
- DABHOIWALA, Faramerz. *As Origens do Sexo - uma história da primeira revolução sexual*. São Paulo: Globo, 2013.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis - para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAWSEY, John C., MÜLER, Regina P., HIKIJI, Rose Satiko G; MONTEIRO, Marianna F. M. (Orgs.). *Antropologia e Performance – ensaios NAPERDRA*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo: ensaio sobre a noção de poluição e tabu*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991.

DUBICH, Jill. “Lovers in the Field” Sex, dominance, and the female anthropologist. In: KULIC, Don; WILLSON, Margaret (Orgs.). *Taboo –sex identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. Londres: Routledge, 1995.

FAVRET-SAADA, Janne. Ser Afetado. *Cadernos de Campo*, n 13, 2005.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. *Desejos Regulados: Grupos de Ajuda Mútua, Éticas Afetivo-Sexuais e Produção de Saberes*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2012.

FERREIRA, Paulo Rogers. *Os afectos mal-ditos: o indizível nas sociedades camponesas*. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

FLEISCHER, Soraya Resende; BONETTI, Alinne (org.). *Entre Saias Justas e Jogos de Cintura*. Santa Catarina: EDUNISC, 2007.

FOKKENS, Martine; Louise. *As Senhoritas de Amsterdã- confissões das gêmeas prostitutas mais antigas da cidade*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2014.

FONSECA, Cláudia. A Dupla Vida da Mulher Prostituta. *Revista Estudos Feministas*. N 1. 1996.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade I – a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade II –o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade III – o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Relógio D’água, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos IV – estratégia, poder e saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912 – 1914)*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012.

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de Programa – prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: la identidad deteriorada*. Buenos Aires: Amorrortu editors, 1963.

- KILLICK, Andrew P. The Penetrating Intellect. In: KULIC, Don; WILLSON, Margaret (Orgs.). *Taboo –sex identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. Londres: Routledge, 1995.
- KLINGSÖHR-LEROY, Cathrin. *Surrealismo*. Colônia: Tschen, 2007.
- KRAFFT-EBING, Richard Von. *Psychopathia Sexualis: as histórias de caso*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KULIC, Don; WILLSON, Margaret (Orgs.). *Taboo –sex identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. Londres: Routledge, 1995.
- LEONINI, Luisa. Os Clientes das Prostitutas – algumas reflexões a respeito de uma pesquisa sobre a prostituição em Milão. In: *Masculinidades*. Santa Catarina: Boitempo Editorial, 2004.
- LOPES, Natânia. *Os bandidos da Cidade- formas de criminalidade de pobreza e processo de criminalização dos pobres*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- LOPES, Natânia. Controle Sobre os Corpos e Administração do Tempo em Bordeis Cariocas. *Revista Ponto Urbe*. N 17, 2015.
- MARCUS, George. Entrevista (por Heloisa Buarque de Almeida, Lídia Marcelino Rebouças e Vagner Gonçalves da Silva). *Cadernos de Campo*, n 3, 1993.
- MAUSS, Marcel. As Técnicas dos Corpos. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosacnaify, 2011.
- NAIDIN, Silvia. *(Bio)tecnologias do corpo e do gênero: uma análise da construção de corporalidades femininas*. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- OLIVAR, José Miguel Nieto. *Devir Puta – política da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- PASINI, Elisiane. Limites Simbólicos e Corporais na Prostituição Feminina. *Cadernos Pagu*, n 14, 2000b.
- PASINI, Elisiane. Sexo com Prostitutas, uma discussão sobre modelos de masculinidade. In: BENÍTEZ, María Elvira Díaz; FÍGARI, Carlos Eduardo (Orgs). *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- PERLONGHER, Nestor. *O Negócio do Michê – a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.
- PISCITELLI, Adriana. *Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- PRECIADO, Beatriz. *Manifesto Constrassexual*. São Paulo: N-1 Edições, 2015.
- RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite – prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

- ROBERTS, Nickie. *As Prostitutas na História*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1992.
- ROJO, Luiz Fernando. *Vivendo “nu” paraíso: comunidade, corpo e amizade na Colina do Sol*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.
- ROSALDO, Renato. *Cultura y Verdad – la reconstrucción del análisis social*. Equador: Ediciones ABYA-YALA, 2000.
- SCHWARTZMAN, Helena. Studying Up and Studying Down. *Ethnography in Organizations*. Londres: SAGE Publications, 1993.
- SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). *Masculinidades*. Santa Catarina: Boitempo Editorial, 2004.
- SILVA, Denise Ferreira da. Zumbi & Simpson, Farrakan e Pelé: as encruzilhadas do discurso racial. *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 33, p. 87-98, 1998.
- SIMMEL, George. *Psicologia do Dinheiro e Outros Ensaios*. Lisboa: Texto & Grafia Editora, 2009.
- SIMMEL, George. A Sociologia do Segredo e das Sociedades Secretas. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: EDUFSC, Volume 43, Número 1, p. 219-242, abril de 2009.
- STRATHERN, Marylin. *O Efeito Etnográfico – e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- TADDEI, Angela. Sobre a Escrita Etnográfica. *Aurora*, v. 5, p. 103-118, Edição Especial, 2012.
- VERSIANI, Daniela Beccaccia. Autoetnografia – uma alternativa conceitual. *Letras de Hoje*, v 37, n 4, 2002.
- WAGNER, Roy. *A Invenção da Cultura*. São Paulo: Cosacnaify, 2014.
- WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma – notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ANEXO A – Cartas a Theo

De Pedro
Para Giovana
Em: 12/09/2012
Oi, Giovana,
Tudo bem?

Eu sou aquele coroa amigo da Ju. Fiquei te esperando com ela, há alguns dias, mas você não apareceu, e soube que tinha sido um mal-entendido.

Mandei um e-mail na semana passada, mas como você não respondeu, acho que enviei para o endereço errado. Queria te conhecer, pois a Ju falou tão bem de você que fiquei curioso. Ela disse que você, além de bonita e de ter um corpaço é alegre, inteligente, ótimo papo, adora umas cervejas, sem falar que tem um ótimo nível. Quando você teria um tempo pra gente se ver? Quanto cobraria pra ficar umas 3 horas? Não estou muito preocupado com o valor, pois pelo que disse a Ju vai valer a pena, mas queria saber pra me programar. Espero sua resposta. Bj

De Giovana
Para Pedro
Em: 27/09/2012

Querido, eu estou trabalhando só com uns poucos clientes fixos, minhas fotos não estão no site porque além de muita exposição, trabalhar dessa forma não é compatível com a minha vida e agenda. Mas posso mandar as fotos pra você me ver, que estão num outro pc. Você avalia e vê se quer mesmo me conhecer. Tenho cobrado 500 por uma hora, mais o deslocamento do taxi. Por três horas eu posso fazer 800 Reais, mais o taxi. Não sei onde você mora, mas a tijuca é um bom lugar pra mim e o taxi sai barato pra você, porque moro perto. Desculpe a demora em responder. Estou enlouquecida com muitos compromissos.

Um beijo
Gi

De Pedro
Para Giovana
Em: 27/09/2012
Oi, Gi.

Por mim está fechado o valor por 3 horas. Pode ser na Tijuca sim. Não precisa mandar as fotos. Já sei que você é maravilhosa e que tem um papo ótimo e que é muito inteligente - isso pra mim é importante. Como você, tenho uma agenda complicada. Me manda algumas datas e horários na semana que vem pra gente ver como combina.

Legal que vc respondeu.
Bj

De Giovana
Para Pedro
Em: 28/09/2012

Obrigada pelas gentilezas todas, querido. Segunda-feira eu tenho o dia todo livre. Mas eu prefiro encontrar sempre, se possível, a partir das 13 hs. Sábados e domingos também tenho livres. Terças e quintas posso na parte da tarde, tenho que te deixar até as 16 hs. Quartas e sextas posso a partir das 18 (e para mim são os dias mais convenientes).

Um beijo Gi

De Pedro

Para Giovana

Em: 28/09/2012

Bom dia, Giovana.

Podemos marcar na terça que vem, uma da tarde, pode ser? Assim você sai às 4, com calma. Que motel você sugere? Me diga seu telefone para que a gente possa se falar nesse dia, se for necessário.

Bj e bom fim de semana.

De Giovana

Para Pedro

Em: 28/09/2012

Terça às 13 hs. Pode ser no Corinto, onde você foi com a Cris. Confirmamos por telefone com uma hora de antecedência. Te passo o número depois, ok?

Um beijo

Gi

De Pedro

Para Giovana

Em: 28/09/2012

Fechado. Mas, me mande seu número com antecedência, pra que eu possa confirmar se vc vai. Comigo está tudo certo. O meu é xxxx-xxxx. Bj e bom fim de semana.

De Pedro

Para Giovana

Em: 01/10/2012

Oi, Giovana,

Tudo certo para amanhã? Por favor, me passe seu celular para que a gente possa se falar uma hora antes, como você pediu.

Bj

De Giovana

Para Pedro

Em: 01/10/2012

Confirmado. É xxxx-xxxx. Um beijo

Gi

De Pedro

Para Giovana

Em: 02/10/2012

Que bom. Te ligo uma hora antes como vc pediu, mas estarei lá. Bj e boa noite.

De Giovana

Para Pedro

Em: 13/10/2012

Querido, estou confusa. Recebi um torpedo meio malcriado seu há alguns dias. Reclamando da minha ausência de respostas a contatos teus. Dizia que tinha me mandado e-mails. Aqui estou, na minha caixa de e-mails vazia, sem nenhum mail novo teu. O que está acontecendo?

um beijo

Gi

De Pedro
Para Giovana
Em: 13/10/2012

Oi,

Não houve nenhum torpedo meio malcriado. Até pq não faria sentido ser malcriado com vc. Resumindo: Há alguns dias te mandei um e-mail dizendo que estava conversando com a Cris, e que ela estava com vontade de remarcar nosso encontro que não havia acontecido. Era uma sexta e, nesse e-mail, perguntei se vc poderia na segunda seguinte. Como sei que nem sempre vc acessa seu e-mail, e sua resposta não veio, enviei um torpedo. Vc não respondeu. Mandei novo e-mail e novo torpedo, pra saber se vc queria remarcar. Como, de novo, não houve resposta, entendi que vc não estava a fim de sair com a gente. Só isso.

bj

De Pedro
Para Giovana
Em: 13/10/2012

Completando o email anterior, se vc quiser, diga quando pode na semana que vem que eu vou ver com a Cris.

bj e bom fim de semana

De Giovana
Para Pedro
Em: 16/10/2012

Eu não recebi e-mail nenhum e nem torpedo também. O telefone que eu te dei não existe mais. Só o rádio agora.

Posso na quinta, mas meu teto é 16 hs (ou 16:30 se for num motel mais perto da minha casa que o corinto, talvez o cartago).

Posso sexta depois das 18.

Sábado e domingo a partir das 13 até 18 estou livre. Segunda-feira é um ótimo dia pra mim, o melhora da semana! Posso ajustar meu horário com mais liberdade esse dia, conforme a conveniência nossa.

Um beijo Gi

De Pedro
Para Giovana
Em: 16/10/2012

Oi, que bom que vc respondeu. Vou falar com a Ju sobre o sábado, a partir das 2, ou na segunda, a partir das 13h. Te respondo a noite.

bjs

De Giovana
Para Pedro
Em: 16/10/2012

Querido, desculpe a confusão, mas acabo de decidir que vou viajar sábado e só volto na segunda a tarde. Estou precisando de um fim de semana sabático pra ver se ponho alguma ordem nas confusões da minha cabeça.

Dessa maneira, pode ser na terça que vem? Ou na sexta agora? Saio às 18 da faculdade. Posso chegar em 20 minutos no Corinto.

Um beijo

Gi

De Pedro

Para Giovana

Em: 17/10/2012

Sem problemas, acho que vai te fazer muito bem. Espero que aproveite. Vamos marcar na terça, você vai estar mais descansada e mais feliz. Se puder, queria marcar por 3 hs, pra gente curtir com calma, pois é muito bom estar com vc. Pra mim é melhor a tarde. Que hs é bom pra vc? bj

De Giovana

Para Pedro

Em: 18/10/2012

Que amável! rs.. seremos eu, vc e Cris?

Terça eu dou trabalho às 18. Quanto mais perto do meu trabalho, mais tarde posso sair. O problema é que não pode ser muuuuito perto, por motivos óbvios. Sugiro estão que nos encontremos às 14 hs no cartago. Vc conhece? Aí ficamos até às 17 ou 17:20... Pode ser assim?

Um beijo Gi

De Pedro

Para Giovana

Em: 18/10/2012

Oi, tudo bem?

Seremos nós três sim, vai ser super-divertido. Tá fechado no Cartago, às duas horas. Nunca fui lá mas não deve ser difícil de achar.

Queria apenas te pedir um favor: em vez de você confirmar uma hora antes, queria falar com você ao meio-dia. É que vou sair da Zona Sul, e se te ligar pra confirmar uma hora antes já estarei no caminho. Pode ser assim? Me mande um e-mail respondendo.

Aproveite bastante seu fim de semana sabático. Você merece.

bj

De Giovana

Para Pedro

Em: 21/10/2012

Ok, podemos confirmar ao meio dia.

bj Gi

De Pedro

Para Giovana

Em: 21/10/2012

Bom dia,

Ótimo. Se tiver outro número, me passa. Só pra lembrar, o meu é xxxx-xxxx.

bj e bom domingo.

De Giovana

Para Pedro

Em: 17/11/2012

Querido, saudades!

Segue minha monografia em anexo. A paginação do sumário não está certa. E o arquivo q te mando não está paginado tb... Eu gostaria q vc visse o capítulo 3 e a parta da discussão sobre metodologia. Qd vamos nos ver? um beijo Gi

De Pedro

Para Giovana

Em: 18/11/2012

Giovana,

Muito, mas muito bom! Quero conversar com você sobre o trabalho, com calma. Falar de detalhes, entender melhor algumas coisas. Mas, o que importa, parabéns!

Você é realmente fascinante, especial. Queria conversar sobre essa sua dualidade, que oscila entre observação e interação, neutralidade e contágio, um pêndulo que acaba te colocando, sempre, diante de dilemas, como o que você vive hoje. Conforto ou risco?

Garoto de programa ou Sambista/malandro/machista?

Independência ou dependência?

Mulher ou dominadora?

Psicóloga ou Garota de Programa?

Afinal, quem é você? O que vc quer ser?

E, quem diz que é preciso escolher?

Se você quer saber o que senti por você ao terminar de ler, aí vai: um profundo respeito!

Vamos nos ver sim.

Me passa os horários da semana em que vc tem tempo.

bjs

De Pedro

Para Giovana

Em: 19/11/2012

Olá querido! Obrigada! O teu mail me deixou muito contente! Meus horários disponíveis são amanhã, que é feriado. Quarta depois das 18 hs. Quinta entre 14 e 17 e no fim de semana.
um beijo

Gi

De Giovana

Para Pedro

Em: 15/12/2012

Querido, seguem as fotos e a monografia, que você pediu por telefone para eu mandar outra vez. bjo Gi

De Pedro

Para Giovana

Em: 15/12/2012

valeu, vou imprimir e mandar pra uns amigos.

quanto às fotos, vc está maravilhosa. fiquei doido pra te ver outra vez.

por favor, não faz mais fotos com esse bumbum maravilhoso, fica difícil segurar a onda por aqui (rs). ou então faz logo uma tabela vip \$ (rs). bjs, adorei, parabéns.

De Pedro

Para Giovana

Em: 16/12/2012

Giovana, o que é a foto 102??? O remédio fez o que era bonito ficar alucinante. Não maltrata a galera! Deleta essa foto (rs)....

De Giovana

Para Pedro

Em: 16/12/2012
Tabela vip???

De Pedro
Para Giovana
Em: 16/12/2012
Rs Entrou na pilha?
Adoro o que é vip, exclusivo,
Onde encontro a tabela? bj

De Giovana
Para Pedro
Em: 17/12/2012
Tabela vip:
Pra me encontrar essa semana: 1000/ 3 hs (oral sem camisinha, beijo na boca)
A partir da semana que vem: 1500/ 3 hs (oral sem camisinha, beijo na boca)
Anal: acréscimo de 1000 ao cachê.
um beijo com saudade Gi

De Pedro
Para Giovana
Em: 17/12/2012
Adorei! Só não entendi o aumento da semana que vem. É por conta do Natal? rs
Quinta de uma e meia às quatro e meia, na Barra, você pode?
bjs saudades

De Giovana
Para Pedro
Em: 17/12/2012
Posso sim. Ta marcado!
(Cara, perdi um trabalho de 3000 Reais em Itaipava hj!!!! Que ódio! Reunião no trabalho...
olha que perigoso esse conflito do muito dinheiro com a carreira de psicóloga... enfim!
Resistir é preciso.)
Um beijão Gi

De Pedro
Para Giovana
Em: 19/12/2012
Fechado. Se pra vc for melhor de duas às cinco tb posso, só me avisa.
Vamos conversar sobre essa dúvida psicologia/grana e , se vc tiver no clima, vamos de VIP
pra reduzir um pouco o prejuízo que vc teve. Mas só se vc estiver a fim.
Podemos, tb marcar de novo na sexta ou sábado, aí vc esquece de vez o preju de Itaipava.
Vou aproveitar e te dar o livro que comprei pra vc.
Decida sobre o horário e me fale. bj

De Giovana
Para Pedro
Em: 19/12/2012
Ai, querido, você só me dá alegrias! Às 13:30 pra mim é melhor. Prefiro que seja no Skorpio,
na Barra, tudo bem pra você? O que você quis dizer com "vamos de vip"? Fazer anal?

Vamos!!! Eu estou a fim! E sempre quero reduzir o prejuízo, ou, maximizar o ganho-- evidentemente. Marcar sábado de novo!!! Que excelente proposta, meu bem!.. Livro pra mim! Ai Deus... tudo muito bom..

Sabe... da última vez que saí do motel, no nosso último encontro, eu reparei como eu estava contente. Vi uma menina passando embaixo de uma buganville lilás muito florida. A blusa da menina era (ou me pareceu) exatamente do mesmo tom de lilás das flores. E isso me fez achar graça e ficar feliz com a coincidência. Fiquei pensando no porque de eu estar assim, e acho que sei a resposta. Não é só porque você me paga bem, nem só porque você é sempre muito elegante e gentil, nem só porque é culto, nem só porque o sexo é bom.

A relação do cliente com a garota de programa é muito delicada, eu acho. Há que se encontrar um equilíbrio muito fino entre manter a sedução, ajustar preços e serviços prestados, cuidar da leveza do encontro, ser sensível à interação, sem falar nas afinidades necessárias pra que tudo corra bem e haja um interesse mútuo... e como lidar com a implacável desmistificação que o dinheiro pode trazer à relação? É preciso manter a calma. É preciso muita, mas muita sensibilidade mesmo... e aquele estado de espírito sintônico, quando parece que tudo vai dando certo e se acomodando em seu devido lugar.

Li a seguinte frase num livro que se chama "os bordéis franceses", de Laure Adler: " quando o relacionamento se desnuda a ponto de não ser nada além de sexo a troco de dinheiro, abandonam o amante e preferem o atordoamento encontrado na multiplicidade de relacionamentos". Descobri aí o porque de eu sempre acabar "terminando" com os clientes como se fossem namorados. Quer dizer; se a relação é puramente profissional, não haveria como falar em "enjoar" dessa ou daquela pessoa; não deveria haver motivo para não querer encontrá-la mais. Mas como eu sou boba!!! É claro que nenhuma relação na face da Terra pode ser só profissional! Mesmo a compra do pão com o padeiro --se é uma padaria que você frequenta com alguma regularidade, e não uma padaria onde você comprou um pão eventualmente, uma vez na sua vida-- passa por uma relação pessoal. É difícil e complicado reconhecer essa relação pessoal quando se vende o sexo, que é tão romantizado, sacralizado e tido como verdade última do sujeito. Um problemão pra minha vida e pra minha pesquisa... Eu gosto de estar com você porque pagar pelo sexo ou pelo encontro não te redime de nada. Porque você não barganha nem no tempo, nem no preço, nem insiste para que se faça isso ou aquilo. Porque você se desculpa por atender o telefone no meio da conversa, apesar de achar que eu, como a Irene Preta, não preciso pedir licença pra entrar no céu. Acho que é isso...

Um beijo Gi

P.S: Eu, mais ou menos por acaso, ganhei de presente a câmera que tinha te pedido. Obrigada, de qualquer jeito.

De Pedro

Para Giovana

Em: 19/12/2012

Você não para de me surpreender.

E olha que eu sou chato, exigente, intelectualmente preconceituoso, pouco dado a concessões! Você é linda, gostosa, sapeca, irresponsável, sedutora, provocante, sabe o poder que tem. Mas, quantas são assim? Sua inteligência, angústia existencial, facilidade para perceber o essencial, abandonando o acessório que, por definição, é irrelevante, capacidade de questionar, não-aceitação do óbvio, e, pra completar, um enorme talento pra redigir, te fazem irresistível. Um convite permanente a decifrar o enigma, a entender a mitologia que está dentro de você. Decifra-me ou te devoro? Não! Um exercício físico/intelectual/arquetípico único. Autofágico, talvez. Que sorte a minha!

Só um idiota reduz essa experiência à troca pura e simples, ao mercantilismo reducionista que leva à barganha ou à imposição deselegante e desrespeitosa, ao prazer instantâneo e fugaz.

Adorei as suas fotos. Adoro seu corpo, seus peitos, sua bunda, seus pelos mal aparados, seu beijo, seus gostos, seu cheiro. Mas a cada beijo, a cada gozo, a cada vez que eu te chupo, vejo e sinto uma mulher admirável, rara, daí o tesão, o desejo, o respeito. Cada vez é melhor que a anterior.

Quando te deixei no shopping, enquanto você observava a menina sob o bugainville, eu via vários homens te olhando, te despindo, babando como lobos esfomeados. Coitados! Não sabem de nada. Nos vemos amanhã, uma e meia no Skorprios (é aquele na rua dos motéis na Barra, não?).

bjs

De Giovana

Para Pedro

Em: 24/12/2012

Querido,

desculpe o breve sumiço. Estive às voltas com problemas pessoais: fechamento de relatórios, trabalhos da pesquisa, os dois namorados (que o sambista reapareceu, mas tomou um soco no nariz e agora já está desaparecendo de novo, coitado..), presentes de natal pra família, exames médicos e ainda obras na minha casa. Enfim... muitas coisas, como sempre. Tive que me concentrar em desembaraçar alguns nós cegos esses dias.

Não tenho trombose nenhuma, como você supunha. Tenho só uma contusão bilateral, que vou tratar com fisioterapia e também anti-inflamatórios. No preventivo, segundo o médico, também não tem nenhuma alteração muito séria. E o tratamento com o antibiótico já está quase no fim. Agora, se você não se importa, não quero entrar em detalhes maiores sobre essas coisas de doenças. Eu acho que tenho uma veia hipocondríaca que não quero alimentar e que colide frontalmente com a a minha impulsividade. Daí eu tomo anabolizantes, depois morro de medo... uma coisa meio desconfortável e esquizofrênica.

Gostaria muito que nos encontrássemos antes do fim do ano. Será que rola? Daí eu queria conversar contigo pessoalmente sobre a possibilidade de chamarmos uma amiga pra sair com a gente uma vez. É colega da faculdade. Eu percebo que quando eu falo sobre os programas ela fica super curiosa e instigada. Gostaria que ela visse como é, tem aí uma vontade de aliciamento da minha parte por eu já ter naturalizado a prática e estranhar muito que pessoas realmente inteligentes a estranhem. Também não sei se ela toparia... é preciso amadurecer essa ideia com calma. Ela é uma moça bonita e com uma inteligência sensível -- do nosso time, portanto. Mas... você me disse que não curte muito sair com duas mulheres, ou eu inventei isso? Porque eu tenho essa vaga memória, mas a ideia inicial não era sairmos eu, você e Cris? Aliás, e a Cris??? Ela soube que a gente saiu da última vez? O que ela disse? um beijo

Gi

De Pedro

Para Giovana

Em: 24/12/2012

Giovana, Bom dia.

Não sou daqueles que ficam cobrando das pessoas fazer as coisas no meu tempo. Nem que as façam. Pra que complicar as relações? Quando a gente se encontrasse você ia me dizer o que houve, ou não, se achasse que não precisava.

De qualquer modo, fico feliz que não tenha sido nada demais, nos dois casos. Aliás, que antibiótico o seu gineco receitou? Importante que o bonitão tome também, se não você volta à estaca zero...

Me diverti com seu comentário sobre hipocondria x impulsividade. Não conheço ninguém que não tenha dúvidas o tempo inteiro sobre ir pra direita ou pra esquerda. Dinheiro ou compromisso com a psicologia? Dominar ou ser dominada? Por que escolher definitivamente? Um dia garota de programa, outro psicóloga responsável, pronto. Note que essas decisões são pra leitura externa. Você é tudo isso. Que bom que seja assim. A única coisa com a qual não se pode transigir é com o irreversível. Explico: você pode namorar os dois, um só, vários ou nenhum. E muda o quadro na hora que quiser.

Já transar sem camisinha com um cara de altíssimo risco -por mais que ele faça exames periódicos - sem proteção é colocar sua vida nas mãos do imponderável. Até porque ele pode pegar uma aids da vida ENTRE um exame e outro. Aí, amore, você já era... Prato cheio pro irreversível! Precisa? Acho que não. Mas, quem decide é você...

Quanto à sua amiga: não tenho problemas em sair com duas mulheres. Já fiz isso algumas (poucas) vezes. O que acontece é que, na hora, fico meio perdido, sem saber o que fazer, e sempre saio meio insatisfeito. Mas, quem sabe se com a sintonia que temos isso muda? Até porque sua iniciativa em relação a ela é claramente um exercício de poder -você adora, né? - e eu acho isso uma delícia! Serei seu cúmplice. A propósito, você viu um filme chamado "Ligações Perigosas"?

Fale mais da sua amiga. Pra começar, se ela fica curiosa e instigada é porque está a fim (olha a dualidade aí). Já rolou alguma coisa entre vocês duas? Manda uma foto pra eu ver (curiosidade).

O que vc iria propor pra ela? Um cachê pra sentir o gostinho? A saída teria limites ou valeria tudo? (medo x curiosidade x recompensa pavloviana x entrega x transgressão -que mulher não quer transgredir pra escapar ao menos uma vez do papel que a sociedade estabeleceu pra ela?). Bem, está nas suas mãos.

Quanto a mim, uma porra de um problema inesperado! Malho, faço aeróbica, acabo de fazer todos os exames de rotina e mais alguns. Semana passada, no meio de uma reunião, surgiu uma dor de cabeça lancinante, em minutos, pressão (12 x 8 sempre) foi a 20!!! Hospital, tomografias, ressonâncias, nada. Diagnóstico: estresse (faz sentido).

Liberado pelo médico pra vida normal, dois dias depois começo a transar com minha mulher..... dor de cabeça, pressão sobe, etc. Remédio, duas horas depois, tudo normal. Espero 3 dias (sem sentir nada, pressão normalíssima) lá vou eu transar, começa tudo de novo.

Ou seja, quando a circulação acelera acontece alguma merda. PQP. O médico está investigando pra ver que porra é essa. Enquanto isso, jejum.

Mas, a gente poderia se encontrar e conversar, sobre você, eu, sua amiga, te entregar o livro, e sobre você passar 3 dias comigo em Roma, em maio. Tenho um compromisso por lá e pensei em te levar, o que acha? Veja um dia desta semana e me fale. Despesas por minha conta. Se achar que vale, traga sua amiga.

Antes de acabar: vamos falar sempre por email. Vejo todos os dias. Às vezes largo o celular pela casa e a esposa pode ler seus torpedos.

Ah, a Cris! Vc acertou, ciúmes, não quer ouvir falar sobre sair com alguém que eu admire, respeite, morra de tesão, queira ficar experimentando coisas e ainda tenha uma puta afinidade intelectual. Na cabeça dela ia ficar em segundo plano. Fazer o quê? Cada um que lide com suas inseguranças... Bjs,

De Giovana

Para Pedro

Em: 26/12/2012

Querido,

Não quero falar sobre antibióticos, nem camisinha nas minhas outras relações... usamos nós a camisinha e pronto - como temos feito. Sei que suas intenções são boas mas isso me remete a

um sanitarismo da prostituição que me aborrece, ainda mais quando a prostituta sou eu. É claro que eu sei de todos os riscos e você também já me alertou. Obrigada.

O problema de transigir com o irreversível é que nunca se sabe quando estamos falando do irreversível, o que nos permite ousar. Ou melhor ainda, uma situação inocente, que se crê reversível e sem maiores complicações, sempre pode se tornar irreversível. Então é melhor não arriscar nunca? Talvez seja melhor então ficar sempre em casa, deitado na cama, num quarto acolchoado. E mesmo assim haverá riscos. Onde está a boa medida? O limite entre o que é saudável arriscar e o que deixa de ser uma boa aposta?

Estava conversando com aquela minha amiga da faculdade anteontem sobre isso. Ela acha arriscadíssimo fazer programa porque eu me coloco numa posição vulnerável e estigmatizada. E lido sozinha num quarto, sem outras pessoas em volta que possam me acudir em caso de problema, com homens desconhecidos, geralmente fisicamente mais fortes que eu. E ainda que, numa situação crítica, eu pudesse chamar alguém, o lugar moralmente problemático da prostituta não garantiria que outros intervissem por mim. Eu concordo com ela. Mas eu acredito na minha capacidade de manipulação, na minha sensibilidade à interação e no meu julgamento de observação das pessoas. E se eu posso um dia me deparar com um louco que desrespeite qualquer sinal que eu possa interpretar, fazer programa não é mais arriscado que andar na rua ou esperar o trem na plataforma. Quer dizer, sempre estamos a mercê daqueles que rompem com todos os sinais de previsibilidade social.

Esta minha amiga morou da Espanha por um tempo, fez pesquisa com crianças autistas comigo no ano passado, tem 30 anos. É morena, pele clara, magra, cintura fina, seios bonitos, pouco maiores que os meus, tem uma expressão suave e um belo rosto. Cabelos loiros, levemente ondulados, até o meio das costas. Olhos mel. Nós nunca ficamos. A ideia de propor o programa meio que caiu por terra quando ela me disse que nunca traiu o marido em três anos de namoro, nunca sequer beijou ninguém!! Como pode isso??? Com certeza ela não toparia... agora ela está viajando. Volta dia 10 e vai passar uma semana aqui em casa pra estudarmos pra prova do curso.

Mas tenho outra amiga, a Milena, a garota por causa de quem eu decidi fazer programa, minha grande amiga, que é toda saradíssima, bunda sobrenatural. Mas é muito difícil encontrar com ela. Previsibilidade nenhuma! Munda sempre o numero de telefone... desaparece e reaparece conforme a conveniência dela própria. Podíamos convidar ela pra sair com a gente! Ela toparia.

Vamos nos encontrar então pra almoçar e você me dar o livro e eu te falar das minhas amigas. Um almoço a la ligações perigosas... Quando? Antes do fim do ano!!! Amanhã devo ir a praia. Depois de amanhã também. Fico no posto 9 em Ipanema. Me passa sms.

Nunca vi ligações perigosas, não... li a sinopse, parece muito bom. Você viu "a vida dos outros"?

Um beijo

Gi